

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

TÍTULO: OS PROFESSORES LEITORES DOS LIVROS DE AUTO-AJUDA PARA CRIANÇAS

**AUTORA: MELISSA CRISTINA CORREA ASBAHR
ORIENTADORA: NORMA SANDRA DE ALMEIDA FERREIRA**

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por MELISSA CRISTINA CORREA ASBAHR e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 28 de fevereiro de 2005.

Assinatura:.....

NORMA SANDRA DE ALMEIDA FERREIRA

COMISSÃO JULGADORA:

2005

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**OS PROFESSORES LEITORES DOS LIVROS DE
AUTO-AJUDA PARA CRIANÇAS**

MELISSA CRISTINA CORREA ASBAHR

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Orientadora: Prof^a Dra. Norma Sandra de Almeida Ferreira.

Dissertação apresentada por Melissa Cristina Correa Asbahr, sob orientação da Profa. Dra. Norma Sandra de Almeida Ferreira, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação na área de Concentração: Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte.

RESUMO

A proposta nesta pesquisa é conhecer o professor-leitor que vem trabalhando, efetivamente, com os livros de auto-ajuda para crianças em sala de aula. A opção pelos professores é justificada pela importância que esse profissional assume, enquanto “formador” do gosto pela leitura de seus alunos, bem como por ser um adulto que pertence a uma instituição socialmente reconhecida e valorizada pelo seu papel de ensinar conhecimentos escolares. O caminho metodológico consiste, basicamente, em dois momentos. No primeiro, sob uma perspectiva mais quantitativa, embora não restrita somente a esse aspecto, optamos pela aplicação de questionários em dois grupos de professores: Rede Municipal de Santa Bárbara D’Oeste e duas turmas do curso PEFOPEX, da UNICAMP, apresentando como objetivo a localização de uma comunidade de leitores de livros de auto-ajuda para crianças. Posteriormente, tendo em vista maior adensamento no estudo desses leitores, entrevistamos três professoras (duas do curso PEFOPEX e uma da Rede Municipal de Santa Bárbara D’Oeste). As informações coletadas e os “indícios” rastreados foram constantemente cruzados e confrontados, tendo como referência os estudos sobre a História Cultural e sobre a Leitura, bem como algumas teorias sobre a mídia e a indústria cultural. Algumas das questões que nortearam o desenvolvimento desta pesquisa: Quais aspectos parecem orientar/sustentar a escolha das professoras pelos livros de auto-ajuda para crianças? Como lêem esses livros? Para que lêem? Por que a escolha de tais livros? Que usos dão para esses livros em sua vida profissional e particular?

ABSTRACT

The proposal in this research is to know about the teacher-reader who working in fact with self-help books for children in the classroom. This option is justified by the matter of this professional as 'maker' of the taste's reading of his students, also to be an adult who belongs to a socialized and valuated institution recognized for his role of teaching scholarship knowledge. The methodologic ways basically consists about two moments. First, in the more quantitative perspective although not merely constraint by this way, we choice to an application of questionnaires on the two teacher's group: Rede Municipal de Santa Bárbara D'Oeste and two teams of PEFOPEX Course from UNICAMP, showing as the goal the location of a readers' community of self-help books for children. Forward, with the purpose of a much deep survey of these readers we interviewed three teachers (two of PEFOPEX Course and one of Rede Municipal de Santa Bárbara D'Oeste). The collected informations and the tracking 'signs' were often crossing and confronted and directed by the studies of Cultural History and Reading also some theories about Media and Cultural Industry. Some of questions who guide us for the development of this research: What aspects seems to direct/sustain the teachers' choices by self-help books for children? How they reading these books? What they reading for? What they choosing these books? How they use these books in their private and professional lives?

Capa: Edward Hopper. Título da obra: Quartos à beira-mar, 1951. Óleo sobre tela 73,7 x 101,6 cm.

ÍNDICE

Introdução.....	01
Hopper e Soutine.....	13
I – A Auto-Ajuda na Mídia.....	16
Os Leitores.....	31
II – 1. Caminhos Metodológicos: Buscando os leitores.....	42
1.1 – Questionário.....	44
2. Santa Bárbara D'Oeste: o contato com as escolas.....	46
3. PEFOPLEX.....	50
3.1 – Caminhos percorridos – PEFOPLEX – 6º semestre.....	51
3.2 – PEFOPLEX Turma do 3º semestre.....	53
Algumas considerações partilhadas.....	54
4 – Construindo uma maneira de olhar para os questionários respondidos.....	55
5 – Questionários respondidos: aproximação dos três grupos pesquisados.....	61
5.1 – Os não-leitores e os possíveis leitores.....	62
5.2 – Os leitores declarados.....	74
Algumas considerações.....	79
III – Entrevista gravada: o encontro com os leitores.....	81
Estudo de caso.....	84
A entrevista.....	86
Maria.....	88
Leila.....	89
Júlia.....	90
Livros de auto-ajuda para crianças x apropriação de outras obras como auto-ajuda.....	90
1 – Professoras-leitoras de livros de auto-ajuda para adultos.....	95
1.1 – Quem são essas leitoras e como conheceram esses livros.....	95
1.2 – Para que e por que se lê?.....	100
1.2.1 – o livro de auto-ajuda como alternativa à solidão.....	100
1.2.2 – Adquirir conhecimento.....	101
1.2.3 – Ferramenta profissional.....	105
1.2.4 – Para enfrentar doenças: propósito terapêutico.....	107
1.3 – Maneiras de ler, onde lêem e quando lêem.....	112
1.4 – O que lêem?.....	113
Algumas Considerações.....	117
2 – Os livros de auto-ajuda para crianças como instrumento de trabalho....	120

2.1 – Como conheceram.....	121
2.2 – Como os livros chegam às mãos dos alunos.....	122
2.3 – Por que buscam esses livros?.....	123
2.3.1 – Texto apropriado e “alvo certo”.....	123
2.3.2 – Que infância é pressuposta pelas professoras?.....	124
2.3.2.1 – A criança-problema: questões sócio-econômicas.....	127
2.3.2.2 – Crianças com baixa auto-estima.....	131
2.4 – Que modelo é oferecido pelos livros de auto-ajuda infantis?.....	136
2.5 – Como trabalham.....	139
Algumas Considerações.....	142
Considerações Finais.....	144
ANEXOS.....	147
Anexo 1 – Questionário.....	148
Anexo 2 – Roteiro.....	152
Anexo 3 – Transcrições.....	153
BIBLIOGRAFIA.....	177

INTRODUÇÃO

A Literatura de auto-ajuda consiste numa categoria de produção de livros relativamente recente, enquanto fenômeno da indústria cultural. Apesar da existência de uma grande variedade das formas que os livros dessa categoria assumem, dificultando uma categorização precisa acerca do limite que define o gênero, é possível afirmar que, grosso modo, os livros de auto-ajuda dividem-se entre aqueles que abordam questões objetivas e questões subjetivas, tendo como eixo fundamental a idéia de que podemos alcançar tudo que desejamos através da utilização e administração de supostos “recursos interiores”:

(...) um conjunto de práticas articulado textualmente que, embora variado em sentido e campo de aplicação baseia-se em um mesmo motivo, no princípio de que possuímos um poder interior, passível de ser empregado na solução de todos os nossos problemas. O denominador de todas elas é um individualismo segundo o qual o indivíduo precisa procurar dentro de si os recursos necessários para resolver suas dificuldades de vida. Os problemas com que luta, embora se originem de fatores sociais, possuem uma natureza pessoal que não tem nada haver com a sociedade. (RÜDIGER, 1995:23)

Ancorados em situações concretas vividas pelos seus leitores, os temas abordados nessa literatura de auto-ajuda são tão diversificados quanto os tipos de problemas enfrentados. Desde a realização profissional a como ensinar a pessoa a ter saúde; como superar medos, perdas, traumas; como lidar com filhos únicos; como homens e mulheres podem conquistar os parceiros desejados, até segredos do sexo – para todas essas situações são apresentadas propostas de resolução/superação das dificuldades com as quais o indivíduo se depara em sua vida. Os textos desses livros apresentam-se, em geral, com um discurso prescritivo e aconselhador; algumas vezes toma forma de uma conversa entre narrador e leitor, onde o primeiro aconselha o segundo; outras vezes apresentam-se como verdadeiros provérbios, em afirmações universais que se pretendem aplicados a diversos contextos e situações. Também é bastante proeminente

nesses textos a presença de discursos que trazem uma aparência de ter como fundamento a ciência, a filosofia, as religiões, dentre outros.

Em diferentes momentos históricos podem ser localizados “manuais” onde é expressa uma certa imagem ideal de “ser perfeito”. O que se percebe historicamente é que:

(...) quanto mais se recua no tempo, mais afastado se fica da leitura instrumental. Não somente o livro do “como fazer” se torna mais raro e o livro religioso mais comum, mas também a própria leitura é diferente. Na época de Lutero e Loyola, ela promovia o acesso à verdade absoluta. (DARNTON, 1992:221)

A cultura de si, de refletir sobre si mesmo, de auto-reflexividade também não representa acontecimento recente. Já no período da Antigüidade, pode-se perceber indícios de mecanismos de autocultivo baseado na concepção de técnicas para os indivíduos refletirem sobre suas condutas e até modificarem o modo de ser. (RÜDIGER, 1995). Essa questão é discutida de forma mais aprofundada na obra de Michel Foucault.

Em *História da Sexualidade*, livros 2 e 3, Foucault discute a prática do “cuidado de si” no mundo helenístico e romano. Para tanto, o autor lança mão de textos prescritivos, gregos e latinos, dos primeiros séculos de nossa era e que apresentam como proposta regras de conduta, restringindo-se aos textos teóricos sobre a doutrina do prazer ou das paixões:

O campo que analisarei é constituído por textos que pretendem estabelecer regras, dar opiniões, conselhos, para se comportar como convém: textos “práticos” que são, eles próprios, objeto de “prática” na medida em que eram feitos para serem lidos, aprendidos, meditados, utilizados, postos à prova, e visavam, no final das contas, constituir a armadura da conduta cotidiana. O papel desses textos era o de serem operadores que permitiam aos indivíduos interrogar-se sobre sua própria conduta, velar por ela, formá-la e conformar-se, eles próprios, como sujeito ético; em suma, eles participam de uma função “etopoética”, para

transpor uma expressão que se encontra em Plutarco.
(FOUCAULT, 2003:16)

Essa maneira de viver, que se refere a grupos sociais limitados em número compostos por homens livres (cidadãos), encontra-se *intrinsecamente ligada a um “serviço de alma” que comporta a possibilidade de um jogo de trocas com o outro e de um sistema e obrigações recíprocas.* (Foucault, 2002: p.59). Quais formas assumem essa prática e si? Como era realizada?

Dentre as várias maneiras de se exercitar essa prática de si alguns filósofos da Antigüidade ressaltaram a leitura: para conhecer os preceitos e os exemplos nos quais os cidadãos deveriam se inspirar para uma conduta racional (Musonius Rufus) ou através de uma leitura que consiste, na verdade, numa (re)leitura, tendo em vista rememorar as verdades que a pessoa já sabe mas que convém uma melhor dedicação como maneira de se apropriar ainda melhor delas. Também se encontra a conversa com um amigo, confidente ou um guia, às quais se acrescenta a correspondência onde aquele que solicita uma orientação narra o estado da própria alma, pedindo conselhos (Sêneca). É possível evidenciar que

(...) em torno dos cuidados consigo toda uma atividade de palavra e de escrita se desenvolveu, na qual se ligam o trabalho de si para consigo e a comunicação com outrem. (Foucault, 2002: 57).

Nessa perspectiva, o benefício da tarefa de aconselhamento não se restringe somente àquele que recebe, mas também a quem aconselha que reatualizaria para si próprio o conhecimento de que dispõe.

Essa atividade consagrada a si mesmo chegou a se estruturar quase que de maneira institucionalizada, embora não somente restrita a essa forma: como uma hierarquia onde os mais avançados ensinavam aos demais (individual ou coletivamente); exercícios comuns que tinham por objetivo receber a ajuda dos outros como maneira de cuidar de si; a existência do consultor privado que servia numa família, num grupo, como guia, conselheiro. Diferentes funções – de guia,

de conselheiro, de professor, de confidente pessoal – nem sempre eram distintas, sendo freqüentemente (...) *intercambiáveis e podiam ser alternadamente e desempenhados pela mesma personagem*. (IDEM, p. 58)

Esse “cuidado de si” não se trata de um exercício da solidão, de individualismo, mas sim de uma verdadeira prática social, a elaboração de uma ética ancorada no domínio de si que permitisse constituir o próprio sujeito enquanto sujeito moral. Enfim, o autocultivo, o “cuidar de si” encontrado já na Antigüidade aparece como intensificação das relações sociais. Existe um jogo de trocas com o outro e um sistema de obrigações recíprocas, voltados à ação política. Na estrutura política da cidade, onde as decisões baseiam-se cada vez mais nos homens, que exprimem sua sabedoria no jogo entre equilíbrio e transações, a arte de governar a si próprio passa a ser um fator político determinante.

Diferentemente da prática de si na Antigüidade, temos no atual momento histórico a emergência do gênero auto-ajuda enquanto fato marcante da indústria cultural e uma das maneiras através das quais os indivíduos vêm tentando desenvolver um “cuidado de si”. Originado na Inglaterra e nos Estados Unidos, esse gênero vem ganhando espaço em todo mercado internacional de livros.

Pensar o surgimento dos livros de auto-ajuda requer entendê-lo em seu contexto da convergência de complexos processos históricos que se direcionam a um movimento de promoção e consolidação do individualismo numa sociedade de massas.

Até o período da Reforma Protestante, Deus representava o centro do universo e era essa concepção sendo a referência para as orientações e à condução de vida dos homens. Com o advento da modernidade, o homem ocupa esse lugar antes preenchido por Deus e é convocado a fazer uso da razão, tentando explicar esse mundo de outra maneira que não somente aquela verdade baseada numa concepção religiosa de mundo.

Diante desse processo histórico, permeado de mudanças e permanências, vai surgindo o sujeito individual, diferente dos outros, singular, que faz escolhas e é independente. Segundo Chagas:

(...) A partir do século XIX, essa condição torna-se bastante clara. A categoria de indivíduo surge como uma das conseqüências da ruptura entre o mundo antigo e o mundo novo e, como afirma George Simmel, faz parte de dois grandes movimentos da civilização ou cultura moderna: o capitalismo e sua expansão, a partir do século XVII, e a divisão técnica do trabalho, no novo modo de produção.(p.21)

Os valores até então eram oferecidos pela cultura tradicional – vinculados ao grupo e à religião – e os interesses individuais regulados pelo interesse da coletividade e da tradição:

(...) Durante séculos, os homens – sempre que puderam – procuraram o bem viver conduzindo a vida conforme um modelo de virtude legado pelas tradições. Na modernidade, o problema se tornou como conduzir a vida. A pergunta que se propõe hora a hora, e a ciência não tem como dar resposta é: “Que devemos fazer? Como devemos viver?” As diversas éticas possíveis assumem agora valores distintos conforme as convicções mais profundas de cada pessoa. Daí “os tormentos do homem moderno”, que terá que decidir como indivíduo, “de seu próprio ponto de vista, o que, para ele, é deus e o que é o diabo”. (RÜDIGER, 1996: 35)

Com a modernidade, o progresso do mundo racional e a valorização do sujeito individual, o homem perde os seus antigos quadros de referência que possuía anteriormente:

O homem moderno perde a orientação característica das sociedades tradicionais, deste modo, com o desenvolvimento do individualismo, cada qual buscou sua própria orientação. Uma das condições incorporadas pela autonomia do sujeito é a busca em si mesmo (de forças interiores), para auto-ajudar-se. Isto quer dizer que o sujeito deve buscar em si mesmo os recursos necessários para conduzir-se na vida, de tal modo, que possa conseguir pelas suas forças interiores e vontades individuais, alcançar seus objetivos, a realização pessoal, a felicidade.(IDEM: 25).

Nesse contexto, a literatura de auto-ajuda no momento de seu aparecimento na Inglaterra, em 1859, no livro *Auto-ajuda-te*, do médico e publicista vitoriano Samuel Smiles¹, tinha como principal objetivo o desenvolvimento do caráter, do Bem que cada um pode fazer a si mesmo no cumprimento dos seus deveres enquanto membro de determinada sociedade:

O projeto contido em suas páginas, assim como demais livros do autor, consiste de fato em conciliar o espírito do progresso pessoal, baseado no emprego da vontade, com a moralidade tradicional. Em última instância, o esforço em questão visa provar que o sucesso e o bem estar individual só podem ser logrados respeitando-se essa dimensão entendendo-se como cimento da sociedade.(RÜDIGER, 1995:68)

Havia grande preocupação em sua obra de mostrar como poderiam ser desenvolvidos bons hábitos através do trabalho porque, para ele, o conhecimento de maior valor é construído na prática. Para Smiles, é através do trabalho que podemos desenvolver as ‘faculdades humanas’ e assim auxiliar a nós mesmos.

O homem de valor – o modelo de homem – é o que produz, que trabalha, cuidadoso com a perfeição em tudo que faz. Aquele que conduz a sua vida tendo por base o exercício de sua profissão, o cultivo de virtudes morais e a responsabilidade com os outros, com o progresso geral da coletividade.

Assim, Smiles tentava oferecer aos seus leitores o modelo de homem, considerado por ele, ideal. Baseado em relatos biográficos, este autor ressalta as qualidades que considerava relevantes para aquele momento de transição, procurando que seus leitores se identificassem com os personagens, tomando-os como referência de conduta de vida. De acordo com Smiles (RUDIGER, p.85), a auto-ajuda era fundamental, porque naquela situação os homens haviam se

¹ Samuel Smiles nasceu na Escócia e viveu entre 1841 e 1904. O principal livro de sua autoria, *Self-help*, foi publicado em mais de oito línguas, dentre elas o árabe e o japonês, confirmando o interesse e expectativa de leitores de outros países. Foi um verdadeiro sucesso de vendas, chegando a ser reimpresso cinquenta vezes.

Este livro é composto pela reunião de uma série de palestras proferidas pelo autor a um grupo de trabalhadores que, por livre iniciativa, haviam se reunido para aprender a ler e a escrever, ensinando-se mutuamente outras disciplinas como Ciências, Geografia e Matemática.

tornado egoístas, voltados somente para a individualidade; assim, ele pretendia resgatar a responsabilidade das pessoas com a sociedade mais ampla, despertando a necessidade do cultivo de bons hábitos, no sentido da formação do caráter.

Aproximadamente durante o mesmo período de Smiles, uma outra corrente de auto-ajuda emerge na América, mostrando preocupação com o desenvolvimento da personalidade e da auto-confiança. Aqui, a preocupação não era mais o dever, mas o cultivo da personalidade através do pensamento, do que chamavam de 'prática da formação cultural'. Para eles, a formação cultural é:

(...) de fato uma prática que tende a ajudar o homem a distinguir o egoísmo da individualidade, a perseverança no próprio modo de ser da perda de toda relação com a realidade. (RÜDIGER, 1995:114)

Através dessa "formação cultural", esses escritores americanos pretendiam a modificação da "cultura individual" no sentido de aumentar a autoconfiança, criando condições para que os indivíduos alcançassem seus objetivos de forma mais completa, mas sobretudo preocupados com o desenvolvimento da pessoa no sentido do bem-estar com ela mesma. Com a ênfase no desenvolvimento da autoconfiança:

(...) Dizia-se que com o progresso do individualismo, o velho homem religioso tornara-se anacrônico, surgira a necessidade de educar as massas com fé que fosse também um conhecimento. (RÜDIGER, 1996:34)

A proposta, nessa incipiente produção americana de livros de auto-ajuda, era oferecer uma "religião sábia", capaz de guiar os homens no momento presente e também conduzi-los no período futuro.

Na virada do século XIX para o século XX, esta literatura parece apontar para uma outra direção: a de tematizar a utilização dos poderes mentais como meio de transformar as pessoas um "ser" de sucesso. Nesse gênero, a discussão parece se resumir na idéia de que qualquer pessoa pode conseguir tudo que

almeja na vida utilizando-se do poder do pensamento. Ou seja, é possível atingir qualquer objetivo na vida, desde que se faça uso da mente – poder que, segundo os autores, todos temos, mas que precisamos aprender a usar.

Esse homem, no advento da modernidade, perde a orientação das sociedades tradicionais, passando a se constituir enquanto indivíduo singular, buscando recursos para lidar com diferentes tipos de problemas resultantes desse processo, sendo que a literatura de auto-ajuda constitui um dos artefatos culturais que vêm ao encontro dessa necessidade: auxiliar as pessoas a resolverem seus próprios problemas, oriundos dessa liberdade individual, dessa responsabilidade de ser único, através da utilização de conselhos presentes em manuais. Uma dessas formas, propostas pelos escritores desse gênero, é utilizar-se de supostas forças interiores:

(...) os conteúdos da literatura de auto-ajuda orientam como essa condição pode ser alcançada, servem, dentre outras coisas, para proporcionar ao sujeito a esperança de poder, um dia, alcançar a realização pessoal(...) No entanto essa condição somente será possível se o sujeito realmente encontrar esses recursos que lhe são próprios e individuais, sendo assim, depende unicamente deles e de mais ninguém. (CHAGAS, 1995:25-26)

De acordo com Chagas (1999), verifica-se atualmente nessa literatura o culto à progressão financeira pela competição, à exploração e manipulação comunicativa. Nesses manuais é possível encontrar revelações atrativas referentes à prática de consumo, como o indivíduo deve conduzir sua vida para conseguir bens materiais, assim como controlar as pessoas em seu benefício.

Dessa forma, o discurso de auto-ajuda é permeado por um ideal de consumo e de que tudo na vida (felicidade, auto-realização, sucesso) está ligado à aquisição de bens materiais. Assim, a imagem do indivíduo bem-sucedido é aquele que alcança o reconhecimento social através da posse de objetos.

Nesse ponto de vista, acima apontado, espera-se indivíduos consumistas, tendo a competição como principal característica da relação entre as pessoas. É possível perceber aqui uma relação estreita com a ideologia de livre mercado, que

defende basicamente a auto-regulação do mesmo, com um mínimo de interferência ou nenhuma do Estado:

Embora essa ideologia, na verdade, denigra os valores e ideais humanos e sociais básicos, ela tem-se incrustado em nossos valores, instituições e cultura a tal ponto de aceitarmos quase sem questionar. (BITTENCOURT apud CHAGAS)

A partir de uma concepção político-econômica neoliberal, que tem como princípio-chave a noção da liberdade individual, com um mínimo de intervenção do Estado, cabendo ao mercado a regulação quanto ao trabalho e ao capital:

Os fundamentos da liberdade e do individualismo são tomados aqui para justificar o mercado como regulador e distribuidor da riqueza e da renda, compreendendo-se que, na medida em que potencializa as habilidades e a competitividade individuais, possibilitando a busca ilimitada do ganho, o mercado produz, inexoravelmente, o bem-estar social. (AZEVEDO, 1997:10)

O indivíduo como peça chave nesse processo é responsável pelo bom aproveitamento das oportunidades que, segundo os defensores desse modelo postulam, são oferecidas a todos. Alguns fazem bom uso dessas oportunidades, outros não. Nesse contexto, os livros de auto-ajuda trazem uma série de informações que apresentam como proposta ajudar o indivíduo a se tornar “um vencedor”, aprender a manipular as outras pessoas e, assim, levar vantagem nas relações interpessoais. Embora também exista uma outra vertente de livros de auto-ajuda mais espiritualizada (ligada à religião), ligada à medicina (psiquiatria, psicologia ou psicanálise) ou ainda, numa perspectiva pedagógica (de educação dos filhos). A auto-ajuda apresenta discursos universais, atendendo a um vasto repertório de expectativas de demanda no mercado editorial.

Também é possível encontrar os livros de auto-ajuda infantis. ASBAHR (2001), em pesquisa financiada pela FAPESP e intitulada *Produção Cultural para Crianças: Livros de Auto-Ajuda*, identifica junto ao mercado editorial uma vertente de livros desse gênero para crianças, constatando que os livros de auto-ajuda não

se restringem ao público adulto, embora nem sempre sejam classificados como auto-ajuda em catálogos e livros infantis, editoras e livrarias. Nessa pesquisa, ASBAHR analisa uma coleção, composta por três livros e que é representativa dessa categoria: *“Se ligue” em você*, de Luiz Antonio Gasparetto, publicado pela Editora *Espaço, Vida e Consciência*. Centrando-se no pólo da produção, busca entender as maneiras de dizer e de se configurar desses livros, o que evidenciaria sua singularidade em relação a outras categorias de livros infantis (literatura, Informativos, paradidáticos, entre outros).

Desde a emergência desse gênero, essa vertente só fez crescer, expandindo-se de maneira a englobar outros públicos e diversificando-se para melhor atender às expectativas de seus leitores. Para RÜDIGER(op cit):

(...) a literatura do gênero, majoritariamente, ‘não passa de uma forma de charlatanismo, de maneira de se iludir a si mesmo’, destinada quase que exclusivamente ao ‘tráfico no mercado de livros’, conforme dizia Max Weber. Por outro lado, concordamos em tese com a idéia de que um esclarecimento histórico-filosófico do assunto em foco precisa fugir do <ressentimento> que, segundo a não obstante má consciência dos pregadores (às vezes) move seus críticos.(IDEM, p.45)

Concordamos com Rüdiger a respeito da importância de se estudar esses livros, de fugir ao ressentimento e preconceito que, muitas vezes, envolvem alguns pesquisadores no meio acadêmico, os quais não se permitem olhar para outra realidade que não aquela ideal, formulada por eles, propomo-nos a estudar as questões que envolvem essa vertente da produção de livros.

A honestidade intelectual requer, para nós, o reconhecimento de que nem tudo está pré-explicado, conceituado e definido. Por esse motivo, optamos pela audácia de olhar para o que estudamos, não nos restringindo numa descrição exaustiva de conceitos, que muitas vezes pretende o “encaixe” da realidade a explicações pré-existentes. O rigor analítico não se restringe a um arrolamento de conceitos, mas a uma aceitação e reconhecimento de que:

Ficamos um tanto menos horrorizados, hoje, com o repugnante hábito das coisas que se extravasam sobre as fronteiras de suas definições, ou mesmo pela premonição de que a demarcação de tais fronteiras, com algum grau de fidedignidade duradoura, desafia os esforços humanos. Estamos também aprendendo a viver com a revelação de que não se pode articular tudo o que se sabe, e de que compreender – saber como proceder – nem sempre requer a disponibilidade de um preceito verbalizado. (BAUMAN:1998, p.208)

Nessa perspectiva, lançamos mão de alguns autores que trazem contribuições para o debate a respeito das questões levantadas durante o processo de elaboração e desenvolvimento da pesquisa. Quando optamos pelo esclarecimento de algum conceito, não significa algo fechado e imutável. Nesta dissertação buscamos não excluir as contradições que envolvem a complexidade do estudo em questão, pois concordamos com Sennett que:

Chega-se à honestidade intelectual precisamente admitindo-se a realidade da contradição e abstendo-se de qualquer esperança de se chegar a uma afirmação imutável. Na prática, o cânone do esgotamento de evidências é um caso à parte: parece atado a uma crescente miniaturização do núcleo, de modo que, quanto mais “sabemos” sobre um assunto, mais detalhes sabemos. A anestesia do intelecto é o resultado inevitável dessa forma de prova, porque exigem que não se façam julgamentos até que todos os fatos estejam coligidos – algum dia. (SENNETT, 2002: 63)

Admitindo a relevância desses aspectos importantes procuramos evidenciar, ao longo das discussões assumidas no decorrer do texto, as diferentes frentes de debate surgidas das inquietações provocadas pelos meandros que envolveram este trabalho. Olhar para as questões, que em nossa perspectiva, colaborariam para o melhor conhecimento a respeito dos leitores: mídia, questionários e entrevistas.

A relevância do estudo dos livros de auto-ajuda é apontada por DEMO (2001). Segundo ele, o estudo de tais livros justifica-se:

(...) por conta de sua extrema proliferação, mereceriam estudo específico, em particular para que sua rejeição recebesse devida fundamentação. Não cabe apenas rejeitar, porque a uma rejeição simplista cabe resposta simplista, como aquela sempre alegada de que, enquanto a ciência ninguém lê, astrologia é lida por todos. Sai todo dia no jornal. Vale mais o que é muito lido, não o que é bem fundamentado. (p.9)

Mais do que um julgamento de legitimidade em relação à leitura desses livros, o fundamental é buscar compreender a emergência e persistência dessa categoria no mercado editorial, bem como as necessidades culturais que levam milhões de pessoas a elegerem essas obras como material de leitura e a importância das mesmas em suas vidas.

Não se trata de dizer que um texto de auto-ajuda não se assemelha às características de um texto de literatura e que por esse motivo é ruim. Conseqüentemente, nessa linha de raciocínio o leitor que opta por livros não pertencentes ao cânone literário, neste caso os de auto-ajuda, não mereceriam sequer serem considerados leitores. Isso constitui uma maneira simplista de entender um fenômeno cultural: por causa e efeito, centrados na emissão de juízo de valor e não se permitindo a compreensão da complexidade que envolve a busca e produção desses livros.

Estudar os livros de auto-ajuda requer um recorte bem definido. Neste sentido, a presente pesquisa busca trazer uma contribuição a esse debate ao centrar-se no leitor, no pólo da recepção. A proposta aqui é ouvir os leitores de carne e osso que optam por tais livros como material para leitura própria e/ou para utilização profissional. Entender a partir dos usos/apropriações feitos pelos professores, nas formas que esses livros vêm assumindo para leitura própria, bem como apontando uma maneira de educar os leitores em formação, seus alunos; concepções de educação que a sociedade deseja para uma infância e as relações pedagógicas que vêm ocorrendo dentro do espaço escolar.

Para tanto adotamos como percurso, na primeira parte dessa dissertação, olhar para a maneira como tem sido construído o gênero auto-ajuda na mídia. O que a mídia vem divulgando sobre esses livros? Como vem sendo apresentado

para os leitores? A partir da reflexão sobre essas questões, tentamos delinear uma maneira como os livros de auto-ajuda estão sendo conceituados, discutidos e problematizados na mídia, através de reportagens de jornais e revistas que apresentam diferentes posições a respeito do gênero.

Na segunda parte, iniciamos a pesquisa de campo propriamente dita. Através da aplicação de questionários em dois grupos de professores – rede municipal de Santa Bárbara D'Oeste e curso PEFOPEX, da Unicamp – tivemos como objetivo conhecer o movimento de aceitação desses livros em meio ao público de professores. Embora este momento seja mais quantitativo, houve a preocupação em delinear uma certa comunidade de leitores de livros de auto-ajuda para crianças.

Uma vez localizada esta comunidade de leitores que lê, escolhe, indica este gênero para seus alunos e, tendo em vista um maior adensamento na pesquisa, na terceira parte entrevistamos três professores considerados representativos pelo trabalho com livros de auto-ajuda no espaço escolar. Portanto, na terceira parte buscamos, num primeiro momento, discutir as leituras dos professores e, em seguida, a utilização de livros infantis de auto-ajuda como ferramenta profissional.

Hopper e Soutine

As escolhas pelas imagens de *Hopper* (na capa) e *Soutine* (que antecede a parte da dissertação intitulada *Os Livros de Auto-Ajuda como Instrumento de Trabalho*) foi baseada numa outra maneira de olhar para as questões da dissertação. Ambas não são explicadas pelo texto escrito. Por outro lado, também não servem como explicação e ilustração do que está escrito. É antes o convite ao pensamento, à reflexão e à sensibilidade estética de uma forma alusiva e auto-referente.

Temos conhecimento da importância que muitos teóricos atribuem ao comentário, à descrição e interpretação das pinturas. Uma tentativa de transformar em texto escrito um significado para a pintura, que capte sua essência de maneira

definitiva e indiscutível. A questão primordial que surge diante dessa postura é a seguinte:

(...) podemos questionar precisamente a natureza de tal abordagem e perguntar para que serve um texto que pretende esclarecer uma prática avessa, por definição, a qualquer discurso, cultora da “eloqüência muda” de que falavam os clássicos. Pressupor que o discurso sobre a pintura possa ser adequado a seu objeto – isto é, que ele possa apreender verdadeiramente o que ela quer significar, e que a obra pictórica seja estruturalmente feita para ser significada pela linguagem – equivale a considerar de antemão verdadeiro o próprio objeto que se questiona. (LICHTENSTEIN, 200: 9)

Partindo da concepção de pintura como “eloqüência muda”, não pretendemos nesta dissertação atribuir às pinturas escolhidas um discurso que tente explicitar o que elas significam, as possíveis relações explicativas entre auto-ajuda e os professores leitores. São maneiras diferentes de indagar as questões que acompanham a pesquisa.

A obra, *Menininha com boneca*, de Soutine, (p. 119) não será explicada no texto que se segue a ela. Trata-se antes de propor um questionamento ao leitor da dissertação. Ao se deparar com um título acompanhado de uma imagem e seguida de um texto, que abordará uma maneira de se pensar a educação destinada e pensada às crianças, vemos como possibilidade que o leitor se pergunte que infância se pretende formar. Ou ainda, essa criança seria passiva? Vista de cima, a partir de uma perspectiva do adulto, a criança resiste? O olhar desafiador da criança poderia nos dizer o quê? Ou seria um olhar de medo, apreensão, dor ou dúvida? Enfim, o que essa imagem pede de nós? Como ela nos convida a ser olhada?

Diante dessa postura assumida, trazemos aqui um texto de Baudrillard (2002) que, falando das pinturas de *Hopper*, nos convidam a esse movimento que reflexiona *sobre e com* tora e qualquer pintura, sem trair-lhes suas ‘inacessibilidades’:

A luz segundo Hopper. Ao mesmo tempo, a crua, branca, oceânica, das costas marítimas, e a irreal, sob o vaio, sem atmosfera, vinda de um outro litoral. Luz irradiante que guarda, mesmo em cores, a potência do preto e branco. Personagens, rostos, paisagens projetadas na luz que não é a deles, iluminados violentamente do exterior, como objetos insólitos, por uma luz que impõe a iminência de um acontecimento estranho. Isolados em uma aura ao mesmo tempo extremamente fluida e com uma distinção cruel.

Luz absoluta, fotográfica no sentido literal e que exige, mais do que ser olhada, que cerremos os olhos sobre ela e sobre a noite interior que ela encerra. Mesma intuição luminosa percebida em Vermeer, exceto que neste o segredo é o da intimidade, enquanto que em Hopper é o de uma exterioridade inexorável, de uma materialidade das coisas, de seu vencimento imediato, de uma evidência pelo vazio. (BAUDRILLARD, 2002: 145) (grifos nossos)

A obra de arte não deve ser traída em seu movimento infinito pelo discurso, mas sim esse deve estar a serviço da emulação desse infinito.

Capa: Edward Hopper. Título da obra: Quartos à beira-mar, 1951. Óleo sobre Tela, (73,7 x 101,6 cm).

Chaim Soutine (1893 – 1943) : “Menininha com boneca”. c. 1919. Óleo sobre Tela. (73 x 59,7 cm).

I – A AUTO-AJUDA NA MÍDIA

Como sabemos, a literatura de auto-ajuda representa um verdadeiro fenômeno da indústria cultural. Esse setor do mercado editorial cresce vertiginosamente, um verdadeiro sucesso de vendas, os livros de auto-ajuda compõem a decoração da porta de entrada/vitrine de muitas livrarias. A oferta em diferentes lugares, tais como bancas de jornal, supermercados, locadoras de vídeo/DVD e até em farmácias confirma a grande demanda por esses livros.

Diante dessa dimensão que assume o gênero, pode-se encontrar tanto em trabalhos acadêmicos (monografias, dissertações e teses), quanto em diferentes periódicos de circulação nacional e de grande alcance ao público em geral, reportagens e discussões a respeito de autores e de livros de auto-ajuda. Segundo a revista VEJA²:

Nos últimos oito anos, o segmento cresceu mais de 700%, enquanto o mercado editorial como um todo aumentou 35%. Só no ano passado 3,4 milhões de livros de auto-ajuda foram para o mercado. (p.115)

Para esta pesquisa parece bastante pertinente olhar para o que se tem produzido em relação a esses livros de auto-ajuda em diferentes periódicos, tentando compreender como eles são apresentados aos leitores, como a mídia veicula uma certa imagem do que seja ou do que os editores pretendem que seja a auto-ajuda para seus leitores.

Ao publicarem as matérias sobre auto-ajuda para leitores tão diversos, o que os autores/repórteres destacam sobre este gênero? Sua especificidade, sua função? Como são constituídas as maneiras de classificar, definir e identificar esse gênero pela mídia? Essa opção de análise se justifica pelo alcance que os periódicos escolhidos têm a um público amplo e diversificado (classes sociais,

² Revista VEJA/ano 35, n.45/13 de novembro de 2002. Editora Abril.

níveis de instrução, entre outros). Entendemos que tomar esses textos para análise é fundamental para buscar entender:

(...) o modo como elas (histórias sobre determinados temas) se constroem discursivamente na cultura, produzindo significados que atuam no estabelecimento de subjetividades e de configurações sociais. (WORTMANN, 2002: 80)

Concordando com Wortmann (2002) em relação a um caráter pedagógico da cultura e considerando a mídia como uma das instâncias culturais que “educam” um público, buscamos nesses periódicos expor a multiplicidade de discursos que envolvem a discussão a respeito do “gênero auto-ajuda”, tendo em vista tentarmos apreender como se desenha/constrói/produz o que seja auto-ajuda nesse lugar. Juntamente a essa tentativa de compreender a maneira como é divulgada essa produção de livros de auto-ajuda por diferentes periódicos, buscaremos delinear uma forma própria de pensar/ expressar as questões que podem evidenciar um contexto cultural contemporâneo, que comporta um interesse e uma procura tão grande a essa categoria da produção cultural.

É possível encontrar diversos posicionamentos diante dos livros de auto-ajuda em periódicos de circulação regional (como o “Correio Popular”, de Campinas) ou de abrangência nacional (Super Interessante, VEJA, ISTO É, Folha de São Paulo, entre outros). São jornais e revistas que trazem a discussão sobre o tema, ora apresentando-os como livros úteis, destacando a importância que eles podem assumir na vida de seus leitores, ora trazendo uma problematização mais aprofundada, discutindo a emergência e importância do gênero na sociedade atual, ou ainda, apresentando os livros de auto-ajuda como um gênero menor, num tom crítico, como um engano, “charlatanismo”.

Sem o desejo de esgotar tudo o que foi discutido a respeito dos livros de auto-ajuda – um esforço que não resultaria em melhor qualidade para a pesquisa – pretendemos trazer para a discussão alguns artigos selecionados que são representativos sobre este tema em questão, bem como relevantes quanto ao alcance do público em geral, não necessariamente no interior da universidade.

Tomar esses artigos para discussão pode trazer importantes indícios a respeito da sociedade que engendrou o surgimento, aumento e persistência dos livros de auto-ajuda no mercado editorial. Pretendemos, ainda que de forma preliminar, tentar delinear alguns contornos da “alma” desse momento histórico, quando muitos leitores buscam esses livros porque:

Sim, nossos problemas estão dentro de nossa vida. Mas nossa vida é vivida dentro de campos de poder, sob a influência dos outros, de acordo com a autoridade e sujeita a tiranias. Além disso, vivemos dentro de campos de poder que são as cidades, com seus escritórios e automóveis, seus sistemas de trabalho e suas montanhas de lixo. Esses elementos também são poderes impingidos à nossa alma. Quando o mundo inteiro se desarranja e se angustia, o indivíduo sofre. (HILLMAN, 2001:27)

Conceber os leitores pesquisados como sujeitos históricos, social e culturalmente construídos e que dessa maneira carregam características, temores, expectativas de uma determinada época, constitui nesta pesquisa ponto central para tentar entendê-los.

Para tanto, iniciamos essa discussão trazendo a reportagem da Revista *ÉPOCA*³, que exibe a seguinte manchete na capa: “*O Fenômeno Gasparetto: Conheça a família que transformou o espiritismo e a mediunidade num negócio milionário*”. O título, acompanhado pela imagem da “mãe” Zíbia Gasparetto na capa traz na reportagem, no interior da revista, um pouco da vida e do trabalho da família Gasparetto, que se dedica à produção de livros esotéricos, espíritas e de auto-ajuda. A matéria apresenta ao leitor o dia-a-dia dos membros dessa família e como “recebem” os espíritos que os inspiram em seus livros. De acordo com o artigo, Zíbia Gasparetto, que vendeu mais de 5 milhões de livros, desde 1965:

Montou uma linha de produção de livros sem pretensões literárias, com toques de auto-ajuda e linguagem adaptada para quem não é iniciado no espiritismo. Conta histórias recheadas de diálogos, fala como uma tia sempre pronta a dar conselhos que

³ Revista Época. 19 de maio de 2003, n. 261, Editora Globo.

ajudam a encarar as dificuldades – e atraí chusmas de leitores da classe média. Com seu neo-espiritismo, Zibia vende mais que o humorista Ziraldo, cujos livros são indicados na rede escolar. E empata com Luis Fernando Veríssimo. (p.69)

Pelo comentário destacado nessa reportagem, podemos afirmar que, através de livros que contam histórias e aconselham o leitor, essa autora parece ter descoberto uma “fórmula” editorial bastante eficaz e lucrativa, quando comparada a outros autores já consagrados pelo público e adotados em diferentes escolas do país. É evidente pelo texto da reportagem que os livros não são adquiridos pelas suas características “literárias”, de construção e linguagem mais elaborada. Textos simples que aconselham, que indicam o quê e como fazer, majoritariamente pautados por diálogos. O que dá a essa autora tanta credibilidade? A simplicidade de seu texto? A maneira como elabora a narrativa, aproximando-se do leitor como se estivesse conversando com ele? O tratamento à religião espírita de maneira “adaptada” a quem não conhece, favorecendo o contato com os preceitos da mesma?

Essa matéria informa ainda que, nessa “empresa” da família Gasparetto, existem também outras estrelas: os quatro filhos de Zibia. Dentre eles, destaca-se Luiz Antonio Gasparetto⁴, que declara nessa reportagem da revista *Época*:

Buda era simplesmente um professor de auto-ajuda. Fazia a mesma coisa que eu faço. Se eu tenho o dom, por que não posso ganhar dinheiro com isso? (p.69)

Comparando-se a Buda, Luiz Antonio Gasparetto justifica seu trabalho, considerando-se como aquele que tem o “dom” para tal e o direito de ser pago por ele. Apropriando-se da religião, numa lógica capitalista e ocidentalizada que banaliza o budismo, esse autor busca esclarecer sobre a importância de seu trabalho, justificando os R\$ 40.000,00 que chega a ganhar em um dia, quando questionado pelo repórter.

⁴ Luiz Antonio Gasparetto é autor dos três livros infantis de auto-ajuda, da série “*Se ligue*” em você, que foi estudada na pesquisa de Iniciação Científica intitulada *Produção cultural para crianças: livros de auto-ajuda* (ASBAHR, 2001), financiada pela FAPESP

Temos aqui uma família que construiu uma verdadeira empresa editorial e que se ocupa dos “males espirituais” de seus leitores, circunscritos à classe média. Para que Gasparetto consiga receber até R\$ 40.000,00 num só dia e sua mãe tenha alcançado grande vendagem, já citada anteriormente, podemos inferir que existe um público cativo e numeroso que almeja encontrar nessa linha editorial os conselhos e o amparo em momentos difíceis. A matriarca como a grande representante dessa empresa e os filhos, seus seguidores e herdeiros na “arte” de produzir esses livros são tratados nessa reportagem da revista Época em tom de crítica, de desconfiança e de como é possível vender de maneira tão numerosa os “produtos” dessa família.

Na própria chamada na capa – já citada acima – é possível encontrar indícios do viés mais crítico que assume a reportagem, colocando a família como um “fenômeno” que transformou o “espiritismo e a mediunidade” num “negócio milionário” – esta última expressão vem colocada em letra maior em relação à frase que a completa. São trazidas através de algumas palavras, frases e expressões, o teor que a matéria pretende oferecer sobre os produtos dessa família. Dentre as opções, destaco as seguintes: “façanha”; “romances açucarados”; “não tem pudores de ganhar dinheiro com mediunidade”; “médiums gabaritados, daqueles com alta capacidade de receber pessoas desencarnadas”; “índice de produtividade de fazer inveja”; “transferiu a responsabilidade da opção pela livre iniciativa para os mortos”; “O filho Luiz foi o guia espiritual da família Gasparetto na transição da caridade para o business”; “pop star da auto-ajuda”; “Curiosamente, eles (os espíritos) respeitam o horário comercial para fazer contato, como convém a seres da luz evoluídos” e “a morte não é barreira para o amor. Nem para os negócios”. Assim, a partir desses exemplos pode-se entender muito mais que uma crítica, mas uma certa ironia, de quão absurdo pode ser o expressivo sucesso alcançado por essa família.

O que seria próprio desse momento histórico e que moveria tantos leitores em investirem seus ganhos financeiros nesse tipo de produção?

Uma outra reportagem, a *“Auto-ajuda que funciona: O que dizem os mais respeitados autores que ensinam você a ter sucesso e viver melhor”*, também

capa de revista VEJA, já citada anteriormente, traz-nos informações interessantes. A chamada dessa reportagem inscrita na capa tem como fundo um céu com nuvens e uma borboleta, do lado direito. Ao centro da capa, na parte superior do céu, estão os nomes dos autores consagrados: Bradley Trevor Greive, Spencer Johnson, Deepack Chopra, Roberto Shinyashiki, Nuno Cobra, Içami Tiba e Stephen Covey. Do lado esquerdo, no interior de uma faixa amarela, a seguinte chamada: *CRIME: A FILHA QUE MATOU OS PAIS*⁵. A palavra crime escrita em vermelho coloca em evidência essa chamada. Teria alguma relação entre o crime e os livros de auto-ajuda? Os livros de auto-ajuda poderiam ajudar as pessoas desesperadas? Curá-las, evitando crimes?

Antes de nos deter à reportagem, procuramos indícios na capa da revista. Chama atenção a imagem da borboleta, símbolo recorrente em livros de auto-ajuda. Também o céu que abriga em seu interior os nomes de alguns escritores desses livros. O que significa para o mercado editorial criar uma capa que dialoga/lembra/permite a associação com as capas de livros de auto-ajuda?

A capa arquitetada pela equipe editorial, para um número da revista que traz como matéria principal “o gênero auto-ajuda”, combina harmoniosamente imagens, palavras e símbolos pensados para que o leitor facilmente identifique a capa com o conteúdo da revista. A capa, assim, constitui-se na maneira como se apresenta um caráter redundante ao combinar palavras e símbolos, que pode ser entendida como maneira de tentar seduzir o leitor para conhecer mais sobre o gênero.

Sem o desejo de oferecer uma resposta direta para o significado dos símbolos acima citados, mas tentando buscar referências para uma possível leitura da capa dessa revista, encontramos no “Dicionário de Símbolos”, de *Jean Chevalier e Alain Gheerbrant*, um possível significado compartilhado culturalmente em relação à “borboleta”, que:

(...) se fundamenta nas suas metamorfoses: a crisálida é o ovo que contém a potencialidade do ser; a borboleta que sai dele é um

⁵ Trata-se do crime que envolveu uma adolescente, Suzane Louise von Richthofen, de 19 anos e seu namorado, que mataram os pais dela, em novembro de 2002.

símbolo de ressurreição. É ainda, se preferir, a saída do túmulo. (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2003: 138)

A borboleta, apresentada ao lado direito da capa, poderia representar a capacidade de transformações potenciais do leitor a partir da leitura dos livros de auto-ajuda? A saída do túmulo, do inerte, de voltar a viver estaria ligada à leitura desses livros? Sendo a crisálida, o ovo, na capa da revista haveria o desejo de persuadir o leitor para uma maneira de se libertar do mesmo?

A borboleta, em uma capa que chama a atenção do leitor para um crime realizado por uma filha, poderia sugerir aos pais que cuidassem melhor da criança que se transformará futuramente em um adulto?

O “céu”, que também compõe a capa, pode ser visto como:

*(...) universalmente, o símbolo dos **poderes superiores** aos homens benevolentes ou temíveis: o carácter chinês **t'ian** (céu) representa o que o homem tem por cima da cabeça. É a insondável imensidade, a esfera dos ritmos universais, a das grandezas Luminárias, a origem, portanto, da luz, o guardião, talvez, dos segredos do destino. O céu é a morada das Divindades; designa, por vezes, o Próprio Poder divino. É também a morada dos Bem-aventurados.* (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2003:228)

Ligado aos poderes superiores, o céu abrigaria os homens que teriam autoridade para iluminar os leitores. Esses autores de livros de auto-ajuda, colocados ao centro do céu, deteriam o conhecimento a respeito dos segredos do destino? Seriam os habitantes desse céu mais próximos aos conhecimentos divinos e, por isso, autorizados a orientar as pessoas?

É possível nesta leitura recorrer a um acontecimento bastante importante, que marca essa produção de livros de auto-ajuda e que também pode nos remeter a essa imagem da capa: “A rota da nova era (new age)⁶”. De acordo com esse movimento existe um:

⁶ Ao se voltar às possíveis origens desse movimento, pode-se dizer que ele teve início nas décadas de 60 e 70. A proposta essencial era a ênfase na criatividade, livre expressão e auto-realização individual, nas experiências pessoais, enfim “liberar o potencial humano para promover o crescimento pessoal” (RÜDIGER,

(...) eu cósmico, na doutrina conforme a qual possuímos um eu superior instalado no centro do universo, segundo a qual participamos com nosso eu de uma realidade suprapessoal e transcendente, de onde provém todo o nosso poder e bem individual. (RÜDIGER, 1996: p. 128)

Dessa maneira, retomando a reportagem da revista VEJA, a mesma parece sintetizar pelos diferentes instrumentos utilizados na composição da capa, nas opções pelos símbolos, pela chamada e pelos autores mencionados, a idéia que parece permear a idealização em torno da produção dessa literatura de auto-ajuda: a possibilidade do renascimento espiritual e auto-realização através da leitura de livros escritos pelos gurus “iluminados” da auto-ajuda. Ao compor esse cenário “transcendente” com a chamada “A filha que matou os pais”, a capa sugere caminhos, soluções através da leitura redentora desses autores, no resgate de um “eu” elevado. E mais do que isso, vender os dois produtos: a revista que trata de um assunto de muito interesse do público em geral e também vender a “imagem” dos bons livros – segundo a reportagem – de auto-ajuda.

Na reportagem interna desse exemplar da revista VEJA, são levantados os autores dos livros de auto-ajuda, os temas tratados nesses livros e também os motivos que podem levar os leitores a optarem por esse gênero: educação, esporte, eficiência no trabalho, felicidade pessoal, aprimoramento pessoal, preencher lacunas de formação acadêmica, entre outros. Além de discutir esses pontos, a revista propõe uma forma de diferenciar os bons dos maus livros de auto-ajuda. Para tanto:

VEJA analisou os 100 livros mais populares desse segmento da atualidade. Os melhores autores se destacam por resumir em

1996:122). O movimento consistiu numa tentativa de mesclar várias religiões, crenças e culturas: Budismo, Cristianismo, Hinduísmo, Islamismo e Taoísmo. Também se somavam a essas religiões elementos pagãos como as culturas Celta, Druida, Maias e dos Índios Nativos Americanos. A partir desse aparente ecletismo, esse movimento propôs uma série de práticas e caminhos sendo referência para o surgimento de clínicas e programas de crescimento pessoal, terapias coletivas e desenvolvimento humano, voltados ao resgate do “eu” superior. (ver HEELAS, Paul)

linguagem acessível teorias complexas. Uma outra parcela dos autores de auto-ajuda possui um dom não menos especial: o de sintetizar numa boa metáfora um sentimento que a maioria das pessoas não consegue articular: “Dentro de você já existe uma linda obra de arte. Seu grande desafio é retirar o excesso de mármore e completá-la”, filosofa Roberto Shinyashiki, autor de best-sellers como “O sucesso é ser feliz”. É desse modo que muitos livros fisgam leitores”.(p.116)

Transformar teorias complexas em texto de linguagem simples e acessível, tratar dos problemas de forma sintética e com clareza, com poucas páginas e muitas vezes, resumindo em *“um intertítulo ou uma frase em destaque que resume a idéia que se quer transmitir”* (p.122), parece ser o referencial de um bom livro de auto-ajuda, para a pesquisa da revista *Veja*. Segundo a metáfora de Roberto Shinyashiki, escolhida como exemplar na reportagem, as pessoas estariam em estado bruto, de pureza, de uma pedra de valor elevado: o mármore. Sem forma nem beleza, esse material poderia ser transformado, através da leitura dos livros de auto-ajuda, em uma obra de arte. Mas para que essa transformação ocorra, a demanda de leitores pressuposta pelos editores não parece desejar livros de grande número de páginas, com textos complexos na forma de utilização e construção da linguagem. Esses leitores são vistos como aqueles que desejam construir uma “linda obra de arte” em pouco tempo, sendo guiados na leitura aos trechos ou idéias mais importantes e sem ambigüidade, portanto um texto curto e que utilize palavras do cotidiano, acessíveis ao seu leitor, no sentido de oferecer menor dificuldade de leitura.

A *Folha de São Paulo*⁷ é um outro periódico que também se deteve neste tema. Na reportagem *“Fórmulas simplistas ‘empobrecem’ livros de auto-ajuda”*, entre outras questões, a preocupação em distinguir os bons dos maus livros de auto-ajuda:

O embaralhamento aumenta diante da prateleira da loja, onde se encontram, lado a lado, “dicas” para ser feliz e informações sérias de medicina para leigos. A boa notícia é que existem

⁷ São Paulo, 6 de maio de 2004. (Folha Equilíbrio)

recursos que ajudam a separar o joio do trigo, o livro que ajuda do que engana.

A apresentação de uma fórmula única e definitiva para um problema, especialmente na área da psicologia e do comportamento, é um indicador de que o leitor corre riscos. “O engano vem da ilusão das receitas prontas, abrindo-se mão dos recursos, da criatividade e da individualidade de cada um”, afirma a psicanalista Giselle Câmara Groeninga, da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.(...)

(...) A psicanalista Groeninga, embora rejeite o rótulo de auto-ajuda (“é falsa a idéia de auto-ajuda emocional, de que se pode prescindir do outro”), acha que alguns livros podem auxiliar, “mostrando muito mais um caminho dentre os possíveis do que propriamente um fim”. (p.9)

Este trecho sugere um leque de possibilidades dentre os livros de auto-ajuda, daqueles que *ajudam* até aqueles que *enganam*. Em meio à diversidade de livros nessa categoria de auto-ajuda, o artigo aponta uma maneira distingui-los: um livro ruim é aquele que apresenta um único caminho, *uma fórmula única e definitiva*, um fim em si mesmo. Nessa perspectiva, através de análises de pessoas com uma suposta autoridade, como psicólogos e psiquiatras, a proposta é oferecer ao leitor um parâmetro do que seriam os bons livros e assim “vender” a imagem de alguns em detrimento de outros.

O leitor, no trecho acima, é expresso como aquele que corre “risco” ao optar pela leitura de determinados livros de auto-ajuda considerados ruins pela revista *VEJA*. Que riscos o leitor correria? Independentemente de mostrar um caminho dentre outros, essa auto-ajuda oferece uma direção a ser seguida. Supor que o leitor corra riscos pressupõe que ele é um receptor passivo, incapaz de pensar e avaliar por si mesmo – consiste em não levar em conta a perspectiva do leitor, que faz diferentes usos de um mesmo livro e não necessariamente o que deseja ou se pretende um determinado editor/autor ou artigo de jornais e revistas. Como se pode, a priori, julgar que um leitor que lê um livro que indica somente um caminho/direção fará exatamente o que o livro mandar? Quem realmente correria riscos aqui? O leitor ao ler um livro de auto-ajuda considerado “ruim”? Ou se trata

de uma disputa de legitimidade, de quais livros são escritos por autores “autorizados” a produzir livros de auto-ajuda?

A mesma reportagem da *Folha de São Paulo* traz ainda uma discussão de livros dessa categoria que tratam de questões de trabalho/carreira, saúde e religião/esoterismo. Em geral, as orientações para diferenciar os melhores livros são as seguintes:

(...) é preciso abrir o livro e ler. Procurar referências do autor (formação acadêmica, trabalhos), checar no índice se a seqüência de capítulos cobre o que se procura na obra e ler as dez primeiras páginas(...)
(...) Os títulos que propõem estratégias para lidar com distúrbios de humor, ansiedade e estresse podem ajudar de fato se apoiados em fundamentos científicos – procure as fontes (pesquisas, estudos) em que se basearam.(...)(p.10)

Este trecho da reportagem defende também, como a anterior, a idéia de que há bons e maus livros de auto-ajuda. Aqui, um certo “padrão”, tais como a formação acadêmica do autor e os trabalhos científicos desenvolvidos por ele, traria uma maneira de melhor avaliar um livro. A matéria permite que se encontrem indícios de que há um tipo de auto-ajuda, sustentado num certo campo de conhecimento, que realmente poderiam ajudar o indivíduo. A estratégia utilizada é trazer para o leitor, além das referências para que ele consiga distinguir os bons e maus autores de livros de auto-ajuda, também de depoimentos/entrevistas com “autoridades” ligadas a certos campos científicos, tais como Psicologia e Psicanálise.

Na mesma reportagem, também encontramos as *Indicações de “alta” ajuda*. São informações de especialistas a respeito dos livros que, segundo eles, realmente podem colaborar para ajudar o leitor em aspectos da sua vida. Dentre as sugestões, salientamos:

(...)Para Rosely Sayão, autora de “Como educar meu filho” (Publifolha), uma boa obra de ficção ou poesia é alta ajuda, pois abre para a vida. “Uma poesia de Carlos Drummond de Andrade sobre amor maduro, que li recentemente, ajudou-me muito.” Para pais em busca de livros de educação, ela sugere que, vez ou outra, saiam do cotidiano doméstico, no qual quase todos vivem afogados, e parem para ler um romance ou um poema.(...)
 (...) “Perdas e Ganhos”, de Lya Luft (ed. Record), é ajuda de alta classe para José Carlos Durand, da FGV, “pela elegância, pela sabedoria, pela estrutura intelectual da autora”.(p.11)

Nesta seção da mesma reportagem denominada “**Alta**” ajuda, foram escolhidos alguns títulos considerados bons, em muitos casos livros de Literatura, avaliados pelos leitores entrevistados – pesquisadores, intelectuais, psicólogos, psicanalistas – com características tais como *elegância, sabedoria, “que abre para a vida”*. São livros que, segundo esses leitores, ofereceriam ajuda de alto nível, levariam à reflexão e, por esse motivo, ajudariam na compreensão e resolução de problemas. Essa discussão a respeito de depoimentos de teóricos e escritores que encontraram em livros de Literatura um suporte de auto-ajuda, neste caso muito bem denominado e diferenciado como “alta” ajuda, pode ser encontrada no trabalho de ASBAHR (2001)⁸.

Já a Revista *CULT*⁹ traz na entrevista com o psicanalista Renato Mezan - cujo título no índice é “*O psicanalista Renato Mezan explica a utilidade da auto-ajuda*” –, entre outras questões, algumas reflexões sobre o gênero. Ao ser questionado sobre a possível concorrência da auto-ajuda com a psicanálise, responde:

O que singulariza nossa época é a difusão de tudo pela cultura de massa. Essa é uma questão que aparece com insistência nessa idéia de que houve uma mudança em relação ao passado. Na segunda metade do século 20, o homem passou a acreditar ser possuidor do direito à felicidade. Com essa idéia de que você tem de ser feliz porque é um direito seu, como respirar, inúmeras coisas se oferecem prometendo um caminho para a felicidade. E

⁸ Essa questão será discutida posteriormente.

⁹ Revisca CULT – Revista Brasileira de Cultura – fevereiro de 2004, ano VI, n.77.

um deles é a auto-ajuda. Quando isso acontece em uma indústria de massa, você passa a ter livros de auto-ajuda, seções de auto-ajuda. Essas são as várias maneiras que as pessoas encontram para achar uma saída para as suas dificuldades. Eu não vejo nada demais nisso. (p.9)

Embora o foco da entrevista seja a Psicanálise e seus desafios, Mezan, ao ser questionado sobre os livros de auto-ajuda, traz uma possível contribuição para o debate que envolve o gênero. Contextualizando a produção dos livros do gênero em meio à “indústria de massa”, num momento em que ser “feliz” passou a ser um direito, ele concebe esses livros como um dos artefatos da indústria cultural, que responderiam a essa demanda de leitores. A matéria utiliza assim de uma estratégia de “sedução” do leitor para o gênero através das palavras de um psicanalista, dando ao tema um tom de reflexão, discussão, imparcialidade. A imagem de uma matéria que discute/reflete sobre o tema deve ser necessária para atender a diversidade que também cobre os leitores dos periódicos.

Essa reportagem da revista *Cult* traz uma outra perspectiva, em relação às reportagens de outros periódicos discutidos anteriormente. Não se trata de diferenciar os livros de auto-ajuda entre os bons e os maus, ou criticá-los como se fizessem parte de uma cultura “menor”, sem valor, de pessoas com repertório intelectual inferior (formação escolar). É possível se voltar a um prisma de que não existem maiores problemas/riscos para o leitor que busca esse gênero, pois não se trata de “vender” o produto livro. A presença desses livros no mercado editorial, bem como a elevada procura por eles, é um fato e nessa reportagem Mezan situa esse “fenômeno” da indústria cultural em meio a um momento histórico-cultural. A partir dessa problematização em torno do tema dos livros de auto-ajuda, levantados por Mezan na revista *Cult*, pode-se associar ao que se vem discutindo em outros lugares sobre a produção desses livros envolvida numa “cultura do narcisismo”, onde:

(...) a beleza, a juventude, a felicidade, o sucesso pessoal, etc. são cada vez mais reivindicados pela indústria cultural como bens a serem adquiridos através do consumo. Uma enorme gama de novos produtos e serviços passa a ser “ofertada” pela publicidade

a um público cada vez mais segmentado, passando isso a significar: “liberdade”, “pluralidade” e “democracia”.
(SEVERIANO, 2001:19)

Em meio aos produtos e serviços que se pretendem oferecer às pessoas em geral, tais como felicidade e prazer, entre outros, os livros de auto-ajuda constituem uma mercadoria que supriria essa demanda, dentro de seu alcance enquanto livro. Assim, a auto-ajuda seria uma maneira de oferecer um certo referencial ético, em meio a um contexto de descrença em ideais políticos coletivos, ao leitor que buscaria por essa via soluções particularistas aos seus problemas, encontrando na proposta dessa produção promessas de como conquistar o homem amado, como educar os filhos, lidar com a depressão, etc.

De um modo geral, as matérias agregam junto ao tema uma certa reflexão, como recurso de se problematizar as marcas de uma determinada época, onde são valorizados alguns modos de viver.

Os periódicos trazem ainda reportagens a respeito dos livros de auto-ajuda para crianças. Considerando referências a obras voltadas ao público infantil, que constituiu o tema da pesquisa de ASBAHR (2001)¹⁰, também deparamo-nos com periódicos que fazem alusões a essas obras. São autores que muitas vezes já publicam para adultos e atualmente vêm se dedicando à produção infantil, como é o caso de Lair Ribeiro¹¹:

O guru lançou três livros infantis de auto-ajuda em 2003 e ameaça lançar mais sessenta, passando os mesmos conceitos das obras para adultos. (p.113)

Lair Ribeiro, (re) conhecido autor de livros de auto-ajuda para adultos, principalmente voltados à área empresarial e de comunicação vem se dedicando intensamente à produção de livros infantis, como mostra a citação acima. O que levaria um autor “consagrado” do gênero a se interessar no público infantil, a

¹⁰ Pesquisa de Iniciação Científica financiada pela FAPESP e intitulada *Produção Cultural para crianças: livros de auto-ajuda*.

ponto de desejar publicar mais sessenta livros para crianças? Levar ao público infantil os valores propagados aos leitores adultos? Que infância se pensa, pelos pais e educadores, ao buscarem/indicarem/adquirirem esses livros de auto-ajuda para crianças?

Na revista feminina *Marie Claire*, cujo slogan é “Chique é ser inteligente”, encontramos reportagens direcionadas à mulher: beleza, saúde, moda, cozinha, entre outros. Em meio aos assuntos privilegiados e direcionados às leitoras, encontramos também dicas para as mães. A obesidade infantil, colocada como um dos maiores problemas da atualidade, é discutida por vários especialistas ao longo do artigo: “*Obesidade Infantil – crianças na balança* (p.98) e traz uma sugestão de livros de auto-ajuda para crianças obesas:

Auto-ajuda para menores

Lançado no final de maio, “De cara com o espelho” (Editora Moderna, 56 págs., R\$ 17), da jornalista e apresentadora Leonor Corrêa, reúne oito histórias curtas e bem-humoradas que falam sobre preconceito, insegurança e outros temas comuns na vida de crianças com excesso de peso. O último capítulo traz um manual com conselhos práticos para sobrevivência emocional de gordinhos e gordinhas. (p.104)

A indicação do livro de auto-ajuda infantil, que reúne histórias “*curtas*” e que trazem conselhos “*práticos para a sobrevivência emocional dos gordinhos*”, seria uma maneira de ajudar as mães das crianças a lidar com suas dificuldades que envolvem a obesidade infantil. Tal qual a abordagem acerca da literatura de auto-ajuda para adultos, esta voltada às crianças mediada pela leitura do público feminino – mães, tias, avós – vende um produto útil e prazeroso, com seu preço e número e de páginas.

De forma geral, o que vemos na mídia – no pólo da produção – é uma construção discursiva em torno do gênero auto-ajuda, que visa convencer o leitor através da divulgação do mesmo, utilizando-se de uma verdadeira “maquinaria editorial”, que envolve a adoção de símbolos, palavras convencionalizadas,

¹¹ Revista VEJA, edição 1847, ano 37, n.13, 31 de março de 2004, Editora Abril.

imagens, bem como a presença de opiniões de “vozes autorizadas” (psicanalistas, psicólogos, médicos, pesquisadores, intelectuais), com as quais se pretende legitimar a opção e leitura de certos livros de auto-ajuda. As matérias não só apresentam o conteúdo referente ao gênero auto-ajuda – obras, autores temas, leitores – como também se preocupam em se mostrar como um discurso que “reflete” e é crítico sobre ele. Mostrando diversidade de autores, obras e argumentos a favor ou contra essa produção, as matérias criam uma idéia de imparcialidade na intenção de informar os leitores dos periódicos de maneira competente. Elas não estão vendendo o produto auto-ajuda, mas constatando o fenômeno cultural em que os leitores de seus periódicos estão intensamente envolvidos, dando-lhes critérios e protocolos de orientação para uma escolha adequada do gênero.

Os Leitores

Até aqui, a discussão centrou-se no gênero, enfatizando os livros, os autores, a possível contribuição deles, observado pelo viés da produção das matérias veiculadas nos periódicos. Mas e os leitores? E as pessoas que optam pelos livros de auto-ajuda? Por que escolhem? Quais os motivos? Quais são as pessoas escolhidas para opinarem sobre tais livros, nos periódicos tratados neste momento desta pesquisa?

É importante ressaltar que em todos os periódicos que trazem depoimentos de leitores-empíricos, os mesmos são destacados no interior de cada reportagem. Ora são colocados em “*boxes*” em cor diferente em relação ao resto do texto e acompanhados das fotos dos leitores (Revista Veja), ora o texto do depoimento é escrito em letra de tamanho, cores e formas diferentes ou ainda, combinando texto destacado seguido da foto dos leitores ou não-leitores dos livros de auto-ajuda (Folha de São Paulo).

Na revista VEJA, já citada anteriormente – onde o teor da reportagem parece-se mais com uma propaganda do gênero – é possível encontrar

depoimentos de vários leitores famosos (cantores, atrizes, executivos, etc) de livros de auto-ajuda:

*Os livros de auto-ajuda são ferramentas valiosas mesmo para os profissionais que têm a melhor formação. Eles são um meio de se reciclar e não ficar obsoleto. Um bom exemplo é **quem mexeu no meu Queijo?**, que mostra como enfrentar algo inerente ao mundo dos negócios nos dias de hoje: as mudanças. Brilhante, diz tudo usando personagens e metáforas. Eu me empolguei tanto que, no ano passado, resolvi distribuir exemplares a 600 executivos da empresa. Outro livro valioso se chama **Os sete hábitos das pessoas altamente eficazes**. Já adotamos um programa de treinamento baseado nas teorias de seu autor, o americano Stephen Covey, que ensina que a liderança dentro de uma companhia deve ser centrada em princípios. (Manoel Amorim, diretor-geral da Telefônica) (p.120)*

Aqui, Amorim destaca a importância do gênero no mundo dinâmico e racional dos negócios. Constitui, nesta perspectiva, ferramenta de trabalho, meio para compreender os problemas de um certo contexto empresarial, bem como indicar “como” enfrentá-los. E nas palavras desse leitor, os livros bons são aqueles que fazem uma “boa” escolha de personagens e metáforas, reafirmando, na voz do leitor-empírico a análise realizada pela equipe de VEJA dos livros de auto-ajuda no pólo da produção.

Considerando as mudanças em torno do mundo do trabalho e da carreira profissional, parece ser bastante compreensível uma produção numerosa de livros de auto-ajuda voltados a essa facção de leitores, visando atender a uma certa expectativa os mesmos, num mundo onde:

Nenhum emprego é garantido, nenhuma posição é inteiramente segura, nenhuma perícia é de utilidade duradoura, a experiência e a prática se convertem em responsabilidade logo que se tornam haveres, carreiras sedutoras muito freqüentemente se revelam vias suicidas. Em sua versão presente, os direitos humanos não trazem consigo a aquisição do direito a um emprego, por mais que bem desempenhado, ou – de um modo mais geral – o direito ao cuidado e à consideração por causa de méritos passados. Meio de vida, posição social,

reconhecimento da utilidade e merecimento da auto-estima podem todos desvanecer-se simultaneamente da noite para o dia e sem se perceber. (BAUMAN, 1998: 35)

Num projeto político de grande liberdade do capital e das finanças, em detrimento dos projetos sociais (emprego, previdência, moradia), o que se percebe recentemente – como fruto desse processo – é um grande aumento de pessoas que não têm sequer acesso aos direitos básicos como cidadãos, que outrora lhes eram garantidos pelo estado, mesmo em países da Europa denominados “desenvolvidos”. Parece ter se instalado um clima de incerteza, de não se saber o que acontecerá no dia de amanhã, de não ser possível traçar um projeto de vida, de carreira, contribuindo para a concepção de que *“Vivemos hoje, para tomar emprestada a feliz expressão cunhada por Marcus Doel e David Clarke, na atmosfera do ‘medo ambiente’.* (IDEM, p.33)

Richard Sennet (2001), no livro intitulado *“A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo”*, traz para o debate os possíveis impactos do chamado “capitalismo flexível” sobre o caráter pessoal¹². O texto desse livro apresenta-se na forma denominada pelo autor como “ensaio-discussão”, formando a partir de diversas fontes – dados econômicos, narrativas históricas e teorias sociais – uma maneira de examinar a vida diária das pessoas pesquisadas. Nessa condição de “flexibilidade” o que se percebe:

É bastante natural que a flexibilidade cause ansiedade: as pessoas não sabem se os riscos serão compensados, que caminhos seguir. Para tirar a maldição da expressão “sistema capitalista”, antes criavam-se circunlocações, como o sistema de “livre empresa” ou “empresa privada”. Hoje se usa a flexibilidade como outra maneira de levantar a maldição da opressão do capitalismo. Diz-se que, atacando a burocracia rígida e enfatizando o risco, a flexibilidade dá às pessoas mais liberdade para moldar as suas vidas. Na verdade, a nova ordem impõe novos controles, em vez de simplesmente abolir as regras do passado – mas também esses novos controles são difíceis de

¹² “Caráter são os traços pessoais a que damos valor em nós mesmos, e pelos quais buscamos que os outros nos valorizem.” (SENNET, 2001:10)

entender. O novo capitalismo é um sistema de poder muitas vezes ilegível.(p.10)

O autor traça um panorama dos atuais valores pretendidos e estimulados no ambiente de trabalho: flexibilidade, trabalho a curto prazo na execução de trabalhos em equipe, sem que necessariamente haja uma hierarquia explícita de comando. Nessa maneira de organização empresarial, olhando do lado empresarial, pode-se perceber mudanças positivas que levam a uma economia dinâmica e que proporcionaria maiores ganhos para as empresas. Por outro lado, o que Sennet detecta é que virtudes como lealdade, confiança, ajuda mútua e comprometimento – fundamentais para a formação do desenvolvimento do caráter – estão desaparecendo.

Neste sentido, a discussão sobre o mundo do trabalho atual – em mudança, imerso em incertezas, instabilidade – constitui campo fértil para a produção de livros de auto-ajuda, tendo em vista um significativo número de leitores vivendo nessas situações. É visível a ênfase dada pelo leitor-empírico a esses livros como úteis, como *“meio de se reciclar e não ficar obsoleto”*, *“como enfrentar algo inerente ao mundo dos negócios nos dias de hoje: as mudanças”* e a preocupação com questões ligadas à *“liderança”*.

Retornemos agora aos depoimentos dos leitores da Revista Veja. Encontramos preocupações com a beleza física e “espiritual”, que também parecem nortear a opção pelos livros de auto-ajuda:

A auto-ajuda fez com que eu compreendesse coisas que desconhecia e aprendesse a valorizar o aspecto simbólico de cada atitude. Por meio dela pude buscar o realinhamento do meu corpo e da minha alma. Meus livros preferidos do gênero são os de Paulo Coelho. Também me agrada a sabedoria dos tibetanos. Nos meus próprios livros há muita auto-ajuda, pois procuro oferecer palavras de apoio a quem busca uma vida melhor. Afinal, cada um de nós deve utilizar os meios de que dispõe para ajudar a construir um mundo melhor. (Lucília Diniz, empresária e autora de livros de dieta) (p.121)

Diniz, autora de livros de dieta e cuidados com o corpo, em se tratando de si própria como leitora chama a atenção para a importância de se cuidar também do que chama de “*realinhamento do corpo e da alma*”. Essa postura apresentada pela leitora parece estar ancorada a um ideário que envolve a produção de certos livros de auto-ajuda, pautada na seguinte concepção:

(...) se lhe falta paz interior e você acha que não está indo a parte alguma na vida, isto provavelmente nada tem a ver com o dinheiro ou com as necessidades básicas que ele pode satisfazer. Você, tudo indica, está simplesmente sentindo que não há verdade em sua vida, que não está sendo fiel a si mesmo. Sua ansiedade, depressão, doenças, são, possivelmente, resultados de não atender às necessidades mais altas. (DYER apud RÜDIGER)

Nesse depoimento de uma empresária bem sucedida e autora de livros de dieta que também, segundo ela, busca ajudar seus leitores com *palavras de apoio*, pode-se ver que o sucesso financeiro não é suficiente. É necessária a busca de uma “auto-realização”, de um eu superior, de um verdadeiro contato entre corpo e alma.

Assim, podemos encontrar um importante indício neste depoimento: sucesso financeiro não é suficiente. A reportagem que apresenta a leitora como bem sucedida no mundo dos negócios ressalta um outro aspecto, não declarado no depoimento de Amorim (anteriormente citado) – executivo de uma multinacional. Aqui, pretende-se “vender” uma outra imagem dos livros de auto-ajuda, eles não somente podem oferecer referências quanto às “regras do jogo” no mundo dos negócios, mas também podem representar um importante papel na questão espiritual, de um outro tipo de ajuda de ordem mais subjetiva, de sentir-se bem consigo mesmo.

Perda de pessoas muito próximas e queridas é um dos maiores motivos para se ler auto-ajuda. Nessa reportagem foram escolhidos para dar depoimento uma atriz e um cantor. Ambos passaram por experiências extremas: morte

inesperada e suicídio. Nos dois casos, como se pode ver no depoimento abaixo, os livros de auto-ajuda ajudaram seus leitores a “seguirem em frente”:

*Nos anos 90, tive de enfrentar a morte de meu pai e o suicídio de meu irmão aos 25 anos. Um livro do guru Deepak Chopra, intitulado **As sete leis espirituais do sucesso**, me ajudou a superar esses momentos difíceis. Foi por meio dos ensinamentos dele sobre o carma que compreendi o sentido profundo de tudo aquilo que aconteceu. Chopra também me foi útil ao mostrar como as dificuldades ficam menores quando vistas com distanciamento. Isso me permitiu reduzir muito a ansiedade no trabalho e na vida pessoal. Quando as pessoas estão precisando de apoio, até os livros de auto-ajuda mais ingênuos são bem vindos. Eles auxiliam as pessoas a seguir em frente. (Cláudia Rodrigues/humorista do programa Zorra Total) (p.119)*

e também do cantor Daniel.

Cinco anos atrás, quando eu estava arrasado com a morte do meu ex-parceiro João Paulo, uma das coisas que me confortaram foi a auto-ajuda. Recebi diversos livros desse gênero dos meus fãs e um amigo da minha família me indicou “O Sucesso é ser feliz”, de Roberto Shinyashiki. Foi o que me ajudou a superar a perda de João Paulo e seguir em frente. O principal ensinamento que tirei do livro foi que é preciso buscar a felicidade nas pequenas coisas. Desde então me dediquei ao máximo a todos os meus compromissos do dia-a-dia e aprendi a extrair prazer dos detalhes da vida. (Daniel, cantor)(p.122)

A opção pelas duas pessoas acima mostra indícios de um forte apelo emocional aos seus leitores. No primeiro caso, uma atriz que atua em programas humorísticos e que, apesar da perda brusca de duas pessoas queridas em um curto espaço de tempo, não só se recuperou, melhorando sua vida pessoal e profissional, como atua em programas “engraçados” que fazem seu público se divertir. Já no caso do cantor Daniel, esse apelo emocional é ainda mais pronunciado. Em seu depoimento, traz à tona a fatalidade que vitimou seu companheiro de trabalho naquele período, “João Paulo”, morto num acidente de carro, num período de muito sucesso para a dupla ‘sertaneja’.

Tragédias envolvendo a perda de pessoas queridas, por suicídio, acidente ou doença, parecem fazer com que as pessoas próximas às vítimas busquem auxílio de todas as maneiras possíveis, explicações e certezas para fatos, muitas vezes, inexplicáveis. Seja a busca de explicação para o ocorrido ou ainda palavras de conforto que as ajudem a seguir suas vidas, tentando minorar suas dores, mesmo que através dos livros mais “*ingênuos*”.

Chama a atenção um título de livro de auto-ajuda, recorrente nos depoimentos dos leitores, tanto pela reportagem quanto pelos depoimentos: “**As sete leis espirituais do sucesso**”. Por que 7 leis para se ter sucesso, e não 8, 10? De qualquer maneira, esclareço aqui que o número 7 não é o único escolhido para compor o título de livros de auto-ajuda e que, em muitos livros desse gênero, o autor quantifica os passos necessários para que o leitor alcance seu objetivo:

Tais numerologias servem para vários fins táticos: inspiram a magia dos números, e por isso a expectativa da certeza; garantem um caminho, com passos cronometrados e que levam certamente ao objetivo; despistam a responsabilidade, porque todo fracasso pode ser remetido ao mau cumprimento dos passos; alguns números – como o número sete – possuem tradição maior, e por isso detêm apelo maior, conferindo a fórmulas prontas o aparato da comprovação “bíblica”. (DEMO, 2001: 21)

Pretendendo oferecer conforto através de respostas supostamente “racionalmente classificadas”, o livro de auto-ajuda se apresenta, numerando competências a serem adquiridas pelo leitor, parecendo tentar cumprir a função pretendida por seus leitores: na mistura de um elemento simbólico, como o número 7, de forte apelo cristão, conjuntamente a passos rigidamente descritos, esses livros podem se apresentar ao seu público como merecedores de credibilidade porque elaborados por pessoas “autorizadas” que propõem esses conhecimentos e também oferecem um certo alívio, pelo desejo de sistematizar de maneira quantificada uma situação, muitas vezes, complexa. A auto-ajuda pode ser vista como aquela, cuja imagem divulgada, liga-se a uma precisão na solução de problemas.

Também na reportagem da *Folha de São Paulo*, já citada anteriormente, encontramos depoimentos. Desde aqueles que não se dizem leitores, até aqueles que se assumem como tal citando obras ou mesmo livros não considerados de auto-ajuda, em livrarias e catálogos, como é o seguinte caso:

Li “Perdas e Ganhos”, da Lia Luft, um livro de auto-ajuda, apesar de classificado de não-ficção. Indiquei-o a várias pessoas, inclusive a minhas alunas. Ele me ajudou, é uma referência para este mundo confuso onde vivemos. Mas há títulos que me deixam receosa. (Jaqueline Obrigon, 40, atriz) (p.11)

Obrigon tem informação a respeito da classificação do livro citado por ela como de não-ficção, no entanto, ao classificá-lo, toma-o por auto-ajuda. Indicando-o para pessoas de seu convívio, considera esse livro como uma *referência* para o mundo em que vivemos. Persiste aqui a idéia da necessidade de busca de referência/direção/explicação através da leitura de determinados livros. O que faria que essa atriz tomasse um livro publicado por uma autora – (re)conhecida pelas traduções de autores consagrados como *Robert Musil* e autora de livros de Literatura – como de auto-ajuda? Por que ela vê nesses livros uma referência?

Esse depoimento vai ao encontro da reportagem da *Folha de São Paulo*, na qual é expressa a diferença de níveis entre os livros de auto-ajuda.

São levantadas também, em outros depoimentos, indicações de livros não classificados e considerados por catálogos, editoras e livrarias como auto-ajuda que, ofereceriam suporte e ajuda porque, através do exercício efetivo de sua leitura, proporcionariam mensagens sobre maneiras de “ensinar a viver” e “lições de vida”.

Existem também aqueles leitores que buscam esses livros para aplicação prática, de ordem mais objetiva:

Como médico, não tive uma formação para me organizar financeiramente, e esse livro “Pai rico, Pai pobre”, de Roberto Kiyosaki, me ajudou tanto na organização do consultório como na vida pessoal. (Edson Takahiro, 36, médico) (p.11)

O médico Takahiro aponta sua dificuldade em se organizar financeiramente como o motivo da busca de um livro de auto-ajuda. Salaria que, devido à falta em sua formação acadêmica, foi motivado a buscar respostas em livros que o ajudassem a solucionar sua dificuldade de se organizar financeiramente.

Dessa maneira, os livros de auto-ajuda diferem tanto pelo pólo da produção, pois são diversos os autores, temas, obras (quando nos referenciamos nas reportagens), quanto no uso declarado pelos seus leitores. Os leitores buscam nessas obras que abordam questões de ordem mais subjetiva, que problematizam questões de vivências afetivas, como aquelas mais de “instrumentação”, como manual para seguir e orientar em questões mais objetivas (como elaborar um currículo, uma apresentação em datashow, etc).

Mas as reportagens anunciam também a existência de leitores que já leram livros que consideram de auto-ajuda, mas que esses não os ajudaram. Como é o seguinte caso:

Li “O alquimista” e o “Diário de Um mago”, de Paulo Coelho¹³, mas não me ajudaram em nada. Acredito na gente mesma. A literatura de auto-ajuda é uma espécie de fuga. Pode apresentar alguma orientação, algo interessante, mas é tudo igual, uma receita de bolo com a casquinha diferente. (Beatriz Carnaúba, 47, engenheira agrônoma) (p.11)

Carnaúba, leitora de livros de Paulo Coelho, considera esses livros como uma espécie de “fuga”. Considera-os como fruto de uma receita e que, por isso, em essência são todos iguais. Por que será que matérias jornalísticas, que tematizam a produção editorial focada na auto-ajuda, apresentam os leitores que não gostam deste gênero? Talvez seja uma estratégia editorial de mostrar os dois lados: aqueles que gostam e aprovam este gênero e os que não gostam ou o desqualificam, mesmo quando o periódico focaliza o debate sobre uma “gradação”

¹³ Não existe consenso quando se trata de classificarem as obras desse autor como de auto-ajuda. Mas, independentemente de se ter uma classificação, aqui o que importa é o entendimento e uso dos livros desse autor como “guia”.

dos melhores e dos piores livros de auto-ajuda. Repete-se aqui, trazendo-se depoimentos do pólo da recepção, a mesma estratégia utilizada quando as reportagens focam o pólo da produção dessas obras. Em ambos os casos, o desejo é construir para o leitor a idéia de imparcialidade dos autores da reportagem em relação ao gênero, criando nesse contexto a impressão de imparcialidade, de que caberá ao leitor decidir se deve comprar ou ler esses livros.

De qualquer maneira, através desses depoimentos, ainda que curtos, podemos constatar que o anseio dos leitores entrevistados vai ao encontro com a proposta do gênero: auxílio de problemas pessoais e profissionais. O eixo fundamental que parece permear a opção dos leitores é à busca de uma referência, de uma explicação, seja porque na área profissional “*a liderança deve centrar-se em princípios*”, entendendo-os como aqueles buscados nessa categoria de livros de auto-ajuda; seja na compreensão, auxílio, na busca de uma resposta para tragédias, como a morte de pessoas queridas. Concordando com DEMO (2001) que essa literatura de auto-ajuda

Denota sobretudo que, pela própria demanda incrível no mercado, as pessoas se sentem profundamente carentes de ajuda, respondendo favoravelmente a todos os apelos que lhes parecem minorar a dor. Embora a auto-ajuda tenda a ser truque infalível para a falibilidade da vida e nisto pareça ser enganosa, é mister perceber que as pessoas buscam isto mesmo: fabricar alguma certeza para tanta incerteza, mesmo que seja fantasiando as certezas e adornando as incertezas.”(p.9)

Através de uma construção que envolve imagens, símbolos e enunciados, as reportagens constroem o que se pretende que seja essa auto-ajuda. Utilizando-se em suas análises no pólo da produção de “vozes autorizadas” de certos campos de conhecimento, tais como Psicanálise, Psicologia, Psiquiatria, Medicina, entre outros – o que se pretende é criar parâmetros do que sejam os bons livros em detrimento daqueles considerados, por um dado projeto editorial, como ruins. Através da articulação entre ciência e religião a auto-ajuda, assim como é abordada nos periódicos, assemelha-se a uma religião que se pretende dar uma credibilidade de ciência, pois dado que, a tentativa é

racionalizar/sistematizar/formalizar as maneiras de se escolher esse ou aquele livro de auto-ajuda. Ao somar à análise centrada no pólo da produção das reportagens os relatos de leitores-empíricos – em geral pessoas famosas (atrizes, empresários, escritores, etc) e não leitores comuns (o leitor ordinário, na concepção de Certeau) – o que encontramos é uma construção redundante, onde os depoimentos dos leitores reafirmam o que as reportagens sustentam como verdade.

A presença deste assunto na mídia mostra como os produtos culturais ecoam para diferentes lugares, buscando alcançar cada vez mais seus leitores. Dessa maneira, o fenômeno auto-ajuda pode ser considerado como “cultural” porque não se circunscreve somente na vendagem de obras e no número enorme de seus leitores, ele o é porque há todo um aparato de divulgação (imprensa, TV) a incentivá-lo, alimentá-lo e prestigiá-lo. A mídia sustenta, assim, uma certa necessidade de ler – “para melhorar sua vida profissional”, “para lidar com problemas de saúde”, “para criar o filho”, através de uma certa familiaridade com autores, destacados na reportagem da revista VEJA, já citados anteriormente e também ao mencionar e discutir diferentes obras, ao oferecer critérios para a seleção e protocolos de leitura. As reflexões que envolvem o olhar aos textos oferecidos na mídia impressa levam a indagações do tipo: Lê-se por que buscou ou por que viu na mídia? A mídia fala deste gênero por que há muitos leitores? Ou tudo isto intercalado conjuntamente, entremeado?

II – CAMINHOS METODOLÓGICOS: BUSCANDO OS LEITORES

Durante a elaboração dos procedimentos metodológicos mais adequados para o desenvolvimento da pesquisa intitulada *Os leitores dos livros de auto-ajuda para crianças*, optamos em um primeiro momento pela sistematização na busca desses leitores. Como localizá-los? Inventariar freqüentadores de bibliotecas ou livrarias? Entrevistar professores em formação contínua ou em exercício? Como saber quem são esses leitores e como escolhem/optam pela leitura de livros de auto-ajuda para crianças?

A escolha da escola como *locus* de pesquisa – visto que poderíamos optar por uma biblioteca, uma livraria – foi devido a importância que essa instituição apresenta na formação de leitores, na indicação, seleção e legitimação de livros destinados ao público infantil. Por que a escola e por que os professores? Concordando com Batista que:

Para porções consideráveis da população brasileira, portanto, a escola representa a principal possibilidade de acesso à escrita, seus professores são vistos como leitores e exercem a tarefa de fazer com que suas crianças também se tornem leitoras. (...) Professores, são, de fato, leitores: são reconhecidos como tais por porções significativas da população brasileira, vivem numa sociedade que pressiona pelo uso da escrita, exercem uma ocupação que se organiza mesmo em torno dos usos da escrita. (BATISTA, 1998, p. 29)

E é por essa importância que a escola e os professores assumem, diante de uma sociedade onde a cultura escrita é fundamental, que optamos por centrar esta pesquisa nesse local e lá encontrar os sujeitos-leitores dos livros de auto-ajuda para crianças.

Na busca em construir/encontrar/identificar uma comunidade de leitores de livros de auto-ajuda para crianças, fizemos nossa segunda opção: colher

informações através de professores que atuam em escolas pertencentes a rede de ensino da prefeitura de Santa Bárbara D'Oeste e dos professores-estudantes de duas turmas do curso PEFOPLEX (Pedagogia para professores em exercício), da Faculdade de Educação da UNICAMP.

A cidade de Santa Bárbara D'Oeste foi escolhida devido às minhas relações de trabalho lá no período da coleta de dados (segundo semestre de 2002). Colher informações na rede municipal onde eu trabalhava facilitou o acesso aos professores, meus colegas de trabalho.

Já a decisão de pesquisar as duas turmas do PEFOPLEX foi tomada no decorrer da análise dos questionários, respondidos pelos professores de Santa Bárbara D'Oeste. Diante da dificuldade em continuar a pesquisa nessa cidade e de algumas questões suscitadas no decorrer dos trabalhos com os questionários deste grupo, identifiquei a necessidade de buscar outros grupos de leitores para tentar entender algumas lacunas¹⁴ nas respostas dos professores. A escolha das duas turmas específicas teve como critério a aceitação dos professores que ofereciam alguma disciplina no período da coleta de dados.

Um aspecto bastante marcante nos três grupos pesquisados foi a resistência, por parte dos pesquisados, em retornar os questionários respondidos. Mesmo com todo o cuidado em informar aos professores sobre a pesquisa, a importância de responder os questionários e de informá-los de que as respostas não seriam divulgadas, obtive menos de 50% (SOB e PEFOPLEX 2) dos questionários devolvidos e na outra (PEFOPLEX 1), com retorno mais amplo, as respostas foram na maior parte dos casos bastante vagas, não muito desenvolvidas.

Também pudemos perceber, durante a conversa com os professores, que havia um clima de desconfiança. O que seria feito daquelas respostas? Seriam “reprovados” em suas respostas? Seriam prejudicados caso suas respostas não fossem “adequadas”? Os professores, de maneira geral, mostravam bastante insegurança com o que seria feito daqueles questionários. Conversavam entre si, consultavam os colegas, combinavam as respostas, falavam em tom alto – para

que eu escutasse, mas não diretamente a mim - o que pensavam dos livros de auto-ajuda.

Apesar da desconfiança e da insegurança, foi bastante interessante o espaço para o diálogo. Nesse caso, os professores perguntavam sobre várias questões ligadas à produção de livros infantis: contos-de-fadas, livros informativos, paradidáticos, didáticos, entre outros. Manifestaram, inclusive, o desejo de aprender mais sobre literatura infantil. Reclamaram que, apesar dos cursos que vêm recebendo, ressentiram-se de sua formação ser tão restrita quando o assunto era leitura e literatura infantil. O espaço da conversa com os professores revelou-me o quanto eles gostam de conversar com os pesquisadores sobre suas aflições e angústias, tanto quanto são ávidos por informações que lhe dêem mais segurança no tratamento dos diferentes assuntos ligados à sua atividade profissional.

Os professores desejavam colaborar e discutir. No entanto, o que talvez tenha inibido um pouco as respostas foi uma dificuldade em mostrar/documentar acerca de um assunto novo, ainda em discussão.

1.1 - QUESTIONÁRIO

Uma vez escolhido o *locus* da pesquisa, em um primeiro momento nossa busca pretendeu-se basicamente na identificação desses leitores, numa perspectiva quantitativa e numérica e em seus aspectos mais gerais. O importante aqui seria rastrear, garimpar e conhecer o que esses leitores lêem, o que conhecem sobre a produção no mercado, se são ou não leitores dos livros pesquisados. Nessa fase mais exploratória, de quantificação dos dados relevantes na localização de uma comunidade de leitores de livros de auto-ajuda para crianças, o desejo foi encontrar professores que em sua prática cotidiana buscam esses livros.

¹⁴ A necessidade de buscar outros grupos para aplicar o questionário será discutida mais adiante.

Para tanto, optamos pela elaboração de um questionário (ANEXO 1), constituído de um breve texto de apresentação onde buscamos esclarecer aos professores sobre a importância deste material para a pesquisa. Em seguida, alguns dados pessoais do pesquisado: nome completo (ou primeiro nome) para localizar a pessoa num momento posterior para entrevista, idade, série ou nível em que trabalha, formação acadêmica, tempo de formação. Essas questões apresentam caráter objetivo e visam contextualizar o pesquisado, fornecer mais informações sobre questões pessoais e profissionais, que poderão ser relevantes para melhor compreensão das respostas dos questionários (prazer, informação, para resolver um problema).

O questionário é composto de três questões de múltipla escolha e cinco perguntas de caráter dissertativo. Nas questões de múltipla escolha, procuramos conhecer o que os professores lêem e com que frequência, bem como o que os motiva na busca de um material impresso para leitura.

As outras cinco questões contemplam maior espaço para o pesquisado manifestar suas opiniões, interesses, dúvidas, curiosidades, entre outros. Se por um lado essas questões permitem maior liberdade ao pesquisado, por outro as restringe, porque as perguntas são direcionadas para o objeto da pesquisa: os livros de auto-ajuda. Nessas perguntas busco saber se os professores são ou não leitores de livros de auto-ajuda para adultos, se conhecem e/ou trabalham com esse mesmo gênero para crianças, o que motivou os professores a optarem pela utilização desse gênero em sala de aula e como conheceram esses livros.

Desse modo, esse questionário assume uma forma semi-estruturada, com perguntas bastante direcionadas para os objetivos da pesquisa, mas também com espaço para o pesquisado manifestar sua opinião, seus interesses e expectativas em relação aos livros de auto-ajuda.

2. SANTA BÁRBARA D'OESTE: O CONTATO COM AS ESCOLAS E OS CAMINHOS PERCORRIDOS

Para iniciar a distribuição dos questionários precisamos da autorização da Secretaria Municipal de Educação de Santa Bárbara D'Oeste. Na ocasião, entramos em contato com a chefe de normas pedagógicas¹⁵, que nos orientou a procurar pela Diretora Geral Pedagógica. O contato inicial com essa pessoa foi feito por telefone, momento em que explicitamos a nossa intenção e a importância do espaço para a distribuição dos questionários para a presente pesquisa. Por sua vez, a diretora pedagógica informou-nos que seria necessária uma solicitação por escrito, feita à Secretária de Educação da cidade. Segundo a Diretora Pedagógica, todo esse percurso evitaria “danos” à reputação da cidade. Até que ponto uma pesquisa da UNICAMP poderia trazer à tona algum problema?

Explicamos a ela que o objetivo da pesquisa era conhecer os leitores de um gênero de livro voltado ao público infantil, que pesquisamos e que, em hipótese alguma, causaria qualquer problema à imagem da cidade, inclusive por uma questão de ética que envolve o desenvolvimento da pesquisa.

Fizemos então uma carta, acompanhada de uma declaração assinada pela orientadora da pesquisa (em anexo), acrescentando o questionário que seria respondido pelos professores da Educação Infantil e dos ciclos I e II do Ensino Fundamental. Levamos pessoalmente todos esses documentos à Secretaria de Educação. Após uma semana tivemos o retorno da Diretora Pedagógica de que a solicitação havia sido aceita.

Então, decidimos em conjunto com a equipe da Secretaria de Educação a forma como esses questionários chegariam às mãos dos professores. Uma das funcionárias da Secretaria de Educação, Chefe da Educação Infantil, sugeriu-nos que entregássemos às coordenadoras das escolas e marcássemos um dia para buscá-los, evitando que a solicitação se perdesse, se feita por outras pessoas não

diretamente envolvidas na pesquisa. Naquele momento, imperava obter o maior número possível de questionários respondidos.

Sem dúvida, essa opção de mandar os questionários e marcar um dia para buscá-los seria menos trabalhosa. Mas traria dois inconvenientes. O primeiro é que o retorno seria mínimo, já que os professores, com tantas coisas para fazer – aula, cursos, PROFA¹⁶, entre outros – não iriam se interessar em olhar para um material de quatro páginas, do qual sequer sabiam do que se tratava. O segundo inconveniente seria que não haveria a oportunidade de conversar com eles, responder às suas dúvidas. Considerando que essa pesquisa trata de um assunto “novo”, tanto para pesquisadores quanto para os professores, pensei que seria interessante abrir um espaço para que os possíveis entrevistados perguntassem, participassem, enfim, conhecessem um pouco do trabalho em desenvolvimento.

Esses inconvenientes pesaram bastante na nossa decisão. Após muita conversa com a equipe da Secretaria de Educação e pensando numa qualidade maior no que se refere à coleta de dados, chegamos a um consenso: entraríamos em contato com as diretoras das escolas, agendaríamos um dia e realizaríamos o trabalho no horário de HTDC¹⁷ e então iríamos pessoalmente às escolas.

Chegando às escolas explicamos brevemente sobre o objetivo do trabalho, do que se tratava o questionário e da sua importância para o desenvolvimento da pesquisa. Os professores demonstraram muita curiosidade. Alguns pensavam que eu estava desenvolvendo um projeto para implantação de trabalhos com livros de auto-ajuda para crianças (sic!); outros, cansados de tantos cursos, diziam-nos “outra mudança!!!, mais cursos!!!”. Ou ainda, pensavam que desejávamos trabalhar a questão da “moralidade” com os alunos. De qualquer maneira, desejavam saber mais e se interessavam pela pesquisa.

O período foi bastante restrito – a distribuição foi iniciada em outubro de 2002, terminando no início de dezembro do mesmo ano. Dessa forma, nem todas as escolas foram visitadas. Do total de 45 instituições (Creches, Emeis, ADI's e

¹⁵ Optei por omitir os nomes das pessoas, somente mencionando seus cargos, porque é mais pertinente conhecer o itinerário dos procedimentos burocráticos, as atribuições e responsabilidades do cargo, do que o nome ou “falso” nome das pessoas envolvidas.

¹⁶ Programa de Formação de Professores Alfabetizadores.

Emefeis)¹⁸, adotamos como critério de escolha aquelas escolas que concentravam maior número de professores, bem como maior diversidade de atendimento a crianças em diferentes níveis. Priorizamos as ADI's, Emefeis e Emeis, num total de 15 escolas¹⁹.

Não foi possível estender a coleta de dados, devido às alterações no horário de HTDC na retomada do ano letivo de 2003, que tornaram impossível continuar a distribuição dos questionários. Os horários de atividade coletiva passaram a ocorrer em todas as escolas no mesmo dia e mesmo horário. Assim, para distribuir o questionário a pesquisadora não conseguiria cumprir o seu horário na escola onde trabalhava. Havia a possibilidade das reuniões que aconteciam aos sábados. Mas, nessas reuniões de HTDC, os assuntos trabalhados priorizavam a discussão de questões práticas das escolas em geral. Não havia tempo para distribuir os questionários. Em abril de 2003 pedi demissão desse emprego devido à concessão da bolsa da FAPESP – o que me proporcionaria dedicação integral à pesquisa.

Do total de 80 questionários, tivemos retorno de apenas 35 respondidos. Dos 35 questionários que me foram devolvidos, apenas 1 é respondido por um professor do gênero masculino, sendo os outros 34 respondidos por professoras, confirmando a quase ausência do gênero masculino no magistério, nos níveis de Educação Infantil e Ensino Fundamental. O nível de formação escolar dos professores que retornaram os questionários é o seguinte: Nível médio (2º grau, antigo Magistério): 18 professores; Nível superior completo ou em andamento: 16 professores. Dessa forma, constituem-se aproximadamente, dois grupos de professores de quase o mesmo número no que se refere ao nível de formação.

Encontrei 15 professores que atuam no Ensino Fundamental (Ciclos I e II), 18 na Educação Infantil e 2 Coordenadoras Pedagógicas.

¹⁷ Horário de Trabalho Diversificado Coletivo.

¹⁸ ADI's (creche, pré - escola – “educação infantil” e Primeira a Quarta série – “ciclos I e II”); as EMEFEIS (pré-escolas “educação infantil de 4 a 6 anos” e Primeira à Quarta series “Ciclos I e II”), EMEI's (educação infantil” que atende crianças de 4 a 6 anos).

¹⁹ Embora denomineMOS aqui de “escola” algumas instituições de Educação Infantil, fazemos isso somente para facilitar o agrupamento dos espaços pesquisados. É importante ressaltar que as instituições de Educação Infantil podem ser consideradas espaço de educação não-escolar.

Quanto a faixa etária dos pesquisados, encontramos a distribuição:

- 20 – 29 anos: 08
- 30 – 39 anos: 20
- 40 – 49 anos: 06
- 50 ou mais: 01

É possível encontrar, entre os pesquisados, um número maior de respostas de pessoas na faixa etária de 30 a 39 anos.

Apesar do procedimento metodológico ganhar um caráter quantitativo, nesse momento da pesquisa houve uma preocupação em informar esses professores a respeito do que estavam sendo pesquisados. Sem dúvida, essa atitude e a possibilidade de conversa criou um contexto de maior colaboração dos professores que se interessaram pela pesquisa.

Mesmo nessa situação bastante interessante de conversa, de interesse dos professores pelo trabalho, percebemos a necessidade de expansão dessa pesquisa quantitativa. Diante do prazo restrito para distribuição dos questionários, de constante tensão do corpo docente devido a uma série de mudanças propostas pela Secretaria de Educação, optamos por buscar outros professores em outros locais (universidades, faculdades), por instituições de caráter diverso – escolas particulares e públicas (estaduais, municipais). Essa diversidade poderia resultar em maior qualidade no conhecimento quantitativo a respeito dos professores-leitores, sujeitos da pesquisa.

3. PEFOPLEX – “Pedagogia de Formação para professores em exercício”

Considerando a importância de buscar leitores que trabalham em instituições diferentes (públicas e privadas) e de diferentes cidades, optamos pela aplicação dos questionários para os estudantes do curso de “Pedagogia para professores em exercício” (PEFOPEX) da Faculdade de Educação da UNICAMP.

A escolha por essa modalidade de curso de graduação deve-se ao fato de os estudantes estarem trabalhando efetivamente em sala de aula, o que nos proporcionaria melhor conhecimento do que realmente vem sendo utilizado como material de leitura nas escolas. Além disso – embora predomine o caráter quantitativo –, podemos ter indícios acerca dos caminhos através dos quais os professores conhecem, escolhem e utilizam esses livros de auto-ajuda para crianças em sala de aula.

De acordo com o site da Faculdade de Educação da UNICAMP (www.fae.unicamp.br), o PEFOPLEX curso (59)²⁰ atende à professores em efetivo exercício das quatro primeiras séries do ensino fundamental (ciclos I e II) e da Educação Infantil. Com duração de oito semestres e desenvolvido no período noturno com aulas presenciais diárias, seguindo-se o calendário normal dos cursos de graduação da UNICAMP, esse curso concluído equivale à licenciatura plena em Pedagogia.

A criação desse Programa especial, de Formação de Professores em Exercício, foi motivada pelas mudanças instituídas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9394/96), que determina a formação em nível superior para professores das séries iniciais do ensino Fundamental e Educação Infantil.

Nele podem participar professores de escolas públicas e particulares, sendo que a seleção é feita através de um vestibular conduzido pela Comissão Permanente de Vestibular (Comvest), realizado em uma só fase. Esse vestibular é

²⁰ 59 – código deste curso para professores em exercício.

baseado nos conhecimentos práticos e teóricos relativos ao processo pedagógico escolar, condizentes ao nível médio da habilitação de Magistério.

Trata-se de um curso pensado para professores que ainda não possuem nível superior, mas experiência em sala de aula, com um vestibular próprio onde são avaliados conhecimentos teóricos e práticos, tendo em comum com o curso de graduação de Pedagogia (20 ou 38)²¹ o tempo de formação de 4 anos, assim como a maioria das disciplinas do currículo.

3.1 - CAMINHOS PERCORRIDOS PARA A ENTREGA DOS QUESTIONÁRIOS: TURMA DO 6º SEMESTRE (1)

Pensar na busca dos professores-leitores, dentro de um curso de graduação da Faculdade de Educação da UNICAMP, foi uma forma de tentar encontrar em meio a um grupo heterogêneo (de escolas públicas, particulares e de diferentes cidades), possíveis leitores dos livros de auto-ajuda para crianças.

Para a realização dessa tarefa precisamos, em princípio, localizar um professor que estivesse oferecendo uma disciplina e que pudesse disponibilizar o espaço de sua aula para a entrega e resposta dos questionários²². Optamos por recolher os questionários no mesmo dia da entrega, esperando que todos respondessem a fim de que o retorno fosse maior e não permanecesse como responsabilidade/trabalho para o professor que oferece a disciplina.

Contatamos o Prof. Guilherme, que ofereceu o espaço da sua aula para a distribuição dos questionários. Acertamos com ele uma data (30/10/2003). Nesse dia estive com os estudantes e expliquei a eles o motivo de minha presença, pedindo que respondessem ao questionário.

É importante ressaltar que esse grupo de estudantes havia assistido a palestra intitulada “Os livros de auto-ajuda para crianças”, no segundo semestre

²¹ Curso 20 – código do curso de Pedagogia para o período vespertino.

Curso 38 – código do curso de Pedagogia para o período noturno.

²² O questionário distribuído para as turmas do PEFOPLEX foi o mesmo de Santa Bárbara D'Oeste.

de 2002, na disciplina “Leitura e Produção de textos” que a Profa. Norma oferecia nesse momento. O fato de conhecerem a pesquisa, bem como saberem das críticas a esse gênero destinado ao público infantil, talvez tenha orientado as respostas em uma ou outra direção.

Foram distribuídos 17 questionários, sendo respondidos em sua totalidade por estudantes do gênero feminino. Um dos questionários foi devolvido em branco e não contendo sequer nome, idade ou grau de escolaridade em que trabalha. Dessa forma, considerarei para esta análise somente os 16 questionários respondidos. A faixa etária dos estudantes é a seguinte:

20 – 29 anos: 4
30 – 39 anos: 8
40 – 49 anos: 3
50 ou mais: 1

Encontramos quantidade significativa de professores-estudantes na faixa etária dos 30 aos 39 anos de idade, como a pesquisa anterior em Santa Bárbara D’Oeste.

Em relação ao tipo de escola onde essas professoras efetivamente trabalham, podemos encontrar 13 na rede pública, 2 em escolas da rede privada e 1 professora que não respondeu a essa questão. Dessa maneira, continuamos com a maioria dos professores da escola pública. Todos os estudantes têm nível médio e atualmente estão cursando nível superior em Pedagogia.

Quanto ao nível de ensino onde efetivamente estão trabalhando nesse momento da resposta dos questionários, encontramos 12 professoras que trabalham no Ensino Fundamental (ciclos I e II), 2 que exercem sua atividade profissional na Educação Infantil e 2 professoras que não responderam a questão.

Se fôssemos traçar um “perfil” desse grupo, poderíamos constatar que são predominantemente mulheres, professoras de escola pública, pertencentes à faixa etária dos 30 aos 39 anos e que trabalham efetivamente no Ensino Fundamental (ciclos I e II).

3.2 – PEFOPEX – TURMA 3º SEMESTRE (2)

Os questionários foram distribuídos para a turma do terceiro semestre do curso de Pedagogia para professores em exercício (PEFOPEX), em junho de 2003, durante a aula da Profa. Norma, na disciplina *Leitura e Produção de Texto*. Dos 40 questionários distribuídos, apenas 14 foram respondidos e devolvidos. A faixa etária dos professores desse grupo é a seguinte:

20 – 29 anos: 5

30 – 39 anos: 3

40 – 49 anos: 4

50 ou mais: 1

61 – 70 anos: 1

Dessas 14 pessoas, 2 já têm curso concluído em Nível Superior. Quanto à atuação profissional, 13 trabalham no Ensino Fundamental (níveis I e II), 3 professores atuam na Educação Infantil e 2 professoras atuam tanto no Ensino fundamental quanto na Educação Infantil. Quanto ao tipo de escola, encontramos 11 professores que atuam em escolas públicas (municipais e estaduais), 2 de escolas da rede privada e 2 no Serviço Social da Indústria (SESI). Uma das professoras trabalha na rede pública e no SESI.

O que temos nesta turma é uma distribuição bastante equilibrada pela faixa etária de 20 a 50 anos. Prevaleceu aqui, como na outra turma do PEFOPEX, os professores do Ensino Fundamental (ciclos I e II) e de escola pública.

Algumas considerações partilhadas

Ao olhar os três grupos pesquisados, é possível encontrar em todos eles a predominância do gênero feminino – níveis Educação Infantil e Ensino Fundamental. Como já mencionado anteriormente, o que se pode perceber é a quase ausência do gênero masculino no Magistério nesses níveis de educação.

A grande maioria dos professores do PEFOPLEX atuam no Ensino Fundamental (ciclos I e II) e em escolas públicas (municipais ou estaduais). Já em Santa Bárbara D'Oeste, a maioria dos professores que respondeu os questionários leciona na Educação Infantil, sendo todos da rede municipal, portanto escola pública.

Quanto à faixa etária dos pesquisados, de forma geral podemos dizer que existe uma predominância de professores com idade entre 30 a 39 anos. Com exceção da turma PEFOPLEX 2, onde existe uma distribuição bastante equilibrada de idade. A predominância é de professores que já têm algum tempo de trabalho na área de educação escolar e que estão retornando para a universidade com o intuito de fazer o curso de Pedagogia em nível superior. Em Santa Bárbara D'Oeste, quanto ao nível de escolaridade, formam-se dois grupos, de professores com nível médio (antigo segundo grau, curso de Magistério) e professores com nível superior concluído ou em andamento.

Portanto, o que prevalece nos grupos quando analisados conjuntamente é a predominância do gênero feminino, professores de escolas públicas que trabalham no ensino fundamental (níveis I e II), pessoas não muito jovens, nem recém-formadas – com experiência profissional, ainda distantes da aposentadoria e que estão retornando para completar a formação em nível superior.

4. CONSTRUINDO UMA FORMA DE OLHAR PARA OS QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS

Pesquisar os leitores dos livros de auto-ajuda é uma tarefa que exige paciência, perseverança e muito tato. O ato de ler, ancorado na imagem de que ser um bom leitor é ler determinados livros e não outros, traz para o pesquisador o desafio de se fazer ouvir, de “desarmar” o entrevistado porque:

(...) Por detrás de afirmações corriqueiras nos dias atuais, como “ler é bom”, há uma seleção implícita de um conjunto de obras que tornam “bom” o ato de ler e que justificam outras tantas afirmações, também bastante comuns, como “os jovens não têm o hábito da leitura”. Na verdade, lê-se muito livro de auto-ajuda, de vulgarização científica, muita ficção científica, história em quadrinho, lê-se muito sobre hobby, sobre astros da música e do cinema, muitas recolhas de piadas. Mas lêem-se pouco os “bons livros”: pouca filosofia, pouca reflexão política séria. Em resumo, parece haver uma diminuição do interesse pelos livros positivamente avaliados pela escola, pela academia, pela crítica literária. (ABREU, 1999, p.15)

Nesta citação, Abreu traz pra o debate a afirmação comumente construída em que o bom leitor é aquele que lê livros de Filosofia ou reflexão política séria – livros legitimados pela academia e pela crítica. Ao optar pela escolha por outras leituras – auto-ajuda, história em quadrinhos, piadas, etc – o leitor pode não ser considerado como tal, devido aos gêneros que eleger para leitura. É importante ressaltar que ABREU não questiona o cânone, a classificação das obras, bem como seu reconhecimento social e cultural, mas chama a atenção para as conseqüências de identificar o bom leitor à leitura de determinadas obras em detrimento de outras.

Se pensarmos que os livros de auto-ajuda não são considerados por uma certa crítica literária ou por alguns setores da universidade como livros para “bons” leitores, podemos entender que alguns professores talvez não se assumam como

leitores de auto-ajuda, em suas respostas a uma pesquisa que tematiza tal questão.²³

Mesmo elegendo esse gênero como objeto de leitura, muitas vezes querem agradar ao pesquisador quando são perguntados a esse respeito. A atitude dos pesquisados é de como se estivessem sendo avaliados através dessas questões. O quê se lê que merece ser declarado? Será a pessoa considerada um “bom” leitor, caso declare do que gosta? Por isso a importância de “desconfiar” da resposta do pesquisado nesta pesquisa. Levar em consideração as construções culturais, as representações que se tecem em relação ao ato de ler: do que é legítimo no que se lê e como se lê. Conseqüentemente, como essas construções influem nas opções e nas declarações dos pesquisados. Concordando com Bourdieu (2001), é importante considerar que:

(...) as declarações concernentes ao que as pessoas dizem ler são muito pouco seguras em razão daquilo que chamo de efeito de legitimidade: desde que se pergunta a alguém o que ele lê, ele entende “o que é que eu leio que mereça ser declarado?” Isto é: “o que e que eu leio de fato de literatura legítima?”. Quando lhe perguntamos “gosta de música?”, ele entende “gosta de música clássica, confessável?” E o que ele responde, não é o que escuta ou lê verdadeiramente, mas o que lhe parece legítimo naquilo que lhe aconteceu de ter lido ou ouvido. (p.236)

Deste modo, olhar para as respostas dos questionários deste trabalho significa levar em conta o que é considerado legítimo, que mereça ser declarado

²³ Batista (1998), em seu estudo exploratório sobre uma representação do professor como (não) leitor, enfatizou as práticas de leitura de professores de quinta à oitava séries e do ensino médio que atuam em Minas Gerais. Dentre suas conclusões estão: os professores são leitores e suas características como leitores não podem ser interpretadas somente como processos de exclusão, mas de semi-inclusão ou semi-exclusão. Queremos ressaltar alguns dados desse estudo referentes à biblioteca dos professores, onde se encontra a grande presença “de títulos e autores com baixo grau de legitimidade cultural: se Paulo Coelho e seu ‘O Alquimista’ se destacam, as listas de preferências dos professores contam ainda com a presença de Sidney Sheldon, James Caldwell e Adelaide Carraro, de romances espíritas e de livros de auto-ajuda (de Joseph Murphy a Lair Ribeiro)”. Em relação a esses dados, o autor constata que nessa biblioteca do docente encontram-se, lado a lado, obras de grande capital de legitimidade e títulos de pouco prestígio, como os citados. Diante dessa configuração, o autor constata que “um observador externo fica se perguntando se uma integração tão lacunar e descontínua à cultura de prestígio significa de fato uma integração e se as preferências docentes não recairiam, na verdade, sobre esses livros não-escolares, afastados da cultura de prestígio.” (p.52-53)

enquanto leitura. Quem é o leitor pressuposto de um livro de auto-ajuda? O que parece buscar esse leitor quando opta por esse gênero?

Se pensarmos superficialmente a partir dos títulos²⁴ ou nos temas, levantados através do site de uma livraria de grande repercussão nacional, podemos imaginar que o leitor que busque livros desse gênero é aquele que tem algum problema, que necessita desse material de leitura para resolver/entender/aprender a lidar com ele:

- *Quem ama, Educa! / Içami Tiba / Editora Gente*
- *Quem mexeu no meu queijo? / Spencer Johnson / Editora Record*
- *Pais brilhantes, Professores fascinantes / Augusto Jorge Cury / Editora Sextante*
- *Os 100 segredos dos bons relacionamentos / David Niven / Editora Sextante*
- *Criando Meninos / Steve Biddulph / Editora Fundamento*
- *Não leve a vida tão a sério / Hugh Pratter / Editora Sextante*
- *Levando a vida numa boa / Ernie J. Zelinski / Editora Sextante*
- *O poder da solução / Roberto Shinyashiki / Editora Gente*
- *Criando meninas / Gisela Preuschoff / Editora Fundamento*
- *Tudo tem seu preço / Zíbia Gasparetto / Editora Vida e Consciência*

O leitor pressuposto pela leitura dos títulos acima parece ser aquele que se relaciona mal com as pessoas, que vive uma vida estressante, desmotivado, que tem dificuldades no seu trabalho, que necessita aprender a viver melhor, aprender como criar os filhos, entre outros.

Se voltarmos a atenção às imagens de ‘indivíduo’, dispersas pelo imaginário social e veiculadas diariamente por diferentes meios de comunicação – jornais, revistas, televisão, etc – constataremos que o que se sobressai é uma “cultura do narcisismo”, que:

²⁴ Esses títulos foram localizados no site da livraria Saraiva. Os mais vendidos do gênero auto-ajuda. www.saraiva.com.br. Consulta realizada no dia 7 de novembro de 2003.

São imagens associadas à sensação de liberdade, de poder e de satisfação de gozo sem limites. Imagens ou configurações com idealizações perfeitas para o esquecimento de “qualquer” mal-estar ou fracasso humano, portanto, de defesa, de resistência, de subterfúgio, de ilusões. (CHAGAS, 1999: P.60)

Podemos pensar então na hipótese de que o leitor que busca esse gênero, como material de leitura, assume-se como aquele que carece de um auxílio através da leitura de manuais de comportamento, onde seus autores aconselham como viver e superar os problemas com os quais lida diariamente. Declarar-se para uma pesquisadora como leitor desse gênero pode significar para um pesquisador a denúncia de uma falta, de um mal-estar individual, o que vai contra a imagem idealizada de um “ser” de sucesso veiculado e valorizado socialmente.

Vale a pena voltarmos para a concepção de Richard Sennett (2002) sobre o narcisismo.

A obsessão na questão: O que estarei sentindo? – comum ao ascetismo mundanal e ao narcisismo –, toma o centro das relações sociais, numa sociedade onde predomina o narcisismo. O esforço para demonstrar os obstáculos e os impulsos dos próprios sentimentos torna-se uma maneira de dar a conhecer aos outros que se tem um “eu” que vale a pena. Há uma projeção do eu para o mundo, ao invés da pessoa se lançar às experiências além de seu controle. No narcisismo, o “interior” é uma realidade absoluta, portanto ele cria a ilusão de que se deve manifestar todo sentimento que se tenha.

De acordo com Sennett, as duas forças que direcionam a um desgaste na experiência externa do eu – secularismo e capitalismo –, corroeram a vida pública. Nesse contexto, as energias narcisísticas são convertidas em experiências interpessoais:

Os impulsos narcisistas se tornam sociais ao serem formulados em termos de autojustificação ascética. O resultado desses impulsos de autojustificação – como no caso do desejo de se demonstrar suas habilidades no trabalho – é o de se retrair em

relação aos outros, e mais particularmente, o de se retrair das atividades, realizadas juntamente com eles, que atraiam a atenção para o eu. O resultado desse retraimento, por sua vez, é que a própria idéia de atuação, a própria percepção da vida como um conjunto de convenções, são destronadas. (SENNETT, 2002:407)

O incentivo à pessoa para que demonstre tudo que sente o seu eu, da maneira mais autêntica possível, traz um outro lado: torna vulnerável essa mesma pessoa; tirando dela a possibilidade de atuar, de desempenhar diferentes papéis e, portanto, de experienciar diferentes máscaras sociais. A idéia de que compartilhar o “interior” levaria a maior sociabilidade resulta no retraimento em relação ao outro.

Duas qualidades de sentimento surgem nesse caráter do narcisismo: o temor diante do fechamento e a indiferença. No primeiro caso, trata-se do grande aumento da expectativa que faz com que o comportamento efetivo nunca seja satisfatório; a sensação de ter alcançado um objetivo nunca é suficiente: nas palavras de BAUMAN (1998), *a impossibilidade de ficar contente*. Já no segundo, a indiferença em relação ao mundo exterior que nunca será suficientemente bom.

Nessa concepção, Sennet aponta uma reflexão a respeito de uma sociedade que suscita o narcisismo:

(...) ela dá margem a um princípio de expressão inteiramente oposto ao princípio expressivo do jogo. Numa tal sociedade, é apenas natural que o artifício e a convenção pareçam suspeitos. A lógica de uma tal sociedade será a destruição desses instrumentos de cultura. E ela o fará em nome de uma remoção das barreiras entre as pessoas, de uma aproximação entre elas, mas só conseguirá fazer com que as estruturas de dominação na sociedade sejam transpostas para termos psicológicos. (SENNETT, 2002: 409)

A produção e circulação de livros de auto-ajuda encontram-se no interior de tal contexto, fundamental para entendermos seus leitores. Ao serem engendrados numa sociedade – que apresenta traços que tendem à destruição e instrumentos

de cultura, como a convenção –, esses livros podem ser considerados uma das maneiras de divulgação e legitimação de uma maneira de viver que expressa uma forma de dominação, fundada em termos psicológicos. Ao transpor ao indivíduo toda a responsabilidade do que ocorre à sua volta – inclusive situações com determinações sociais, políticas e culturais – a coerção em certos modos de dominação externa e desempenhada por uma autoridade, através de punição ou reprovação do grupo, passam a ser exercidas pelo próprio indivíduo sobre si mesmo. Qual a validade de uma luta coletiva e impessoal, neste contexto, voltada às conquistas da sociedade como um todo, se os motivos dos problemas são individuais e pessoais? O desemprego, questão econômica, política e estrutural, ganha um caráter bem específico: o indivíduo não tem formação, “inteligência emocional” ou qualquer outra justificativa voltada a um caráter individual.

Pesquisar os leitores de livros de auto-ajuda requer, neste trabalho, um olhar que considere os diferentes mecanismos sociais e culturais que estão por trás de sua manifestação efetiva como prática de leitura. É preciso levar em conta que, em muitos casos, as respostas podem ser construídas a partir das representações do “bom” leitor, negando a leitura de livros de auto-ajuda por não serem considerados por uma certa crítica literária como um gênero “legítimo”. Um outro aspecto é o desejo do pesquisado de agradar ao pesquisador, como Bordieu apontou, respondendo ao pesquisador o que pense ser mais apropriado e, finalmente, porque o leitor de auto-ajuda, em alguns casos mais e em outros menos, assume-se como aquele que tem um problema, uma deficiência. Assim, ao declarar-se como leitor é como se confessasse: eu sou aquele que tem uma deficiência e não consigo resolvê-la, preciso de ajuda através de certas leituras.

5. QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS: APROXIMAÇÃO DOS TRÊS GRUPOS PESQUISADOS

Após esse tempo de estudo, elaboração e opção pelos meios mais apropriados para a coleta e avaliação dos dados obtidos para essa pesquisa, pudemos perceber que é possível aproximar os três grupos pesquisados para a análise e seleção dos leitores a serem entrevistados. Embora a escolha tenha sido pelos sujeitos-professores, nesse momento o fio condutor que permite aproximar as três turmas é mais o gosto pelo gênero auto-ajuda – fenômeno da indústria cultural - do que a condição de serem professores de escola pública ou particular, de estarem em processo de formação ou não. Ou seja, independentemente de serem ou não professores, fazem uso desses livros em sua vida particular e/ou profissional.

Como já afirmado anteriormente, no que concerne a essa fase da pesquisa, embora exista a ênfase numa abordagem quantitativa e nas questões mais gerais, há também a preocupação em refletir continuamente a respeito dos dados obtidos. As decisões metodológicas são tomadas de acordo com o andamento do processo de “leitura” das respostas dos questionários. Dessa forma, esse momento da pesquisa também assume um caráter qualitativo onde o rigor metodológico pode ser avaliado, como diz OROZCO (1997):

(...) não apenas na aplicação de uma ferramenta de investigação, mas na sustentação adequada das decisões metodológicas que o investigador vai fazendo no desenvolvimento para dar sentido a seu objeto de estudo. (p.111)

Por esse viés, o olhar para as respostas não se atém a elas. É preciso levar em conta a conversa estabelecida com os pesquisados, tanto quanto a observação de importantes indicações que poderiam influenciar na leitura das respostas do questionário. Por exemplo, quando os leitores combinavam entre si as respostas que dariam a determinadas questões. Esse fato pode indicar que os professores estavam mais preocupados em responder o que é “socialmente”

aceito no grupo pesquisado, do que suas leituras efetivas. Não basta somente ler as respostas aos questionários, é preciso levar em consideração juntamente às observações realizadas durante a coleta de dados. Também a postura adotada para a "leitura" das respostas é importante: não se trata de uma leitura linear, de questão por questão, mas permanece o esforço em estabelecer um sentido entre as respostas, de forma que sejam detectados os traços mais pertinentes que atravessam o questionário como um todo.

Ao tomar os questionários respondidos, encontramos dois grupos entre os pesquisados: o de leitores e o de não-leitores de livros de auto-ajuda. Deste modo, tentamos articular as informações colhidas nos questionários, buscando entender a complexidade que envolve a localização de uma comunidade de leitores de livros de auto-ajuda.

5.1 – OS “NÃO-LEITORES” E OS POSSÍVEIS LEITORES

Analisando os questionários conjuntamente pudemos perceber, entre os professores que estão dentro da universidade em processo de formação em nível superior, a tendência não só em negar que são leitores de livros de auto-ajuda como em afirmar o quanto não gostam desses livros e, em alguns casos, até sugerindo aversão ao gênero. Quando respondem à questão 4 (ver anexo) – onde perguntamos se são ou não leitores de livros de auto-ajuda e pedimos que, em caso afirmativo, citem os últimos títulos e/ou autores lidos – encontramos respostas do tipo:

Não, nunca li e não pretendo ler livros de auto-ajuda.(PEFOPEX 1, n.11)

Não sou leitora de livros de auto-ajuda, pois não (tenho) afinidade com esse gênero. (PEFOPEX 1, n.17)

Não sou leitora de livros de auto-ajuda. Não tenho paciência para lê-los. (PEFOPEX 1, n.1)

Já vi em prateleiras mas não li e não sei dizer os nomes. (PEFOPEX1, n. 8)

Já li alguns, mas não é minha leitura predileta, tanto que, no momento nem me recordo dos títulos. (PEFOPEX 2, n.14)

Leitora propriamente não, nunca li uma obra completa, mas uma escola em que trabalhei usava alguns textos, principalmente do Ishami (Içami) Tiba, a fim de orientar os pais. (PEFOPEX 2, n.3)

Ao serem perguntados se são ou não leitores de livros de auto-ajuda, alguns professores respondem simplesmente um “não”, outros fazem um grande risco que ocupa todas as linhas para resposta ou simplesmente deixam em branco. Ou ainda, como se pode ver pelas respostas acima, mostram o quanto possuem de aversão ao gênero, dizendo que não lêem, que nunca lerão esses livros e que não têm paciência ou afinidade para tal. Ainda encontramos aqueles leitores que os viram e tiveram contato, mas nem sequer recordam os nomes – sugerindo uma diminuição de seu interesse por eles – e quando houve o uso do livro de auto-ajuda, foi com uma finalidade profissional e pragmática: orientar os pais.

Dessa maneira, dentro da universidade e diferentemente do que ocorre em Santa Bárbara D'Oeste – onde não é tão marcante a tendência de justificar a repulsa pelos livros de auto-ajuda ou atribuir-lhes um caráter quase insignificante – podemos perceber claramente a classificação atribuída a este gênero no meio acadêmico, como uma leitura não legítima de ser declarada. Esse é um ponto proeminente em relação à classificação e (des)valorização desse gênero auto-ajuda, dentro da universidade.

Ao serem perguntados sobre quais tipos de livros/materiais impressos lêem (questão 1, ver anexo) – oferecemos várias opções, entre elas os livros de “auto-ajuda” – temos as seguintes respostas dos professores:

- Santa Bárbara D'Oeste: 13 leitores de livros de auto-ajuda e 22 não leitores desse gênero.

- PEFOPEX(1): 2 leitores de livros de auto-ajuda e 14 não leitores.
- PEFOPEX (2): 4 leitores de livros de auto-ajuda e 10 não leitores.

O que esses resultados representariam para essa pesquisa? Olhando num primeiro momento, o que esses números nos indicariam? Que a maior parte dos professores dos três grupos, tomados conjuntamente, não é leitora dos livros de auto-ajuda e que em Santa Bárbara D'Oeste existem mais leitores desses livros (mais de 50%) do que nos cursos PEFOPPEX 1 e 2.

No entanto, se olharmos para as respostas dos professores dos três grupos pesquisados, articulando essa primeira questão às outras que se seguem, pode-se perceber algumas contradições que permitem que desconfiemos de suas respostas.

Ao analisarmos conjuntamente as respostas dadas à questão número 1 e a número 4 (ver anexo), fica explícita essa contradição:

- Santa Bárbara D'Oeste: 22 não leitores (questão 1)/ Desses 22 leitores, 11 se contradizem na questão 4, afirmando serem leitores.
- PEFOPEX(1): 14 não leitores/ Desses 14, 2 se contradizem, dizendo serem leitores na questão 4.
- PEFOPEX(2): 10 não leitores/ dos 10, 4 se contradizem, dizendo serem leitores na questão 4.

A contradição é mais forte em Santa Bárbara D'Oeste, onde 50% dos professores que não se dizem leitores num primeiro momento, assumem-se como tais posteriormente, na questão 4. Identicamente, nas turmas PEFOPPEX 1 e 2 pode-se localizar essa contradição: PEFOPPEX 1 – 15% , na PEFOPPEX 2 – 40%. Os professores que se contradizem, mesmo tendo negado na questão 1, sugerem ser leitores do gênero auto-ajuda, em alguns casos mencionando títulos e autores lidos como nas seguintes respostas à questão 4:

O último livro que eu li, parece-me que o título é “Auto-estima passo a passo”, Ed. Papyrus. (Santa Bárbara D’Oeste)

(...) nunca li uma obra completa, mas uma escola em que trabalhei usava alguns textos, principalmente do Ishami (Içami)²⁵ Tiba, a fim de orientar os pais. (PEFOPEX 2, 3)

Sim. Gosto de ler este tipo de livro porque ajudam-me ampliar meus conhecimentos, no sentido de ampliar as soluções para os meus problemas que enfrento no meu dia-a-dia. Todos do Lair Ribeiro. (PEFOPEX 2, 10)

Já li alguns, mas não é minha leitura predileta, tanto que, no momento nem me recordo dos títulos. (PEFOPEX 2, 14)

Minutos de sabedoria e Texto da linha mágica. (Santa Bárbara D’Oeste)²⁶

Sim; O Mestre da Sensibilidade entre outros que não recordo no momento. (Santa Bárbara D’Oeste)

Alguns textos ligados a educação. (Santa Bárbara D’Oeste)

Quem mexeu no meu queijo? Você é a alma do negócio. (Santa Bárbara D’Oeste)

Essa contradição sugere uma tentativa de ocultamento da identificação desses leitores como tais, ora porque não querem ser reconhecidos como leitores de livros de auto-ajuda, ora porque podem identificar e gostar de algumas obras mas não sabem identificá-las como auto-ajuda, ou ainda, orientados por uma imagem do que seja “leitor” diferentemente construída. Talvez, para esses pesquisados o que caracteriza o leitor de um gênero seja um maior número de livros lidos, ou maior frequência de leitura de livros, então não se consideram

²⁵ Correção entre parênteses colocadas por nós.

²⁶ Mais de um professor, em S.B.O., mencionou esses dois títulos porque eram trabalhados com os professores pela Coordenadora Pedagógica, em horário de HTDC. Essa coordenadora sempre selecionava textos com um “fundo” de auto-ajuda para a vida profissional e pessoal dos professores, segundo uma das professoras.

leitores (*não li uma obra completa, não me recordo dos títulos*). De qualquer maneira, pode-se concluir que o número de leitores é maior do que o enunciado na primeira questão.

Incoerências podem ainda ser percebidas quando aproximamos a questão 1 (ser leitor) da questão 3 (quais os motivos que levam o leitor a buscar este ou aquele livro). Nesta terceira questão, ofereço como opções: para informação, por prazer, **para resolver ou entender um problema** e outros.

Ainda que reconheçamos as limitações de um questionário de múltipla escolha, se pensarmos que o gênero auto-ajuda contempla em seus temas soluções/propostas de comportamento diante de diferentes situações a serem enfrentadas pelo leitor, é possível estabelecer aqui um significativo indício de que os leitores, ainda que não se considerem como leitores de auto-ajuda, trazem nas suas motivações de opção por livros uma importante informação a respeito das suas leituras efetivas. Para tanto, é preciso olhar para os dados:

- Santa Bárbara D'Oeste: de 22 não leitores dos livros de aa²⁷, 11 buscam livros para resolver/entender um problema.
- PEFOPEX(1): de 14 não-leitores de livros de aa, 15 buscam livros para entender/resolver um problema.
- PEFOPEX(2): de 10 não leitores de livros de aa, 7 buscam livros para entender/resolver um problema.

Os dados nos dizem algumas coisas a respeito dos leitores, de suas opções e leituras efetivas. Por exemplo, na turma PEFOPÉX 1, 96% dos professores que se dizem não leitores buscam livros para resolver/entender um problema. Já na turma PEFOPÉX 2, 70% dos não-leitores buscam os livros pelo mesmo motivo. Em Santa Bárbara D'Oeste, 50% dos não-leitores de livros de auto-ajuda buscam livros para entender/resolver um problema. Novamente, o que prevalece aqui é a hipótese de que muito mais leitores lêem os livros de auto-

²⁷ Abreviação de auto-ajuda (aa) usada pela pesquisadora.

ajuda, embora não se reconheçam como tais, transparecendo uma quantidade bastante significativa nas turmas PEFOPX.

Se a auto-identificação como leitor de auto-ajuda é tênue por diferentes motivos, fazer uso da leitura de um livro de literatura para solucionar problemas é para alguns entrevistados uma realidade. Sem uma clara distinção entre os gêneros em que se organizam os livros, distinção essa complexa até mesmo para os teóricos/acadêmicos, esses professores definem os livros que lêem pelos seus usos, pelas suas práticas.

Como é o caso da professora, que respondendo à questão 6 sobre os livros de auto-ajuda que adota para crianças, menciona os seguintes títulos: “*Pinote, o fracote e Janjão, o fortão; Margarida Friorenta; Coleção Quem tem medo?*”²⁸(Santa Bárbara D’Oeste, 1)

Essa professora, assim como outros pesquisados, afirma não ser leitora dos livros de auto-ajuda para adultos (questão 1), mas na questão (6) busca nos livros de Literatura Infantil alguns temas e faz uso deles para um trabalho pedagógico, voltado às questões de relacionamento, ou algum problema em sala de aula. Essa opção parece ancorar-se na seguinte postura:

A literatura infantil, dentre outras possibilidades, permite ao leitor travar contato com temas essenciais à reflexão para tornar melhor e, porque não dizer, mais bem resolvido, o seu cotidiano. A linguagem de que seus autores se servem tem o dom, se manipulada com maestria de produzir textos cuja criatividade encanta e seduz, sem deixar de focalizar questões que levam o leitor em formação e o futuro cidadão, mesmo atuando no subconsciente, a enriquecer as relações com o mundo em que vive. (PEREIRA, 2004: 16)

Neste caso, os entrevistados colocam-se como não-leitores de livros de auto-ajuda, tanto adulto quanto infantil, porque não adotam/escolhem livros especialmente publicados com esta denominação, mas fazem uso de livros de Literatura com o propósito de solucionar dificuldades em sala de aula, mas não

²⁸ Esses livros são considerados por catálogos, editoras como pertencentes ao gênero Literatura Infantil.

“necessariamente”, “sem que necessariamente o problema esteja presente”, “esporadicamente”. A postura dessa professora parece ser sustentada na discussão do que ela acredita ser uma “função” da Literatura na educação escolar, bem como pode também significar a concepção ligada à “escolarização da leitura literária” – a Literatura utilizada como pretexto para trabalhar algumas questões que poderiam ser gramática, valores, entre outros.

ALBUQUERQUE (2004), discute o possível trabalho em sala de aula sobre o “CIÚME”, à partir de contos de fadas

Mas, se soubermos ler nas entrelinhas, veremos que é justamente nesses contos, tão cheios de deuses, princesas, monstros, dragões, animais falantes, fadas e bruxas, que encontramos a linguagem mais franca para trabalharmos com nossos alunos, sentimentos e conflitos interiores. Pois, tanto os mitos, quanto os contos de fada, nos falam abertamente de sentimentos comuns a todos os seres humanos, nossas carências, nossos medos e nossos desejos. (p.28)

Em pesquisa anterior (ASBAHR, 2001), na discussão sobre a complexidade em torno da expressão auto-ajuda, a autora localiza diferentes depoimentos de escritores, pesquisadores, pessoas em geral, contando que tiveram a partir da leitura de bons livros de Literatura um suporte de auto-ajuda:

Para FLEIG, por exemplo, no prefácio do livro “A ilusão no discurso da auto-ajuda e o Sintoma Social”, seus primeiros livros de auto-ajuda foram os de E.R. Bourroughs, de sua série sobre o Tarzan, porque “para o nosso herói, nada era impossível, e isso, igualmente deveria valer para seus leitores”. (ASBAHR, p.8)

Trata-se de Mário Fleig, psicanalista e mestre em Filosofia, que orientou o trabalho desenvolvido por Arnaldo Toni Sousa das Chagas publicado em forma de livro, citado acima. Para Fleig, entendemos que um livro de auto-ajuda, durante a sua infância, foi um material que trazia um personagem com quem se identificava, com quem gostaria de ser um igual, alguém que constituía para ele um modelo, uma referência. Na identificação com o personagem, a criança seria capaz de

vencer todas as dificuldades, participar das mais diferentes aventuras, lutar contra o mal e vencer. Não se trata da utilização dos livros de auto-ajuda, objetos de nossa pesquisa.

Também para SERRA (1998: 98):

*Ver, ouvir, ler, sentir uma obra de arte é ver a si próprio e à sociedade de maneira mais clara e provocadora. É olhar perto e longe, ao mesmo tempo. E isto nos ajuda a compreender o mundo à nossa volta. **A literatura é o melhor texto de auto-ajuda.**²⁹ A capacidade humana de fazer arte é preciosa e revolucionária. Por isso, os artistas, nos regimes ditatoriais, são os principais atingidos.*

Este trecho não se refere à experiência com os livros de auto-ajuda discutidos nesta pesquisa, mas de uma experiência que o leitor pode ter a partir da leitura de livros de Literatura. Nesta perspectiva, a autora está se referindo a uma outra maneira de entender o que seja “auto-ajuda”, não se restringindo à concepção pragmática e diretiva dessa produção. Para ela, parece-nos que a auto-ajuda está relacionada com a reflexão sobre a vida, sobre si mesmo, sobre os problemas humanos na tentativa de compreender o mundo à sua volta. Essa pressupõe o uso da capacidade humana em poder relacionar, refletir, questionar, comparar, avaliar, compreender, interpretar o mundo à sua volta. Capacidades bastante diferentes daquelas pressupostas pelos livros de auto-ajuda, que direciona, ordena, indica, aconselha, dirige, evita a ambigüidade e o questionamento.

Os entrevistados ao se declararem não-leitores, mas sujeitos que fazem uso da Literatura para ajudar a criança a resolver seus problemas, parecem estar imbuídos dessa idéia da leitura de certos textos como uma prática “redentora”.

Mas há autores que, por outro lado, defendem uma distinção bastante importante do que seja Literatura Infantil. Para diferenciá-la dos livros de auto-ajuda destinados à criança, ressaltamos aqui a concepção de Literatura Infantil para Ana Maria Machado, autora desses livros:

No caso de Literatura Infantil, porém, referimo-nos àquela que pode ser lida também por crianças, o que aumenta o campo semântico coberto pelo substantivo literatura, que normalmente não inclui a noção que abarca obras ao alcance dos leitores mais jovens. Não tem nada a ver com livros para crianças. Tem a ver com literatura, arte da palavra, beleza, ambigüidade, polissemia, qualidade de texto, aquilo que Roman Jakobson chamou de função poética da linguagem (...) no termo literatura infantil, o adjetivo não limita o sentido do substantivo, como ocorre normalmente na língua, mas, pelo contrário, o amplia, fazendo-o abranger um campo mais vasto. (MACHADO, 1999: 13)

Embora os professores entrevistados não levantem e nem se posicionem nas discussões a respeito da diferenciação dos livros de auto-ajuda em relação aos outros livros produzidos para crianças, citando livros de Literatura como de auto-ajuda para crianças, esta pesquisa busca delinear os leitores de auto-ajuda capazes de identificá-los como uma produção recente no mercado editorial e nomeada pelas livrarias, pelas fichas catalográficas e pelos próprios autores como pertencentes ao gênero auto-ajuda para crianças. Assim, falar de livros de auto-ajuda para crianças requer, para nós, distanciá-los dos livros de Literatura. Se nos livros de Literatura temos a arte da palavra, ambigüidade, polissemia, no caso dos livros de auto-ajuda infantis o que se encontra é um discurso prescritivo, direcionado, com somente uma voz: daquele que aconselha, ensina, ordena. No caso da Literatura Infantil não se trata de uma diminuição de seu leitor e da obra, mas antes da expansão do universo de leitores. Se a Literatura, voltada ao público adulto restringe-se a este; no caso da Literatura Infantil, além de ser lida por adultos por ser antes de tudo Literatura, também é destinada às crianças. O que determina se uma obra é Literatura Infantil não é o público a quem ela é destinada, mas as características que lhe atribuem uma forma literária.

Para tentar entender essa grande demanda de professores que buscam livros para resolver/entender um problema (questão 3), levantaremos um ponto bastante forte nas respostas dos pesquisados: o uso, no caso dos livros infantis. O

²⁹ Grifo da pesquisadora.

“uso” que se faz dos livros parece ser um importante indicador do que sejam os livros de auto-ajuda para os professores.

Para tanto, voltemo-nos agora para os motivos que levam os professores, que se dizem não-leitores, a buscarem esse gênero auto-ajuda para seus alunos. Os “motivos” que os levam a buscar esses livros são um importante indício desses usos/práticas efetivas:

A curiosidade dos alunos. “O que está acontecendo comigo?” “De onde eu vim?” (Santa Bárbara D’Oeste, 2)

Crianças diferentes, o nascimento de um novo irmão. (Santa Bárbara D’Oeste, 3)

Para melhorar a disciplina, auto-estima e problemas cotidianos na sala de aula. (Santa Bárbara D’Oeste, 4)

Para melhorar auto-estima, problemas cotidianos na sala, disciplina. (Santa Bárbara D’Oeste, 5)

Estimular a auto-estima. Já trabalhei com o “Se liga” (sic!) em você pois ajuda a melhorar a auto-estima. (PEFOPEX 2, 14)

Falando de convivência”. Trabalhei o livro citado a fim de criar momentos de reflexão entre as crianças de uma quarta série. A classe apresentava comportamentos preconceituosos. (PEFOPEX 2, 3)

Porque retrata situações enfrentadas pelas crianças. O ano passado. Na EMEI. Crianças de 5 e 6 anos. “Aconteceu comigo”. (PEFOPEX 2, 11)

Os desafios do dia-a-dia e a condição da sociedade constituída hoje, que nos colocam diante de situações complexas carregadas de individualismo, egoísmo, relações de poder, estruturas emocionais e financeiras abaladas que acabam por refletir na sala de aula. (PEFOPEX 1, 2)

Especificamente de auto-ajuda não porém sempre que possível ou pertinente leio fábulas que têm temas sobre moral ou uma lição de vida. (PEFOPEX 1, 1)

Embora desconheça livros com este gênero, procuro trabalhar o lado emocional através de conversas (individual ou coletiva), dinâmicas, brincadeiras, textos (histórias infantis – contos), etc. (Santa Bárbara D'Oeste, 7)

Quando há algum problema relacionado ao assunto abordado no livro ou esporadicamente, sem que necessariamente o problema esteja presente, afim de leitura. Trabalho em sala de aula com o Jardim II, idade de 5 e 6 anos. Com o propósito de trabalhar dificuldades de relacionamento também, mas não necessariamente. (Santa Bárbara D'Oeste, 1)

Considerando que a denominação do gênero auto-ajuda para crianças é uma produção recente no mercado editorial (ASBAHR, 2001) assim como o uso pedagógico da literatura infantil e de outros gêneros voltados a esse público são entendidos como auto-ajuda, o que aproxima esses professores com muita clareza são os motivos que os levam a ler/falar sobre/conhecer alguns livros para trabalhar em sala de aula. São diferentes “necessidades”, de ordem prática (escovar os dentes, arrumar as coisas) e de ordem “terapêutica” (auto-estima, depressão, estresse, sofrimento).

Esse grupo dos “não-leitores” apresenta diferentes necessidades/motivos para a utilização de livros de auto-ajuda em sala de aula, mesmo afirmando não serem leitores desse gênero. Lançam mão desses “novos” livros de auto-ajuda, mas também de literatura, didáticos, paradidáticos, informativos, entre outros, para situações específicas, problemas cotidianos de sala de aula.

Desse grupo também existem aqueles que não conhecem os livros de auto-ajuda, mas que manifestam o desejo de conhecê-los, embora muitas vezes afirmem não gostar do gênero para leitura própria. Em alguns casos, até se contradizendo, como é o caso da professora que, embora na questão 6 (se já trabalhou ou trabalha com esses livros para crianças) responda:

Não, acredito que minhas crianças não precisam, pois os problemas delas resolvemos, com muito carinho e um bom bate-papo. (Santa Bárbara D'Oeste, 17)

Na questão 8 (Como conheceu esses livros), afirma:

Não, até gostaria de conhecer alguns. (IDEM)

Embora essa professora responda que não acredita na utilização desses livros, pois com bate-papo e carinho os problemas das crianças são resolvidos, numa outra questão revela o desejo de conhecer alguns.

Outros professores não-leitores de livros de auto-ajuda manifestam o desejo de conhecer esses livros, mesmo sem justificar o porquê. Por diversas vezes, os questionários terminam com respostas como esta:

Pretendo conhecer. (Santa Bárbara D'Oeste, 18)

Esses professores não-leitores dos livros de auto-ajuda, no que se refere aos seus alunos, mostram-se como aqueles que, dentre suas tarefas como profissional, também podem e devem ajudá-los em seus problemas emocionais/afetivos. Não declaram adotar esses livros como material para leitura própria, parecem saber que são considerados como um material de leitura “menor” para certos teóricos/acadêmicos, mas quando se tratam dos seus alunos sentem desejo de conhecer livros de auto-ajuda para poder ajudá-los em seus problemas e dificuldades. Esses livros parecem corresponder à expectativa desses professores como auxiliar no seu trabalho, como recurso para solucionar conflitos na sala de aula.

5.2 – OS LEITORES DECLARADOS

Até aqui falamos sobre aqueles professores que não se auto-denominam como leitores de livros de auto-ajuda. Tomemos agora os que se assumem como “leitores” desses livros, aqueles que se reconhecem, que gostam e que defendem sua utilização. Em grande parte das vezes, apresentam-se até mesmo como leitores “apaixonados” pelo gênero. Assumem-se enquanto tais, escrevem com desenvoltura sobre os livros, autores, temas tratados, bem como sobre os motivos que os levam a ler esse tipo de livro. Olhemos para os números:

- Santa Bárbara D’Oeste: 13 leitores
- PEFOPEX 1: 2 leitores
- PEFOPEX 2: 4 leitores

Como se pode notar, é bastante restrito o número de professores que se tomam por leitores de livros de auto-ajuda, em comparação com os 46 entrevistados que se auto-identificam como não-leitores.

Os leitores assumidos sabem o quê ler (autor, obras) e por quê ler essas obras (para refletir sobre a vida, para mudá-la, para solucionar problemas). Como é o caso das respostas dadas por esses leitores:

Leio esses livros pois acho que, mesmo sabendo muito do que eles querem nos “ensinar”, às vezes acabo me esquecendo...Sempre é tempo de lembrar “boas dicas” para facilitar nosso dia-a-dia (o que não garante que todas sejam boas...). Sempre se aproveita alguma coisinha. Títulos: “Quem mexeu no meu queijo?”; “Para que minha vida se transforme”; Histórias para aquecer o coração”; autores: Içami Tiba, Dalai Lama, etc (PEFOPEX 1, 4)

*Para que minha vida se transforme
Histórias para aquecer o coração I
Histórias para aquecer o coração II
Histórias para aquecer o coração dos adolescentes
Histórias para aquecer o coração das mulheres
Histórias para aquecer o coração das mães. (PEFOPEX 1, 16)*

Em alguns momentos Paulo Coelho. Considero um tipo de leitura essencial para a reflexão e “mudanças”. (PEFOPEX 2, 6)

Sim, sou leitora. Como tantas outras pessoas, passei (e ainda passo!) por inúmeros problemas pessoais, que chegaram a “abalar” meu emocional. Sugeriram-me então, “ler” para uma possível auto-ajuda: comecei por Roberto Shinyachik (...) Amar pode dar certo; A carícia essencial; Vivendo, amando e aprendendo; Otimismo em gotas. (PEFOPEX 2, 8)

Sim. Porque trata de assuntos que tratamos no dia-a-dia. Terapia do estresse, Cinco minutos para Deus, Fique de bem com seu corpo, Terapia da aceitação, Terapia do perdão. (Santa Bárbara D’Oeste, 6)

Sim, porque é um tipo de leitura que nos faz refletir e pensar muitas coisas. Pequeno livro das virtudes além da lenda (Heloísa Galves e Regina M. Azevedo), Ânimo (Lourival Lopes), Minutos de sabedoria (C. Torres Pastorino) e MAKTUB (Paulo Coelho) – livro reflexivo/meditação. (Santa Bárbara D’Oeste, 8)

Sim. Para aceitar e adquirir forças e fé para sair das dificuldades que nós seres humanos passamos todos os dias. Minutos de sabedoria, A vida sexual dos solteiros e dos casados, Força para viver, Como confiar em si e viver melhor, Otimismo todo dia. (Santa Bárbara D’Oeste, 9)

Neste conjunto de entrevistados não há contradição entre as obras/autores identificadas no mercado editorial como de auto-ajuda e as que citam e usam. Esses leitores lêem para entender seus problemas diários, para refletir sobre eles. Pelos títulos citados, as pessoas buscam resolver seus problemas afetivos/emocionais, adquirir ânimo, preparar-se para mudanças, para “lembrar das boas dicas” oferecidas pelos autores. A leitura, como possibilidade de busca

de respostas para os problemas íntimos, afetivos e para compreensão de si mesmo tem presença marcante entre esses leitores.

O professor, como aquele que necessita de ajuda, também é encontrado entre os pesquisados que fazem uso do gênero auto-ajuda. Dos 19 professores que se consideram leitores de livros de auto-ajuda, 9 afirmam usar tais livros para ajudá-los profissionalmente. Uma professora leitora de livros de auto-ajuda, de Santa Bárbara D'Oeste, ilustra esse grupo de professores ao responder sobre os motivos que a levam a buscar esses livros, responde:

Porque o professor precisa estar sempre buscando, refletindo e se auto-ajudando.³⁰ (15)

Que categoria profissional é essa que precisa estar se auto-ajudando? Por que o professor é colocado como aquele que precisa se auto-ajudar? O que é específico a esse profissional que coloque como necessária e desejável a leitura de livros de auto-ajuda? Qual a relação de sua opção de leitura pessoal, em sua atuação profissional, como responsável pela formação de crianças-leitoras?

Buscando indícios nas respostas dos professores aos questionários que possam levar à compreensão do professor como aquele que necessita de ajuda, localizamos alguns autores/teóricos da área de educação que são classificados como escritores de auto-ajuda pelos professores, nas respostas à questão 4. Destacamos estes:

Celso Antunes, Piaget, Paulo Freire. (Santa Bárbara D'Oeste, 20)

Rubem Alves – O Retorno e Ternos, E aí? Cartas aos adolescentes e a seus pais; Cenas da vida; A festa de Maria; Sobre o tempo e a eternidade; Histórias para quem gosta de ensinar; Histórias para quem gosta de aprender; Navegando. Celso Antunes – Marinheiros e professores; Alfabetização Emocional; Inteligências Múltiplas. Santa Bárbara D'Oeste, 25)

Paulo Coelho, Rubem Alves. (Santa Bárbara D'Oeste, 30)

³⁰ Grifo da pesquisadora.

Eu li o livro Inteligência Emocional, que suponho ser de auto-ajuda. Me interessei porque gosto de psicologia. (PEFOPEX 2, 13)

Dentre muitos pesquisadores/teóricos que escrevem para os professores, sobre os desafios profissionais enfrentados no seu dia-a-dia, por que esses autores vêm citados mais de uma vez por esses entrevistados? Talvez eles sejam mais (re)conhecidos dos professores por serem divulgados nos cursos de formação inicial e continuada e/ou em entrevistas pela mídia. Talvez esses autores, com exceção de Piaget, estejam associados ao gênero pelo fato de transformarem teorias complexas em uma linguagem mais simples, mais acessível – o que representa uma das características dos livros de auto-ajuda.

Voltemos nosso olhar, neste momento, para os principais e mais importantes desafios que os professores-leitores apaixonados de livros de auto-ajuda encontram no seu dia-a-dia: seus alunos. Ao serem perguntados, na questão 6, se conhecem e/ou trabalham e os motivos que os levam a optar pelos de auto-ajuda para crianças, respondem

(...) porque tratam de assuntos às vezes complicados e difíceis da criança entender e, aceitar, de uma maneira “fantasiosa”, porém verdadeira e simples para as crianças, mostram o lado bom e até a importância de alguns acontecimentos que, na maioria das vezes, são transformados em bichos de sete cabeças ou em “traumas psicológicos” (Santa Bárbara D’Oeste, 25)

Conheci essa coleção – “Se ligue” em você – recentemente através de minha colega de trabalho, profa. L. Procuo trabalhar com Histórias infantis que contenham sentido moral. Ex: A galinha ruiva, etc. Trabalhei no sentido de cooperação, do trabalho coletivo; que a classe estava precisando. (Santa Bárbara D’Oeste, 32)

Sim, sempre que existe a necessidade ou existiu, de trabalhar sentimentos com as crianças para quais dou aula. Classes com dificuldade de relacionamento entre os alunos ou entre os alunos e seus familiares. Também para conhecimento e informações para as crianças, para que elas possam trabalhar esses sentimentos ou informações, no seu dia-a-dia. (Santa Bárbara D’Oeste, 18)

Embora desconheça livros com este gênero, procuro trabalhar o lado emocional através de conversas (individual ou coletiva), dinâmicas, brincadeiras, textos (histórias infantis, contos), etc.

Tais procedimentos se dão ao fato da eminente carência afetiva e emocional de várias crianças. Cabe citar que a escola situa-se numa região de classe social baixa. (sic!) (Santa Bárbara D'Oeste, 16)

Desde meu primeiro contato com as crianças, foi despertada uma grande ânsia, em mim, por conhecê-las, compreendê-las, orientá-las...ajudá-las! Está aí uma das formas para chegar a esse objetivo – livros de auto-ajuda – e também exercitar o hábito, o prazer por ler. (PEFOPEX 2, 8)

Para aumentar auto-estima, ou melhorar o relacionamento afetivo entre as crianças, criando laços entre eles. (PEFOPEX 1, 16)

Já li livros desse tipo com meus alunos, para “conversar” sobre os temas depois. Também já recorri a esses tipos de livros para “resolver” ou ajudar algum problema como medo, por exemplo. Aliás, para o medo mesmo, já utilizei em primeira e segunda séries, em anos anteriores, nessa mesma escola e na escola que trabalhei até 2001 (escola particular também). (PEFOPEX 1, 4)

Os motivos da utilização desses livros são diversos: para aprender a lidar com dificuldades, evitando “traumas psicológicos”, para trabalhar sentimentos, dificuldade de relacionamento dos alunos entre si e entre os alunos e seus familiares, para desenvolver o lado emocional de forma a lidar com a carência afetiva das crianças. Os professores desejam recuperar/melhorar/developar a auto-estima de seus alunos e ajudá-los nas diferentes circunstâncias de suas vidas.

Parece-nos evidente que o grupo dos “leitores dos livros de auto-ajuda” tem como função profissional ajudar seus alunos a resolver problemas: de auto-estima, de mudanças, de medo, de relacionamento afetivo, “do lado emocional”. Parece existir a necessidade de uma educação “terapêutica”, psicológica, como se os aspectos afetivos pudessem ser aperfeiçoados dentro do espaço escolar através

do trabalho do professor, onde este assemelha-se mais a um terapeuta, a um psicólogo do que ao antigo professor que trabalhava gramática, aritmética, álgebra, etc.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Como se pode ver, tanto os professores que se dizem leitores, como os não leitores de livros de auto-ajuda, parecem se considerar não como aqueles que ensinam somente o conteúdo (Matemática, Língua Portuguesa, História, etc.), mas como aqueles que também se preocupam em desenvolver o lado emocional, a auto-estima de seus alunos, numa perspectiva psicológica de “tratar” os problemas dos educandos.

Ao analisar os dois grupos – leitores e não-leitores dos livros de auto-ajuda – podemos encontrar alguns pontos que os aproximam e outros que os distanciam. A pesquisa mostrou que, quantitativamente, a maioria dos entrevistados se auto-define como não-leitores de livros de auto-ajuda, ainda que apresentem contradições em suas falas.

Os não-leitores apresentam essas contradições no que se refere à eleição desse gênero para leitura própria, pois alguns são convictos ao afirmarem que não o são; outros falam timidamente sobre quando fazem uso desse gênero, muitas vezes deixando transparecer que podem ser leitores de tais livros. Por outro lado, os leitores “assumidos” não apresentam qualquer problema na identificação de autores e obras de auto-ajuda, transitando com desenvoltura nesse universo.

No entanto, quando se trata de justificarem o uso do gênero para o público infantil (seus alunos), os dois grupos não se diferenciam. Ambos utilizam-se de livros de auto-ajuda, de Literatura, didáticos, paradidáticos e informativos para trabalhar com a auto-estima, o lado emocional das crianças. Mesmo os não-leitores de livros de auto-ajuda manifestam o desejo de conhecer tais livros para crianças com tal escopo.

Nessa perspectiva, para os dois grupos existe uma demanda de alunos que necessitam de ajuda para lidar com os problemas que enfrentam. Para tanto, esses professores buscam nos livros voltados ao público infantil – nem sempre somente os de auto-ajuda – uma ferramenta de trabalho em sala de aula.

Dentro do alcance que esse momento da pesquisa proporcionou, acreditamos que conseguimos delinear um panorama dos leitores, da dificuldade em localizá-los, em entender como se dá essa relação dos leitores empíricos com os livros de auto-ajuda. No entanto, essa pesquisa foi geral, como proposta inicialmente. Para um próximo momento e, tendo em vista conhecer de modo mais aprofundado a recepção desses materiais por esses leitores, lançaremos mão de depoimentos gravados com alguns dos professores que responderam ao questionário. A escolha recairá sobre aqueles que se identificam como leitores de livros de auto-ajuda, também do ponto de vista profissional e que demonstram uma significativa familiaridade com o gênero e com as obras lançadas no mercado.

III – ENTREVISTA GRAVADA: O ENCONTRO COM OS LEITORES

Considerando o grande aumento da produção pelo mercado editorial e a presença de debates na mídia sobre os livros de auto-ajuda – importantes indícios da emergência, persistência e importância cultural desse gênero –, é fundamental pesquisar as práticas de leitura: olhar para os leitores empíricos, de “carne e osso”. Cabe focalizar o que se tem feito com esses livros: ouvir o que os leitores têm a dizer, como lêem, para quê lêem, buscando entender as formas de apropriação que esse material de leitura vem assumindo em uma determinada comunidade de leitores. Isto parece configurar um viés importante para entender como o gênero auto-ajuda vem se expandindo e tomando forma na vida de seus leitores, bem como entender algumas práticas de leitura no atual momento histórico.

Na busca desses leitores – aplicação dos questionários – tentamos explorar diferentes grupos de professores, tendo como objetivo delinear o movimento de aceitação ou não do gênero, quando pudemos constatar a grande dificuldade de estabelecer numericamente e de forma definitiva os leitores dos livros de auto-ajuda. A linha divisória entre aqueles que são e aqueles que não são leitores desses livros é tênue, permitindo esboçar caminhos de opções de leitura, mas não estabelecê-la de maneira precisa e somente quantificando-a. Os entrevistados podem ler ou ter lido textos de auto-ajuda num determinado período, mas não “serem” ou “se considerarem” leitores de tais livros.

O esforço voltou-se – além dos traços numéricos e de sua importância – ao estabelecimento de uma conversa entre as questões propostas aos pesquisados e que permitiram, ainda que de forma preliminar, delinear a importância e a presença que os livros de auto-ajuda vêm assumindo.

Esse primeiro momento da pesquisa foi importante para o prévio contato com os leitores, bem como para o levantamento de aspectos ligados à leitura (o

quê lêem, por quê lêem, para quê lêem), ainda que não de maneira aprofundada. Buscando maior adensamento para a discussão da pesquisa, optamos pela escolha de alguns leitores para entrevista gravada.

É importante ressaltar que tomamos como referência o leitor como aquele que é histórico e culturalmente construído, pertencente a uma comunidade que compartilha aspectos que o aproximam de outros leitores tais como: a opção pela categoria “livros de auto-ajuda”, os motivos que os levam a optar por tais livros, as maneiras como os lêem, bem como suas escolhas pela utilização de livros de auto-ajuda em sala de aula como forma de uma educação para seus alunos, também leitores. Nesse contexto, a intenção consiste em:

(...) organizar modelos que correspondam a uma dada configuração histórica em uma comunidade particular de interpretação (...) reconstruir as convenções de leitores que só permitem, quando as fontes o oferecem, a compreensão de práticas particulares, já que entendidas como exemplares, ou em sua originalidade radical. (CHARTIER, 2001: 33)

Muito além de defender ou censurar a leitura desses livros, o esforço nesta pesquisa volta-se à compreensão das “táticas”³¹ desses leitores, das suas maneiras de ler, de suas formas de apropriação; penetrar o campo dos leitores – neste caso, os professores –, centrando-se no pólo da recepção e tomando como referência uma concepção de Michel de CERTEAU, sobre os bens culturais:

(...) é preciso interessar-se não pelos produtos culturais oferecidos no mercado dos bens, mas pelas operações dos seus usuários; é mister ocupar-se com “as maneiras diferentes de marcar socialmente o desvio operado num dado por uma prática.” (CERTEAU, 1994: p. 13)

³¹ “Tática” é tratada aqui na concepção de CERTEAU (1994). Nesta perspectiva, está ligada às maneiras de fazer, à astúcia dos leitores ao se apropriarem de um texto quando criam a partir do que lêem. Ao se atentar às táticas, o objetivo é entender a forma/maneira de uma prática cultural, não permitida somente em levantamentos quantitativos. Dessa maneira, o binômio produção–consumo pode ser concebido como escritura-leitura.

Tomando essa idéia de CERTEAU acerca dos produtos culturais, acreditamos na necessidade de estudar os leitores, os usos e práticas que se fazem dos livros de auto-ajuda adultos e infantis. Por que os professores escolhem os livros de auto-ajuda para leitura própria? Por que escolhem esses livros? É possível identificar diferentes maneiras de utilização dos livros infantis? Como esses livros vêm sendo utilizados nas escolas? Quais aspectos norteiam a opção dos professores e das professoras por tais livros?

Sendo os livros de auto-ajuda “manuais” de aconselhamento, a suposição poderia ser de que eles sejam buscados e lidos com um propósito estabelecido, o de uma leitura que vise instruir/direcionar seus leitores, oferecendo sugestões de comportamentos a serem “incorporados” à vida dos mesmos. Olhando dessa maneira, a expectativa do leitor iria ao encontro com a proposta trazida pelo autor/editor do livro: que se transformaria em “ações e mudanças de comportamento”. No entanto, é importante ressaltar que, em se tratando de literatura de auto-ajuda, mesmo com seu caráter pragmático, prescritivo e de fornecimento de conselhos diretivos:

De certo, precisamos postular que o caráter prático da literatura em foco não significa dizer que suas prescrições sempre se traduzem em planos de ação, expressando-se em comportamento social. A letra dos textos não é homóloga à mente dos leitores. (RÜDIGER, 1996: 21)

Concordando com RÜDIGER³², acreditamos na importância de se considerar que os leitores não são passivos, podendo não receber os textos da maneira como é pensada pelo autor – mesmo em se tratando de textos prescritivos e de conteúdo pragmático. Essa postura também é válida para a apropriação de livros de literatura como se fossem textos de auto-ajuda. Podemos encontrar leituras que tomam obras abertas e transformam-nas em uma mensagem unívoca e diretiva.

Os leitores podem utilizar esses livros não de maneira inerte, mas criando, (re) criando, produzindo a partir dos livros que lêem e, em alguns casos, fazendo usos sequer imaginados pelos autores/editores desses livros. O leitor:

Inventa nos textos outra coisa que não aquilo que era a “intenção” deles. Destaca-os de sua origem (perdida ou acessória). Combina os seus fragmentos e cria algo não-sabido no espaço organizado por sua capacidade de permitir uma pluralidade indefinida de significações.(CERTEAU, 1994: 264-265)

Ao olharmos para os leitores de carne e osso e para seus relatos de experiências de leitura, para si próprios e para a leitura que pretendem para seus alunos, podemos identificar as práticas particulares consideradas exemplares de leitores de livros de auto-ajuda. Seleccionamos algumas leitoras que pudessem ser consideradas representativas dessa comunidade. A opção por apenas três leitoras fez com que essa pesquisa assumisse um caráter de “estudo de caso”.

Estudo de caso

Optamos pela realização de entrevistas gravadas com as leitoras, consideradas “representativas” dos livros de auto-ajuda para crianças. Buscamos maior detalhamento de suas experiências de leitura, tanto na escolha para seu uso pessoal quanto na escolha profissional no trabalho com seus alunos no espaço escolar.

Foram selecionadas quatro professoras, das quais três participaram. Qual a validade para um conjunto maior de professores dessas “histórias” singulares? O que essas experiências das leitoras poderiam trazer de significativo para o conhecimento da leitura do gênero auto-ajuda num contexto maior?

³² É importante ressaltar que Rüdiger não focaliza em sua pesquisa o pólo da recepção. Ele centra-se no estudo dos textos, mas traz essa importante consideração em relação aos possíveis leitores.

Ao indagar as professoras sobre suas experiências de leitura e suas opções de trabalho em sala de aula, criam-se condições para que reflitam sobre suas trajetórias pessoais de leitura e nesse contexto:

A construção de uma história de vida não se esgota em seu aspecto único e singular, mantém uma relação profunda com os fatos e acontecimentos do coletivo, por isso mesmo encontra eco em outras histórias que se perpassam e se tecem no social. (MORAES, 2001:184)

Sem desprezar as singularidades dos sujeitos, mas tomando-as como uma forma de liberdade relativa – porque dentro de sistemas normativos e prescritivos³³ - é possível encontrar nos depoimentos das leitoras “ecos” em outras experiências: referência aos anseios, obstáculos e questões que têm desafiado grande parcela de professores.

Nas falas dessas professoras, nas manifestações de suas dificuldades e das escolhas dos livros utilizados em sala de aula – que têm caráter mais coletivo, porque muitas vezes os livros são indicados por colegas de trabalho – ocorre uma ressonância em um contexto mais amplo, onde se sustentam algumas concepções de infância, das funções da leitura e de formação de leitores, que estão presentes nos discursos dos professores.

As informações coletadas através das entrevistas das professoras e os “indícios” rastreados foram constantemente cruzados e confrontados, a partir das categorias definidas pelas questões da pesquisa (já discutidas anteriormente e retomadas mais adiante). Nesse contexto, os estudos sobre a História Cultural e da leitura (CHARTIER, GINZBURG, DARNTON, CERTEAU)³⁴, bem como de

³³ Levi (1992), ao trazer à discussão a abordagem que tem como centro a micro-história destaca: “Seu trabalho tem sempre se centralizado na busca de uma descrição mais realista do comportamento humano, empregando um modelo de ação e conflito do comportamento do homem no mundo que reconhece sua – relativa – liberdade além, mas não fora, das limitações dos sistemas normativos prescritivos e opressivos. Assim, toda ação social é vista como o resultado de uma constante negociação, manipulação, escolhas e decisões do indivíduo, diante de uma realidade normativa que, embora difusa, não obstante oferece muitas possibilidades de interpretações e liberdades pessoais. (p.135)

³⁴ Ver bibliografia.

algumas teorias sobre a mídia, indústria cultural e questões sobre a atual fase da modernidade, nortearam a sustentação teórica e metodológica da investigação.

A entrevista

No momento da distribuição dos questionários, todas as pesquisadas foram informadas de que poderiam, posteriormente, ser contatadas. Para tornar possível a localização dessas pessoas, foi solicitada em uma das questões o nome completo ou primeiro nome, bem como a escola onde trabalhava.

Ao analisar os questionários, a opção para a entrevista foi por aqueles leitores de livros de auto-ajuda para adultos e para crianças, que utilizam os últimos com seus alunos e que os buscam para tentar entender/resolver um problema. Também contribuiu para a escolha a desenvoltura demonstrada pela qualidade das informações e situações relatadas pelo leitor ao responder as questões de caráter dissertativo. E, por último, a disponibilidade e vontade do pesquisado em participar da entrevista gravada.

Tendo em vista tornar essa fase da pesquisa mais produtiva, a partir dos resultados obtidos na leitura dos questionários respondidos, elencamos os aspectos mais relevantes para direcionar a elaboração de um roteiro³⁵ para a entrevista.

O roteiro teve como objetivo conhecer aspectos importantes a respeito das práticas de leitura das professoras, tais como a maneira como conheceram os livros de auto-ajuda para adultos, como os lêem, para quem lêem, como lêem e por que lêem. Já em relação à opção pelos livros de auto-ajuda para seus alunos enquanto profissionais, buscamos entender os aspectos que sustentam suas escolhas: por que trabalham ou trabalharam com os livros de auto-ajuda para crianças, como conheceram esses livros, assuntos/temas/objetivos que levaram a essa opção, aspectos importantes para a escolha e como são desenvolvidos os

³⁵ Ver ANEXO 2.

trabalhos (projetos, leitura diária, livro adotado, entre outros). Dessa maneira, o esforço foi cruzar pontos importantes das escolhas e leituras pessoais das professoras (as maneiras como contam/relatam as suas visões enquanto leitoras de um gênero específico), ligando-os à busca de indícios de suas opções de trabalho na escola enquanto formadoras de leitores (a visão que têm a respeito de suas funções como professoras e que permeia suas decisões, ao optarem por determinado livro em detrimento de outros).

Embora houvesse a intenção de “guiar” a entrevista, as perguntas não se restringiram somente ao roteiro, tendo em vista que:

O papel de um entrevistador é o de forçar a intimidade; é o de levar a falar sobre o que não falaria por si mesmo. (Pallares-Burke, 2000: 11)

Juntamente ao desejo de cumprir o roteiro, levantando as questões ali presentes, também fizemos intervenções consideradas necessárias durante a conversa. Essa decisão foi tomada quando, durante o processo de entrevista, sentimos a necessidade de fazer as entrevistadas falarem mais, conhecê-las melhor acerca de uma postura apresentada a respeito dos livros de auto-ajuda, bem como de suas práticas em sala de aula com esse material. Outro aspecto que levou muitas vezes à opção de ir além do roteiro diz respeito à flexibilidade necessária no processo de entrevista, tendo como objetivo o respeito a cada história de leitura e à postura do entrevistado em permitir ou não maior aprofundamento nas questões durante a conversa. Na verdade, procuramos combinar dois aspectos – o trabalho acadêmico e a conversa –, sendo que a entrevista:

(...) pode ser vista como uma espécie de gênero intermediário entre o pensamento e a escrita elaborada, como um gênero capaz de apreender a idéia em movimento e, nesse sentido, como algo que pode ser considerado não um substituto, mas sim um complemento aos textos mais estruturados. (IDEM, p.12)

As entrevistas foram realizadas pessoalmente e gravadas. Antes do início com o gravador, havia uma conversa prévia dizendo, em linhas gerais, qual era o nosso objetivo com aquelas perguntas. Também foi combinado que, após a transcrição da entrevista, elas teriam acesso ao texto e isso lhes possibilitaria dizer se concordavam ou não com a entrevista transcrita.

É importante ressaltar que a entrevista com uma das professoras, J., não foi gravada. Devido a uma série de situações, esta preferiu responder às questões por escrito. Inicialmente, a nossa opção foi pela desconsideração desta entrevista, consideradas as implicações/perdas/dificuldades de entrelaçar fontes de naturezas diversas (oral/escrita). Mas, devido à riqueza e relevância dos dados apresentados, a opção foi por mantê-la.

Para a entrevista gravada havia um preparo, que compreendia a leitura prévia do questionário respondido pela pessoa a ser entrevistada, o roteiro e a constante avaliação e reavaliação da fala da pesquisadora e da fala da entrevistada – para que a intervenção fosse mais eficaz, no sentido de compreender os pontos obscuros – que pudessem oferecer mais informações desses leitores, desse pólo mais fugidio, escorregadio, que é o da recepção.

MARIA³⁶

A entrevistada trabalha na rede municipal de Santa Bárbara D'Oeste há 16 anos. Formada em Magistério – antigo segundo grau, ocupou durante onze anos o cargo de Coordenadora Pedagógica. Faixa etária de 30-40 anos.

No final de 2002, após muitas dificuldades com a atual administração da Secretaria de Educação da cidade, deixou o cargo e voltou a atuar como professora em dois períodos, na Educação Infantil (pré-escola: crianças de 5 e 6 anos).

³⁶ Conforme combinado com as leitoras, os nomes são fictícios.

A partir da leitura dos questionários e da conversa prévia foi possível inferir que esta professora é uma ávida leitora de livros de auto-ajuda, considerando-os extremamente úteis e importantes para o crescimento pessoal e profissional. Foi contatada devido à extrema desenvoltura que apresentou ao escrever sobre os livros de auto-ajuda, inclusive para crianças, mas também por ter demonstrado interesse em participar da entrevista gravada.

Entrei em contato por telefone, convidando-a para a entrevista gravada. Expliquei os motivos que me levaram à escolhê-la, o que fez com que ela aceitasse prontamente o convite.

No dia combinado, demos início a entrevista. Expliquei que seria gravada, por se tratar de um procedimento científico e para que informações importantes não se perdessem. Novamente, ela concordou e iniciamos.

LEILA

Essa leitora é aluna do curso PEFOPLEX, da Faculdade de Educação, da UNICAMP. Trabalha em uma escola da rede pública de uma cidade do interior do estado de São Paulo e num projeto de Educação não-formal (sócio-educativo), com adolescentes. Faixa etária de 30-40 anos.

Adepta de livros de vários gêneros, apresentou-se como uma “leitora apaixonada” e bastante entusiasmada, em sua busca por uma grande diversidade de livros para si e para seus alunos.

O contato foi estabelecido pessoalmente. Expliquei o motivo de minha procura, tendo ela aceito prontamente o convite para participar da entrevista gravada. Marcamos o encontro depois de dois dias.

No dia marcado, encontrei-a na cantina e de lá fomos até uma sala da Faculdade de Educação.

A entrevista correu de maneira descontraída. Sua única preocupação era manter a coerência em sua fala. Mencionou que se a entrevista fosse escrita, ela daria respostas com maior rigor.

JÚLIA

Estudante do curso PEFOPX. Professora da escola SESI (Serviço Social da Indústria), ciclo II, do Ensino Fundamental. Faixa etária de 30-40 anos.

De início, mostrou-se curiosa, desconfiada e apreensiva pelo fato de ser procurada para a entrevista. Pediu que eu deixasse, mais ou menos, as questões a serem discutidas por escrito para pensar se poderia participar da pesquisa. Eu a deixei à vontade para conversarmos. Peguei seu telefone e ofereci-lhe o meu. Caso ela não entrasse em contato, eu não insistiria, pois penso que a participação neste tipo de entrevista deve ocorrer por desejo do entrevistado.

Sua participação ocorreu através de uma entrevista por escrito, fato já mencionado e discutido anteriormente.

Livros de auto-ajuda para crianças X apropriação de outras obras como auto-ajuda

Já de antemão é possível evidenciar um importante aspecto destacado por este grupo de leitoras entrevistadas, que embora mostrem clareza em relação à distinção entre os livros reconhecidos e classificados como de auto-ajuda e os que não o são, em alguns casos trazem para o debate livros de Literatura ou outro gênero, e vendo neles uma forma de “auto-ajuda”. Como é o caso da professora entrevistada que considera um texto de Monteiro Lobato³⁷ como sendo de auto-ajuda para crianças:

M: tem uma história que é contada sobre uma violeta que acha que é mais importante que as outras porque ela nasceu de uma cor diferente no jardim... e é muito bonito... porque hoje em dia a gente vê esse tipo de preconceito na criança não porque a criança tem, mas porque é inculcado pelos adultos e essa historinha de Monteiro Lobato fala do orgulho dessa violeta, do

³⁷ Essa questão será discutida de maneira mais aprofundada posteriormente.

desprezo que ela faz com as irmãs dela só por causa da cor e na realidade (...) na moral da história se você fosse comparar o que é melhor e o que é pior, quem teria que se orgulhar seriam as que tinham cor e não ela que era totalmente branca (...) então eu acho interessante e pras crianças é uma maneira gostosa e até produtiva de estar trabalhando essa diferença com eles sem estar ofendendo ninguém, sem estar rotulando ninguém, então eu gosto por causa disso.

Como se pode notar, a professora classifica um texto, que diz ser de autoria de Monteiro Lobato, como de auto-ajuda. Transforma-o na utilização em sala de aula, extrai dele um caráter “moral” de ensino de conduta, tanto que a partir de sua fala é possível inferir que o considere de auto-ajuda somente pelo fato de tratar de atitudes como desprezo e orgulho. Ainda que se aproxime de uma proposta utilitária nada recente da Literatura, ela também o considera e o utiliza em seu trabalho profissional como auto-ajuda. Aqui podemos observar a transformação de um texto aberto em prescritivo, uma certa “produção” que conforma e controla um sentido desejável pela professora.

A apropriação de um texto muitas vezes não corresponde à intenção do autor ao escrevê-lo. Essa constatação vem sendo discutida por vários historiadores – que têm se dedicado a estudar a história da leitura, sob a perspectiva da História Cultural³⁸ – dentre os quais destacamos o seguinte caso do século XV - XVI:

O cortesão, de Baldassare Castiglione (1478-1529), um diálogo aberto no qual é debatido, sem conclusão, o comportamento apropriado em situações sociais diversas, foi apresentado por editores do século XVI e tratado por alguns leitores (como sabemos pelas anotações à margem) como guia inquestionável à boa conduta. (BRIGGS & BURKE, 2004: 72)

³⁸ Dentre eles Darnton, Burke, Chartier e Ginzburg. Ver bibliografia.

Embora a intenção do autor não fosse oferecer normas de comportamento, editores do século XVI e leitores encontraram no texto essa maneira de utilizá-lo. É um exemplo de como os leitores podem se apropriar, recriando, produzindo a partir de um texto lido. E é justamente essa forma de utilização, por que e quais “necessidades” e “expectativas” dos leitores que os fazem construir e trilhar esse caminho e não outro, reconhecendo num livro de Literatura um caráter prático, que permite indagar, evidenciando assim que os leitores produzem de um produto cultural a partir de significações imaginárias sociais e que podem ser confirmadoras ou transformadoras do real.

Outra pesquisa bastante exemplar dessa questão é aquela que se encontra no livro “*O queijo e os vermes*”, de Carlo Ginzburg³⁹. O que chama a atenção foi aí a maneira como o moleiro Menocchio leu os livros:

Menocchio não se limitou simplesmente a receber as mensagens transmitidas pela ordem social. Ele leu de modo agressivo, transformando os conteúdos do material à sua disposição em uma visão radicalmente não-cristã do mundo.
(DARNTON, 1992:201)

Esse moleiro de Friuli acaba invertendo as invariantes do poder religioso e temporal de sua época, pois ao subverter os sentidos normalizantes dessas leituras em seu próprio proveito, acaba por tomar uma visão crítica e não-cristã que contradiz totalmente com sua posição social, tornando-se por si só sujeito dessa recepção tão aparentemente demarcada por esses mesmos poderes.

Darnton também realizou um estudo sobre um leitor “comum” de classe média abastada, através de cartas escritas ao editor Frédéric-Samuel Ostervald entre 1774 e 1785, na França do século XVIII. Trata-se de Jean Ranson, comerciante de La Rochelle – um rousseuista apaixonado. Segundo essas cartas, 47 ao todo:

³⁹ [Trata-se da história de Menocchio, moleiro de Friuli, perseguido pela inquisição no século XVI. Através da recuperação de documentos do período, Ginzburg comparou os textos e os comentários de Menocchio,](#)

Ranson não apenas leu Rousseau e se emocionou; ele incorporou as idéias de Rousseau na estrutura de sua vida, quando montou seu negócio, apaixonou-se, casou-se e educou seus filhos. (1992:201)

Através do acesso e estudo dessas cartas, foi possível compreender como os textos de Rousseau penetraram na vida do burguês do século XVIII, no Antigo Regime.⁴⁰ Saber a importância do autor para alguns leitores desse período, bem como suas idéias circulavam e tomavam corpo na vida deles, traz uma importante contribuição para entender como as mensagens divulgadas por certos livros influenciam seus cotidianos, suas maneiras de viver. O leitor conduz sua vida de acordo com os textos de um autor admirado, em quem deposita confiança ao se identificar com ele, buscando um modelo a ser imitado.

Considerando essas pesquisas, é possível refletir sobre as diferentes maneiras de apropriação de um texto, portanto as leituras podem ser as mais diversas possíveis. Guardadas as devidas distâncias das experiências históricas citadas e considerando a dificuldade de analisar um acontecimento muito próximo historicamente⁴¹, o enfoque será os leitores dos livros de auto-ajuda, mais precisamente os voltados ao público infantil, bem como os textos que são “transformados” em auto-ajuda, através das maneiras de ler das professoras.

Antes de dizer à leitora que Monteiro Lobato não é escritor de livros de auto-ajuda e explicar a construção do texto, da linguagem e ilustrações, que caracterizariam as obras desse autor como Literatura, a orientação da pergunta, enquanto pesquisadora, deveria ser outra: ouvir o que a leitora tem a dizer,

descobririndo que ele havia lido uma quantidade e variedade de textos presentes em bibliotecas aristocráticas: narrativas bíblicas, crônicas e livros de viagem.

⁴⁰ Muitos outros leitores também escreviam cartas a Rousseau, que segundo Starobinski (2001): (...) aceitou, depois do sucesso de suas grandes obras, um papel de confessor e de “guia”; faz o possível para corresponder à expectativa dos inúmeros leitores que lhe escrevem porque não encontram a felicidade. Não sem impaciência, nem por vezes sem desconfiança, Rousseau assume a figura do mestre de felicidade, do curandeiro das almas, de dispensador dos verdadeiros remédios. Ao ler suas respostas, percebe-se que essa figura de terapeuta não lhe desagradava. Instintivamente, dir-se-ia, ele alega seus próprios males, ao mesmo tempo para se proteger contra solicitantes abusivos e para aumentar seu poder carismático: os grandes modelos mítico-religiosos estão bastante presentes em seu espírito para que não ignore o prestígio que se liga à figura do curandeiro sofredor. O homem-remédio saberá mais seguramente dispensar a cura se ele próprio foi atingido pelo mal. Em outros termos: pode ser o guia porque ele próprio errou.” (p.183-184)

⁴¹ SCHAFF, Adam. História e Verdade.

buscando os mecanismos que parecem sustentar esse uso, bem como a classificação de um texto como de “auto-ajuda”. Assim, a pesquisa volta-se não somente aos usos dos livros de auto-ajuda infantis, mas também nas formas como os professores, em seu uso em sala de aula, transformam outros textos (Literatura, por exemplo) em texto de auto-ajuda. Esse parece ser um importante aspecto a ser considerado para compreender as opções e formas de leitura, que estudiosos vêm pensando quando os professores destacam os textos de auto-ajuda infantis. Dessa maneira, ainda que numericamente – como já evidenciado no capítulo anterior – a presença dos livros infantis de auto-ajuda não seja tão expressiva, prevalece a importância de sublinhar esse “uso” feito a partir de outros livros como se fossem de auto-ajuda.

1. Professoras-leitoras de livros de auto-ajuda para adultos

Tendo em mãos as respostas das entrevistas, tentamos organizá-las com o intuito de tecer os percursos de leitura das professoras, procurando relacioná-los ao problema da pesquisa. Pensar as maneiras como as professoras se vêem leitoras de livros de auto-ajuda, relatando suas experiências, pode trazer importante contribuição quanto às suas opções profissionais em sala de aula ou em reuniões de pais, sendo esses livros suportes de educação dentro do ambiente escolar. Esse esforço de ordenar, classificar e dar forma às respostas das leitoras tem como objetivo delinear o que é característico dessa comunidade de leitoras.

Buscamos neste momento traçar o itinerário relatado pelas leitoras já “formadas” e responsáveis pela formação de outros leitores, tendo em vista explorar como vêem sua opção pelos livros de auto-ajuda em relação a outros gêneros, como conheceram esses livros, onde costumam comprá-los. Aliadas a essas questões colocam-se outras, basicamente voltadas à compreensão do por que lêem livros de auto-ajuda, para que lêem e como lêem.

1.1 – Quem são essas leitoras e como conheceram os livros de auto-ajuda

Em primeiro lugar, tentaremos entender como essas leitoras consideram suas leituras de livros de auto-ajuda em relação a outros gêneros. Em seguida, buscaremos as maneiras como as professoras conheceram os livros de auto-ajuda para adultos, tornando-se leitoras dos mesmos.

As professoras entrevistadas podem ser consideradas “também leitoras de livros de auto-ajuda”, não se restringindo a essa categoria. Fazem parte de um contexto de especialização e diversificação dos bens culturais oferecidos pela indústria cultural, onde diante de um leque variado de opções oferecidas

escolhem por esses e outros. Nessa perspectiva, o mercado editorial apresenta grande diversidade de livros, que visa atender a um vasto público.

M: Bom, eu gosto de ler livros de vários gêneros, então a partir de várias leituras, foram aparecendo vários títulos que eu me interessei e comecei a estar procurando fazendo parte da minha coleção de livros.

L: (...) sou uma rata de biblioteca. Então eu procurava aqueles “Histórias para aquecer o coração” que saiu de adultos, para mulheres, das mães, adolescentes (...) e descobri que tinha uma linha pra crianças mesmo.

As transcrições acima constroem uma idéia em torno dessas leitoras, como já evidenciado na análise dos questionários, como aquelas familiarizadas com os lugares de leitura (livrarias, bibliotecas), com o objeto-livro e coleções de livros, que são apresentados em meio a grande diversidade de produtos disponíveis no mercado editorial. Gostam de ler “tudo”, destacando nessa variedade um tipo bem denominado pelo verbo “procurar” recorrente em suas falas: “comecei a estar procurando” ou “eu procurava aqueles”. Essa busca por uma categoria específica mostra sua familiaridade com ela, reconhecendo suas características em relação a outras produções, bem como a familiaridade com as formas de organização dos diversos lugares (bibliotecas, livrarias, editoras) – que têm normas próprias de funcionamento, que sem o domínio por parte dos usuários torna inviável sua exploração.

Leitoras de vários gêneros, dentre eles os livros de auto-ajuda, conheceram esses livros em bibliotecas, livrarias:

J: Sempre tive curiosidade e acesso em livrarias e bibliotecas com diferentes tipos de livros. Portanto, tive acesso também aos de auto-ajuda.

L: Indo em livrarias, a Editora Sextante que eu conhecia, vendo a contracapa, em catálogos e fuçando em bibliotecas e nas livrarias em si.

M: Foram em livrarias, o vendedor que passa na escola, em livrarias, catálogos e às vezes até em banca você passa, vê algum título interessante que chama a atenção e acaba comprando, em livraria católica, relacionada à religião, todas essas coisas (...) assim algumas amizades mais próximas que sabem do meu gosto pela leitura às vezes acabam emprestando um ou outro (...) uma amiga chegou um dia e falou “eu tenho um livro pra você ler, acho que vai ser bom pra você”.

Bastante interessadas em conhecer novas publicações, encontram-nas em bibliotecas, livrarias, ou por catálogos de editoras reconhecidas pela produção de livros de auto-ajuda. Devido ao caráter popular dos livros do gênero, também os encontram em bancas de revistas. Ou ainda, com o vendedor de livros que vai de escola em escola levando livros profissionais para os professores trabalharem com seus alunos em sala de aula (oferta de manuais didáticos e livros teóricos), levando também os livros de auto-ajuda e não de outros gêneros, como por exemplo, os de Literatura. A preferência do vendedor em oferecer certos livros, em detrimento de outros, teria relação com a sua experiência de fornecimento para escolas? Carrega consigo os “produtos” mais vendáveis?

Outra maneira de tomar contato com livros desse gênero é através da indicação de pessoas conhecidas (muitas vezes por empréstimo). Essa informação é bastante importante porque, além de mostrar como ocorre a possível difusão desses livros, evidencia que os números de vendagem são insuficientes para oferecer um quadro dos reais leitores desses livros, que muitas vezes não compram, mas lêem através de empréstimo de colegas ou de bibliotecas, não sendo contabilizados por órgãos responsáveis pela divulgação de números de títulos vendidos que formam os *rankings*, que informam aos leitores os títulos considerados *best-sellers*.

Freqüentemente associados à religião – espírita, católica, protestante ou outras – encontram-nos em livrarias desse segmento: locais bastante procurados pelos leitores de livros de auto-ajuda. O que leva a constatar que a leitora ou o leitor pode ser ligado ou ligada à religião, fato que chama nossa

atenção e parece ser um forte indicador a ser pensado em relação a esses leitores.

Refletindo a respeito das maneiras que a religião e a religiosidade se estabelecem como aceitas, despercebidas e incontestadas é possível, grosso modo, pensar que elas assumem diferentes formas de acordo com diferentes momentos históricos. Marcada pela fascinação com a vida póstuma e com a condução da vida voltada à salvação espiritual; passando pela preocupação em bem conduzir a vida permeada pela concepção de aspectos ligados à modernidade, movida por valores terrenos, concentrando-se na vida e buscando-se apartar ao horror da morte. Tomamos aqui um autor que traz essa discussão:

Com uma boa dose de simplificação, podemos dizer que as vidas dos homens e das mulheres pré-modernos continham pouca incerteza. (...) A época da morte, impossível de se prever, provindo de parte alguma e não-anunciada, era a única janela, através da qual eles podiam achar um vislumbre de incerteza(...) Com o progresso da medicina moderna, que forneceu virtualmente a toda situação de morte sua causa específica, “lógica” e “racional”, a morte já não é um capricho do destino cego, nem tão completamente casual como costumava ser (...). O quebra-cabeças mais ubíqua e assustadoramente presentes em todas as atividades diárias é o curso da vida que se tem, não o momento da morte. São as marés vazante e enchente, a ascensão e queda de valores que as pessoas costumaram alimentar, a excentricidade de expectativas que sempre mudam, a inconstância das normas que continuam alterando-se antes de o jogo terminar, a cacofonia das vozes em que é difícil determinar o motivo dominante – que, mais dolorosamente, com efeitos mais imediatos e tangíveis, desafia a compreensão. (BAUMAN, 1998: 219-220)

Sem deixar de considerar que a História é entendida com permanências e mudanças complexas não-apreensíveis em uma única explicação, trazemos para o debate, em linhas gerais, alguns aspectos importantes e pertinentes para a discussão nessa pesquisa. Os homens e mulheres chamados pelo autor de “pré-modernos” buscavam na religião as respostas à incerteza ligada à morte, relativas

a questões que lhe sobrevinham⁴² que assumem a forma de renúncia deste mundo e de si mesmo. Por outro lado, com o avanço científico a morte deixa de ser algo tão incerto assim: as preocupações voltam-se às questões da vida diária. A preocupação com a morte passa a ser de outra natureza: como se alimentar, como evitar doenças, etc. – algo passível de ser controlado.

Nesse contexto, onde o próprio indivíduo passa a ser o único responsável pelas respostas e controle de sua vida, é possível que exista lugar para a valorização das “atividades do psiquismo”. Preocupações com as incertezas centradas na identidade individual, nas habilidades do indivíduo julgar e escolher qual a melhor maneira de viver é que predominam. Neste sentido, a busca pela religião pode estar ligada a uma maneira de tentar apreender o destino, sendo a adesão do indivíduo por esta ou aquela religião uma opção pessoal e deliberada. Assim, as igrejas precisaram:

(...) assenhorear-se de outras funções que não a de abastecer a preocupação com os mistérios da existência e da morte. (IDEM, p. 215)

Pode-se entender que as igrejas buscaram responder a outras necessidades de seus seguidores, dentre elas questões relativas à identidade individual e ao psiquismo, soluções para os problemas cotidianos mais próximos do indivíduo. Assim, podemos entender o investimento das livrarias religiosas neste gênero e a procura dos sujeitos para a aquisição de livros de auto-ajuda.

⁴² Neste sentido, o mesmo autor, traz uma discussão a respeito do papel da igreja que seria de suavizar os medos oriundos da falta de uma resposta. A igreja é colocada ao lado de outros produtores de serviços que “tivessem de se ocupar, primeiro, da produção de seus próprios consumidores: tinham, se não de criar, então ampliar e aguçar as necessidades destinadas a serem satisfeitas pelos seus serviços e, desse modo, tornar seu trabalho indispensável.” (IDEM, p.210)

1.2 – Para que e por que se lê?

Em suas falas, as professoras apontam diferentes finalidades e motivos para sua escolha e preferência pelos livros de auto-ajuda. Ora os buscam como alternativa à solidão, ora para adquirir conhecimento, ora como ferramenta profissional ou ainda para enfrentar doenças, com propósitos terapêuticos.

1.2.1 – O livro de auto-ajuda como alternativa à solidão

Por que e para quê se lê os livros de auto-ajuda? Sabendo distinguir essa categoria de outros livros, os professores trazem com clareza os motivos que os levam a buscá-los:

M: Às vezes é alguma coisa que acontece no dia-a-dia ou eu tô passando por alguma coisa que eu preciso de alguém pra conversar e eu não tenho ninguém pra conversar, então eu lembro que eu tenho algum livro que fala do que está me perturbando naquele momento. Então, eu vou, pego o livro, (é assim...)

O livro de auto-ajuda assume o papel de um amigo ou amiga, pela falta de ter com quem dialogar, trocar idéias – a imagem é do livro como companheiro, “o livro que fala”. E fala do quê? Auxilia nos momentos de crise e de solidão, tematizando o problema com que o leitor se defronta.

É importante salientar que um número considerável de livros de auto-ajuda apresenta-se na forma como seu texto é organizado, numa narrativa que se assemelha a uma conversa entre autor e leitor, onde o primeiro aconselha ao segundo. É o caso da coleção “*Se ligue*” em você, de Luiz Antonio Gasparetto, pesquisada por ASBAHR (2001), bem como alguns livros publicados por Zíbia Gasparetto, discutidos no capítulo anterior, *A auto-ajuda na mídia*. São livros que falam para todos igualmente, como se todos os problemas fossem iguais para diferentes pessoas, e como se todas as pessoas vivessem suas experiências da mesma forma. As professoras dizem ler como alternativa à solidão, sendo que o

livro de auto-ajuda cumpriria a função de ocupar esse espaço, apresentando-se como alguém para conversar, um amigo e/ou um analista para aconselhar. Alguém que conduz, um texto que marca as maneiras de compreensão desejáveis. Lêem provocadas por algo que aconteceu num determinado momento ou por uma fase “perturbadora”.

Muitas vezes, trata-se de uma releitura, pois elas voltam ao mesmo livro, porque consideram um meio de confortar, de aconselhar, de dialogar, por acreditarem na força da palavra como possibilidade de mudar a realidade. O livro-conversa torna-se “orientação autorizada” com o objetivo de ensinar ao leitor como melhorar ou desenvolver questões psicológicas e atitudes.

A singularidade dos indivíduos estaria ligada a um certo ‘conformismo recriador’, onde os sujeitos sociais, portanto, com um nível de determinação cultural e histórica passa a ser controlado por mecanismos sutis e introjetados pela própria pessoa em seus comportamentos. Assim, evitando qualquer mal estar, qualquer conflito consigo mesmo, buscando acalmar suas aflições interiores, o próprio indivíduo passa a ser a maneira de controle dessa sociedade.

1.2.2 – Adquirir conhecimento

Adquirir conhecimento é outra expectativa que faz as leitoras buscarem os livros de auto-ajuda. Esses livros, procurados por necessidades concretas, ofereceriam a possibilidade de encontrar respostas a circunstâncias, consideradas “marcantes” pelos leitores:

Uma forma de conhecimento porque você aprende várias coisas, eles abordam vários assuntos, pra ampliar mesmo os conhecimentos, tirar dúvidas.(M)

O ‘porquê’ se lê se entrelaça com o ‘para quê’ se lê. Fomentando necessidade de busca de conhecimento, esses livros teriam a função de oferecê-

lo. Que conhecimento seria esse? Conhecimento representa nesta perspectiva aprender, ampliar, não ter dúvidas – tangenciando uma necessidade de um saber ‘enciclopédico’, voltado para *vários assuntos, várias coisas*, ainda que superficiais:

A pós-modernidade⁴³ é a era dos especialistas em “identificar problemas”, dos restauradores de personalidade, dos guias de casamento, dos autores de livros de “auto-afirmação”: é a era do “surto de aconselhamento”. (BAUMAN, 1998: 221)

O conhecimento a que se refere à professora parece estar ligado a uma maneira de aconselhamento. Um conhecimento superficial, de vários assuntos, de caráter universal e utilitário. Os homens e mulheres podem ser considerados “selecionadores” e, por essa razão, buscam aconselhamento de especialistas na identidade e não na religião (ou somente nela); necessitam, acima de tudo, da afirmação e reafirmação – talvez por esse motivo a leitura e (re)leitura dos mesmos livros de auto-ajuda – do que os indivíduos podem fazer, do que são capazes e de que são auto-suficientes e necessitam de um *resumo de como fazê-lo*.(IDEM)

Tentando resgatar um pouco da importância que os livros assumem nas suas vidas, em relação ao “ensinamento” e/ou “forma de conhecimento”, pedimos a uma das entrevistadas o relato de um episódio de uma experiência com algum livro lido:

M: Tem um que tá com umas duas semanas que eu acabei de ler, “Vivendo, amando e aprendendo”. Ele relata assim muita coisa do dia-a-dia de todo mundo, de como viver bem, de como se relacionar, de como aprender muita coisa e eu gostei muito dele porque o livro todo aborda vários assuntos mas ele sempre relata o seguinte: que todo mundo tem que pôr na cabeça que cada um é um ser especial, então foi assim muito marcante e fala sobre amizade, sobre amor, sobre convivência, sobre os vários tipos de pessoas que a gente encontra no nosso dia-a-dia, sobre fatos que às vezes a gente leva como prejudiciais, mas que na

⁴³ Citamos aqui a expressão pós-modernidade utilizada por Bauman. No entanto, é importante ressaltar que não existe consenso quanto a denominação do atual momento histórico. Nesta pesquisa tomamos como referência a expressão de Giddens “modernidade tardia”.

realidade não são, estão fazendo a gente crescer e aprender muita coisa...

(...) deu bem com o momento que eu tava passando com várias dificuldades no trabalho, na vida pessoal e eu tava me questionando de muita coisa, de por quê acontecer determinadas coisas e procurando o por quê algumas coisas que eu julgava ruins, por que estavam acontecendo comigo naquele momento. Sendo que do meu ponto de vista eu nunca tinha feito nada pra estar passando por tudo aquilo e coincidiu bem com esse momento. E onde abriu mais a minha cabeça, assim: “não é um momento ruim”, eu aprendi muita coisa e tô aprendendo em relação a tudo isso. (grifos nossos)

Com dificuldades no trabalho e na vida pessoal, essa leitora procurava respostas para o que lhe era incompreensível, porque do seu ponto de vista “nunca tinha feito nada para estar passando por tudo aquilo”. Pelo seu relato, nos livros de auto-ajuda ela buscou “como” lidar com as situações que a afligiam. A leitora almeja um entendimento da vida, como um “ser” especial e único. O conselho fundamental que encontrou é o quanto pode crescer e aprender com acontecimentos ruins. O anseio, em grande parte das vezes, é com o “como”, a maneira, uma direção, a busca de uma regra para o que desconhece. Referências ao livro como aquele que “abre” a cabeça e que ensina determinada ética de bem viver: saber que é um ser especial, que acontecimentos ruins podem ter lados bons. A leitura ou releitura de um livro – muitas vezes encontrar o já lido novamente – é motivada pela proximidade, pela identificação do leitor com a proposta do texto. Trata-se de um leitor ou uma leitora que se considera um ser especial, singular e único, mas que necessita de uma regra para conduzir sua vida. Os livros de auto-ajuda consistem em uma das maneiras de ensinar aos indivíduos como intensificar as habilidades psíquicas e físicas, uma função de “meta-experimentação”:

(...) que extraem seus poderes de sedução da promessa de desenvolver o potencial de sensualidade do corpo mediante exercícios, contemplação ou auto-concentração, rompendo bloqueios psíquicos e constrangimentos produzidos pelas convenções (...) O axioma que escora todos esses movimentos é

que experimentar, como todas as outras faculdades humanas, é acima de tudo um problema “técnico”, e que adquirir a capacidade para tal é uma questão de dominar as “técnicas apropriadas” (BAUMAN, p.225)

O conhecimento almejado na busca desses livros está ligado à aquisição de técnicas para resolver as mais diversas situações.– tanto de origem objetiva quanto subjetiva.

Se os livros de auto-ajuda são presença mais recente no mercado editorial – final do século XIX –, os livros voltados a ensinar “como” agir em determinadas situações, tais como os manuais de civilidade (que ensinam como se deve viver em sociedade) ou aqueles que ensinam as “artes de morrer”, são presença freqüente no período que vai da Idade Média ao da França do Antigo Regime. O que se nota é que a produção desses livros mostra muito das inquietações de determinado período histórico. Referente ao livro que ensina as “artes de morrer”⁴⁴, Roger Chartier (2004), afirma que para muitos historiadores:

A inquietação da boa morte é a preocupação principal dos homens e das mulheres que viviam o outono da Idade Média.”
(p.131)

Como se pode depreender da citação acima, a produção de manuais nessa fase da Idade Média voltava-se às principais aflições de homens e mulheres

⁴⁴ “O texto que funda o gênero , a *Ars moriendi*, é pouco anterior à invenção da imprensa, e é certo que o impresso em todas as suas formas dá força aos textos e às imagens que dizem como enfrentar o último combate.(...) Émile Male foi o primeiro a estabelecer o inventário dessa iconografia nova que inventa ou divulga os cadáveres, as danças dos mortos, os combates entre anjos e demônios ao redor do leito da agonia. Para ele, a obsessão atroz do “*memento mori*”, cristalizada nas pregações, nas poesias, nos afrescos, nas gravuras, consitui um dos motivos essenciais da sensibilidade coletiva dos homens do fim da Idade Média. Johan Huizinga lia aí, revelados com força, os traços principais de uma mentalidade propensa aos comportamentos extremos, mais sensíveis às imagens do que aos raciocínios, e sobretudo inquieta pela morte já que angustiada pela salvação.” (CHARTIER, 2004:131-132)

De acordo com o mesmo autor, esse livro foi inicialmente destinado aos clérigos e posteriormente assume a missão de ensinar aos leigos cristãos “dentro de um objetivo de universalidade”. A combinação de imagens e palavras tem uma função pedagógica de educação do povo. Dessa maneira, a ênfase colocada pela pastoral em “temas simples, fáceis de dizer e de mostrar, e na morte, essa dramatização do fim” (p.163). Dentre as sugestões de como bem morrer estão: ter tempo para receber o santo viático, ter reunidos em torno de si clérigos e leigos, parentes e amigos.

daquele período. Considerando que historicamente a produção de livros traz, dentre outros aspectos, características da sociedade onde estão inseridos, cabe a pergunta: o que seria próprio, do atual momento histórico, que tenha engendrado uma quantidade significativa de títulos e propostas de ensinar como bem viver e que alcança uma grande variedade de “aflições”?

Guardadas as singularidades de momentos históricos diversos – atualmente a produção em larga escala é voltada para diferentes níveis de instrução e sócio-econômicos –, se, de um lado, o texto que tematiza a boa morte é permeado pelo ideário cristão da Igreja, no atual momento a preocupação parece ser outra: na reafirmação da singularidade, individualidade e liberdade do sujeito que busca conviver com outras pessoas que trazem as mesmas características. Não mais ligados entre si por crença baseada numa tradição de ética cristã, os indivíduos parecem necessitar de outra orientação para lidar com suas liberdades. Para tanto, recorrem ao que consideram um modo de conhecimento interior, oferecido pelos livros de auto-ajuda. Nesse contexto, tais livros representariam uma das maneiras de apreender as “regras do jogo”⁴⁵, de (con)viver em sociedade, relacionar-se com outras pessoas e resolver seus próprios problemas (interiores e exteriores).

1.2.3 – Ferramenta Profissional

A literatura de auto-ajuda também aparece como uma maneira mais “leve” e “fácil” de abordar certos assuntos, relativa ao desempenho profissional. No caso de L, a utilização desses livros se dá prioritariamente não como leitura própria, mas para trabalhar com os pais, enquanto professora:

⁴⁵ Na pesquisa “Produção Cultural para crianças: livros de auto-ajuda” (ASBAHR, 2001), encontramos como algumas “regras” que o leitor deveria aprender: a possibilidade da manipulação/alteração dos sentimentos através da utilização de supostos recursos/potencialidades interiores; ênfase na valorização do individualismo; tendência a culpabilizar a criança pelos acontecimentos em sua vida, colocando em suas mãos a

(...) pra passar uma dinâmica, um texto gostoso pros pais (...) a gente vê que tem vários títulos, que tem coisa boa (...) pra mim, na verdade não tenho muito tempo, eu gosto mesmo é de um bom romance, mas os livros de auto-ajuda (são) mais pra ajudar as crianças que têm dificuldade e pra estar passando uma mensagem boa e positiva em reuniões.

Enquanto professora que lida com grande diversidade de alunos, busca esses livros para trabalhar com aqueles que apresentam problemas. Também para a reunião de pais, utilizando-se do texto mais num caráter social, como ponto de partida e de contato entre pais e professora para extrair o que chama de mensagem “boa” e “positiva”, bem como um texto “gostoso”. Persiste a tendência em buscar respostas/instrumentos de trabalho/conhecimento a serem transmitidos através da leitura. A leitora é atraída pela linguagem simples e gostosa, além do conteúdo a ser transmitido. Não existe a preocupação de encontrar um texto literário ou outros gêneros, pois ela busca aquele que ajude as pessoas que têm problemas e que traga mensagens boas e positivas num ‘texto gostoso’.

A professora possui a marca de uma leitora que se apropria de forma escolar⁴⁶, portanto não-gratuita, dos livros não voltados inicialmente à escola: ela busca uma ferramenta de trabalho na educação dos pais de seus alunos e no caso dos alunos, o que nortearia a opção seriam alguns casos “especiais”, os alunos considerados “problema” (indisciplinados, agressivos, entre outros.)

responsabilidade pela resolução ou precaução; não existência de espaço para conflitos, mas um movimento no sentido de evitá-los; etc.

⁴⁶ No estudo realizado por Batista (1998), já citado anteriormente, citamos uma de suas constatações a respeito de uma leitora pesquisada por ele: “O modo de ler de Z., e da maior parte dos professores estudados pode ser descrito como *escolar* ainda por uma última – e talvez mais importante – razão. É que tendo desenvolvido sua formação como leitor de modo dependente da escola, os professores devem à escola os instrumentos com base nos quais se apropriam dos textos, mesmo que as situações de leitura sejam não-

1.2.4 – Para Enfrentar Doenças: Propósito Terapêutico

Outro motivo que leva os leitores a buscar os livros de auto-ajuda são de doenças, traumas e perdas de pessoas queridas:

Há alguns anos tive uma perda muito grande. Com isso, vivia em depressão, um grau de ansiedade muito grande e até síndrome do pânico. Busco esse tipo de livros como reflexão, equilíbrio, e em alguns momentos até para dar forças e me iluminar quando necessito tomar alguma decisão, ou quando me sinto angustiada e triste.(J)

Depressão, ansiedade e síndrome do pânico: doenças enfrentadas por essa leitora que encontrou auxílio em livros de auto-ajuda. A leitura teve como objetivo “dar forças”, “iluminar”, trazendo equilíbrio e direcionando a reflexão em seus momentos de dificuldade. Ainda que em muitos casos os livros de auto-ajuda pareçam pressupor uma leitura sem espaço para a reflexão, a leitora destaca essa maneira de utilizá-los. Não cabe nesta pesquisa discutir exatamente como se dá essa reflexão do leitor, os aspectos psíquicos que envolvem, pois não teríamos acesso à percepção da leitora em seu momento de elaboração/construção/produção de sua leitura.

Sua leitura dos livros de auto-ajuda parece estar ligada a uma propriedade “terapêutica”, que a ajudaria a se curar de certas doenças e de onde receberia direcionamento em momentos de incerteza. As leitoras buscam esses livros porque têm, naquele momento, doenças e/ou problemas afetivos e, neste caso, eles seriam úteis para oferecer uma possibilidade de amenizá-los ou até curá-los.

A leitura, considerada em suas propriedades “curativas” ou “terapêuticas”, não é algo novo e não se confunde com a atual produção de auto-ajuda – remete ao “poder” da escrita – e vem sendo discutida por vários historiadores, dos quais destaco uma citação retirada do livro *A História Social da Mídia*:

escolares. Suas leituras são, desse modo, marcadas pela não-gratuidade, orientadas pela busca de um aprendizado ou ensinamento e revelam uma tendência cumulativa.” (p.50)

Há uma ampla evidência sobre o respeito ou mesmo a reverência que os leitores nutriam pelos livros no início dos tempos modernos. Os que faziam sátira debochavam daqueles que acreditavam em tudo que viam impresso. A bíblia – que ainda não havia sido objeto de escrutínio por parte dos estudiosos, com exceção de uns poucos indivíduos não ortodoxos, como o filósofo judeu Baruch Spinoza (1623 –77) – era objeto de reverência particular. Dizia-se que São Carlos Borromeo, arcebispo de Milão, lia as escrituras de joelhos. Algumas vezes a Bíblia era usada de forma medicinal, colocada sob o travesseiro do doente. Algumas pessoas abriam suas páginas a esmo, tomando as passagens que liam como um guia celestial dirigido aos problemas do leitor. (BRIGGS & BURKE, 2004:70)

O incipiente ideário moderno que traz o respeito ao escrito e a necessidade de formar cidadãos através da leitura, transmitindo valores desejáveis por uma certa sociedade, também comportava outra utilização no caso da Bíblia empregada de forma medicinal. Acreditava-se, em algumas circunstâncias, no poder curativo do Livro Sagrado, simplesmente por sua presença física diante da pessoa doente. Ou ainda, a Bíblia vista como “guia celestial”, mensageira da palavra de Deus, uma vez aberta aleatoriamente traria ajuda ao leitor, tocando justamente no assunto que o afligia.

Proust, no livro “*Sobre a Leitura*”, também ressalta as propriedades “curativas” da leitura, que não se confundem, entretanto, com os propósitos dos livros de auto-ajuda:

Há, contudo, certos casos, certos casos patológicos, por assim dizer, de depressão espiritual para os quais a leitura pode tornar-se uma espécie de disciplina curativa e se encarregar, por incitações repetidas, de reintroduzir perpetuamente um espírito preguiçoso na vida do espírito. Os livros desempenham então um papel análogo ao dos psicoterapeutas para certos neurastênicos. (2001:p.33)

O indivíduo que se encontrasse numa situação de inércia, de uma “espécie de preguiça”, incapaz de encontrar em si mesmo o estímulo para realização de

tarefas – mesmo as mais simples como comer, andar – necessitaria de ajuda externa para reeducar sua vontade. Para Proust, a forma de influenciar favoravelmente esses “espíritos” é através da leitura, que não deve substituir a vida pessoal do enfermo, mas auxiliá-lo a resgatar sua vontade para a realização de tarefas.

E como é essa leitura que cura proposta por Proust? É a leitura repetitiva, a leitura que deve ocorrer por *incitações repetidas*. Para esse autor, algumas pessoas estão sujeitas a essa “forma de preguiça”. Nesse caso, além da cura, a leitura coloca o indivíduo em ação, impulsionando a escrita:

(...) mais de um escritor que amava ler uma bela página antes de se pôr a trabalhar. Emerson raramente começava a escrever sem reler algumas páginas de Platão. E Dante não é o único poeta que Virgílio conduziu às portas do paraíso. (IDEM, p.35)

Quais são os autores escolhidos pelo leitor ideal de Proust? Platão e Virgílio. Não se trata de uma leitura fácil, mas de verdadeiros desafios para o trabalho do escritor, do intelectual. Longe de mero aconselhamento, aqui a perspectiva apontada por Proust refere-se a uma possível utilização terapêutica, bem como um disparador da escrita – potencializador para a realização de uma ação. Podemos considerar também que a leitura para ele parece identificar-se com a ficção artística como:

(...) uma contínua sessão de treinamento para viver com o ambivalente e o misterioso. Ela ensaia a tolerância e equanimidade para com o inconstante, o contingente, o não inteiramente determinado, o não inteiramente compreendido e o não inteiramente previsível. Incentiva a reconciliação com a contingência da vida e a polifonia das verdades. (BAUMAN, 1998:151)

Dessa maneira, a introdução do sujeito leitor na *vida do espírito* se dá num processo de questionamento, incitado por obras consideradas desafiadoras, e não como forma de conformar.

Se a utilização de livros como possibilidade de ajudar, em casos de doença ou de situações difíceis, não é um fato novo, o que singulariza a leitura de livros de auto-ajuda no atual momento é a produção de uma vasta quantidade e variedade de livros, que enfocam os mais diferentes tipos de problemas voltados à cura da alma, desde os mais práticos destinados à resolução de problemas do dia-a-dia (como organizar o orçamento doméstico), até os mais íntimos, sobre como lidar com a depressão ou educar os filhos. Em comum, a produção de auto-ajuda vem em uma linguagem que não estimula o ambivalente e o misterioso, o inconstante e o não compreendido. Ao contrário, ela incentiva o possível, a reconciliação através de um caminho apontado ao leitor.

No caso da Bíblia, cabe ao próprio leitor associar uma ‘passagem’ aos seus problemas – incorporar o “texto sagrado” à sua vida, aos seus problemas e necessidades, bem como a encontrar na palavra de Deus a salvação de sua alma e aceitação de sua vida terrena. O uso de livros laicos, de acordo com a citação extraída do livro de Proust, estimularia o indivíduo para o trabalho intelectual, criando condições para que o mesmo consiga sair de um estado de indolência, encontrar-se com bons modelos que o ajudariam a tomar contato com *vida do espírito* e o inspirariam a escrever.

No caso dos livros de auto-ajuda, as questões do leitor são diretamente tematizadas: por exemplo, ao procurar um livro para lidar com a depressão, o texto oferecerá informações sobre a doença, bem como “conselhos e sugestões” de como lidar especificamente com ela. Essa produção cria um “produto”, onde os bens oferecidos no mercado editorial diversificam-se tanto quanto os gostos e expectativas de seus leitores, marcas de uma indústria cultural que pretende atingir um público consumidor o mais numeroso possível.

O que temos são leitoras que optam pelos livros de auto-ajuda por diferentes motivos: para suprir a ausência de alguém para conversar, aconselhar; para adquirir conhecimento; como instrumento para o trabalho profissional em sala de aula, facilitando o acesso aos pais e aos alunos e como portador de uma “propriedade terapêutica”; para tratar doenças, auxiliando/encorajando nos momentos de fragilidade. Não se lê somente por um motivo, existe uma relativa

diversidade de relações com os livros de auto-ajuda, bem como a importância que esses assumem nas vidas das leitoras entrevistadas.

É inegável aqui pensarmos que os procedimentos de uma leitura acrílica e reverencial se confundem com a fala das professoras, pois nos distanciamentos históricos e guardadas as especificidades destes, vislumbra-se uma reafirmação em nossa época desses procedimentos apontados pelos autores acima citados: como se os espaços leigos, pois se consultam especialistas de formação duvidosa, já não mais ‘gerenciados’ por uma única ideologia dominante – senão por várias – precisassem ser supridos por uma nova leva de curandeiros e o instrumento-livro adquirisse um local privilegiado dessa cura; ele é mesmo esse espaço legitimado pela sociedade e que – nos receituários de auto-afirmação – se deixa atravessar por membros mal-costurados de psicologia, ‘sabedoria de almanaque’, literatura (!) e ciência, em que o indivíduo se vê reconhecido por aquilo que entende como um *em si* dele e dos outros, já que sua individualidade está tecida por construções sócio-culturais de afetos que ele acredita atemporais, trazidos por esses livros como inescapáveis. Na era do conformismo e da terapêutica, o modelo a ser seguido passa a ser o de estar bem consigo mesmo, ainda que à custa da perda da *res publica*, sendo que a doença e as aflições passam a serem vivenciadas como cessação do prazer e do sucesso narcísico do indivíduo, pois o pior não é a morte física, mas a vivência do sofrimento: ele deve ser evitado a qualquer custo, ignorando-se mesmo sua inevitabilidade e o próprio peso de equilíbrio que ele dá às nossas vidas. Como em *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, em que a droga “*Soma*” impede os indivíduos de sofrerem de remorsos, pois a culpa moral é impensável numa sociedade feita para o prazer e pelo prazer.

1.3 – Maneiras de ler, onde e quando lêem

Em se tratando de livros que são procurados por motivos específicos, que visam responder a uma questão pessoal de forma direta e muitas vezes de caráter pragmático, encontramos maneiras de ler próprias desse gênero. As leitoras lêem oscilando por ocasiões, fases diversas constituídas pela sua necessidade e por motivos para se ler:

J: Costumo ler quando sinto necessidade. Geralmente escolho algum capítulo que me interesse mais no momento.

M: Depende muito da ocasião. Se é pra estar me ajudando a resolver algum problema, algum conflito que eu tenho então eu vou em determinado assunto, determinado índice pra pegar informação ou pra esclarecer alguma coisa ou então eu já pego do início ao fim.

Embora os livros de auto-ajuda se apresentem com propósito claro, as maneiras de utilizá-los divergem segundo as expectativas e interesses de cada leitor. Para um problema específico, o leitor poderá ir direto ao capítulo que considere apropriado; se é outra finalidade, tais como relaxamento ou distração, a leitura é linear, do início ao fim.

Assim, não podemos considerar que as leituras sejam sempre iguais. Não se lê livros de auto-ajuda da mesma maneira, e este parece ser um ponto fundamental para entender as práticas de leitura. Os livros de auto-ajuda, para aqueles que buscam um assunto específico em determinado capítulo, pode apresentar sentido diverso daquele que o lê totalmente, para relaxamento. É uma leitura que pode ser feita por partes, sem necessidade de maior aprofundamento, que “conforma” e voltada ao oferecimento de tranquilidade, de respostas diretas a questões específicas.

E onde as leitoras lêem esses livros?

M: Geralmente depois que eu chego do trabalho: no quarto, na sala. Às vezes dependendo do dia da semana, eu saio, vou para um lugar mais ao ar livre para refletir mesmo sobre a leitura (...)

mais pra relaxar mesmo e dá um alívio na tensão do dia-a-dia, é bom, faz bem.

J: Leio em qualquer lugar, na há um lugar específico.

A leitura de livros de auto-ajuda não é algo “proibido”. As leitoras lêem no quarto (que pode ser um ambiente mais privado), na sala (onde pode ser um local compartilhado por outras pessoas), ou ainda em um local ao ar livre, para relaxamento das tensões do dia-a-dia.

Os relatos das leitoras sobre essas leituras levam ao reconhecimento de um gênero que parece permitir a interrupção e a distração, não se constituindo numa atividade que exija isolamento, referência a outros livros, um espaço muito específico.

1.4 – O que lêem?

O que lêem essas leitoras? Outra leitora, J., salienta os autores e obras mais marcantes:

Gosto dos livros de Paulo Coelho⁴⁷, mas tem um que sempre retomo: “O Pequeno Príncipe”...”Somos responsáveis por aquilo que cativamos”. Também São Francisco de Assis: “Comece fazendo o que é necessário, depois o que é possível e de repente você estará fazendo o impossível”.

Neste caso, a preferência é pelos livros de Paulo Coelho⁴⁸, escritor de *best-sellers*, não salientando um título em especial. Embora somente essa leitora

⁴⁷ Não existe consenso quanto à classificação das obras deste autor como de “auto-ajuda”. Neste caso, a leitora o considera como tal.

⁴⁸ Romancini (2000), em sua pesquisa de campo numa biblioteca pública da cidade de São Paulo, com 6 leitores que responderam voluntariamente ao questionário por ele proposto, chegou aos seguintes dados: os leitores dos livros de Paulo Coelho são em sua maioria mulheres; na faixa etária de 16 a 33 anos, sendo a média 25 anos; 2 leitores são estudantes, 3 trabalham no setor de serviços e uma leitora é dona de casa; metade tem escolaridade colegial e a outra metade ginásial; e o número de livros comprados é significativamente menor aos lidos.

entrevistada mencione Paulo Coelho como autor “preferido”, outros leitores que responderam os questionários também o mencionaram.

Romancini (2000), em sua pesquisa sobre os leitores de Paulo Coelho, busca entender a forte singularidade que seus textos impressos assumem diante do panorama editorial brasileiro, como suas obras se acercam à cultura cotidiana das pessoas, o que permitiria o estabelecimento entre elas e o referido autor de um caráter pedagógico:

Há um aspecto ‘pedagógico’ na leitura de Paulo Coelho que parece ser algo mais importante para esses leitores, articulando a uma dimensão prática que a leitura deve ter. Mais do que apenas dar prazer, a leitura deve servir para alguma coisa, seja a leitura da Bíblia ou de Paulo Coelho. (p.10-11)

Segundo este autor, Paulo Coelho alcança em suas obras um caráter pragmático buscado por seus leitores. A leitura que deve servir para *alguma coisa*, atender a necessidades precisas, pontuais. Neste sentido, é importante atentarmos para essa maneira própria de ler que pode transformar textos, como os que compõem a Bíblia, em algo de aplicação prática, como já apontamos antes.

Voltando à citação da fala de J. na página 31, encontramos um outro autor: *Antoine de Saint-Exupéry*. A professora ressalta do livro *O Pequeno Príncipe* – classificado como fábula francesa, ficção francesa – o que parece ser para ela a famosa lição ensinada nesse, de que “somos responsáveis pelo que cativamos”. Ela adota o mesmo procedimento, tomando uma frase relacionada a um santo da Igreja Católica, como possível ensinamento. Aqui encontramos outra informação significativa: a leitora memoriza trechos que parecem sintetizar uma lição de vida. Isso sugere estreita relação com o aspecto “religioso” desses leitores, de uma leitura intensiva e de repetição (até “ruminação”) do trecho considerado importante. A repetição de frases que podem ser consideradas universais, aplicando-se a diversas situações e, por este motivo, “aplicadas” a seus leitores.

Vale a pena ressaltar uma certa prática no mercado editorial que é o de transformar alguns livros de literatura em manuais de aconselhamento. No caso

de *Felicidade, Amor e Amizade: A sabedoria na obra de Antoine de Saint-Exupéry*⁴⁹, da Editora Sextante, a ilustração da capa remete-nos ao livro *O Pequeno Príncipe*.

Ao olharmos a ficha catalográfica, no interior do livro, encontramos como autor Saint-Exupéry. No entanto, ao atentarmos para a obra traduzida para o português *A Guide for Grown-ups*, temos a data de 2002, com o copyright da Editora Harcourt pela seleção dos textos. Quem é o autor? Aquele que escreveu os livros citados? Ou aquele que seleciona algumas passagens e faz um outro livro? Neste caso, sequer consta nome da pessoa que selecionou os textos, sendo informado somente o nome da editora e o autor considerado aquele que escreveu as obras: Antoine de Saint-Exupéry.

E no Brasil, quem traduziu? Encontramos alguns nomes: Geraldo Jordão Pereira (editor); Virginie Leite (preparo de originais); Maria Luiza Newlands da Silveira (traduziu *Piloto de Guerra*) e Virginie Leite (traduziu *O Pequeno Príncipe*). Em relações às outras traduções, encontramos a seguinte informação:

Os trechos dos livros Correio Sul, Vôo Noturno, Terra dos Homens, Cidadela e Escritos de Guerra foram extraídos das edições brasileiras publicadas pela Editora Nova Fronteira S. A., que gentilmente cedeu os direitos para esta publicação.

Podemos concluir que este livro trata-se da escolha de alguns trechos de algumas obras de Saint-Exupéry e, por essa razão, ele aparece como autor.

Por que ao olharmos para a capa associamos ao livro *O Pequeno Príncipe*? Por que a escolha dessa obra e não de outra? Pela ilustração da capa, que reaparece na quase totalidade das páginas do livro, dos originais do próprio autor e utilizados no livro. Acreditamos que a opção pela relação com essa obra esteja ligada ao grande sucesso de vendas desse livro, bem como à existência do filme que tematiza a obra.

⁴⁹ Saint-Exupéry, Antoine. *Felicidade, amor e amizade: a sabedoria na obra de Antoine de Saint-Exupéry*. Tradução de Maria Luiz Newlands da Silveira [et al.]. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

A editora busca sistematizar, tornar mais prática a consulta ao que considera serem os ensinamentos do autor. Ao nos deter na ficha catalográfica, vemos as seguintes classificações: Felicidade, Amor, Amizade. Embora não seja classificado como auto-ajuda, esse livro assemelha-se muito a esse gênero de obras pela maneira como é organizado. Essa “adaptação” da obra de Saint-Exupéry significaria o quê? Traduzi-la para esse tipo de linguagem atenderia a um público mais vasto de leitores? Teria alcance mais expressivo em termos quantitativos, traduzido num formato que se propõe a uma compreensão direcionada de certos valores e posturas de vida?

Essa prática do mercado editorial de condensar várias obras de um mesmo autor em pequenas frases, consideradas importantes ou uma síntese do seu pensamento, parece-nos corresponder a certa necessidade de leitura prática e não-linear.

Voltemo-nos para os livros citados pelas professoras entrevistadas. Além dos livros anteriormente citados, L. enumera a série “Histórias para Aquecer o Coração.”

Histórias para Aquecer o Coração, que saiu de adultos, para aquecer o coração das mulheres, das mães, para aquecer o coração dos adolescentes.

L. prefere os livros que trazem uma série de histórias especialmente selecionadas e agrupadas, livros que têm o leitor pressuposto muito bem especificado já no título: as mães, os adultos, mulheres, adolescentes.

Chama a atenção na opção dessa professora o quanto obras voltadas aos sujeitos do gênero feminino são compartimentadas: mulheres e mães. São livros que trazem diferentes histórias e que abordam diferentes situações, não necessitando de leitura linear, sendo mais direcionados ao que se deseja do próprio livro. Esta questão será aprofundada, posteriormente, quando a leitora tratar da maneira de ler e trabalhar com esses livros.

Algumas Considerações

Ao atentarmos-nos às leituras das professoras, encontramos aquelas que lêem vários livros, de vários gêneros, não se limitando à leitura de livros de auto-ajuda. Leitoras que conhecem os protocolos de orientação que regem as classificações de livros e editoras de diversos segmentos, elas transitam com desenvoltura diante da diversidade oferecida no mercado editorial.

Portanto, podem ser consideradas “leitoras”. Suas opções pelos livros de auto-ajuda não as desqualificam enquanto tais. No entanto, é necessário problematizar as maneiras de ler que caracterizam essa escolha. Ao entender o por quê e o para quê lêem encontramos as seguintes possibilidades: como alternativa à solidão, para adquirir conhecimento, como ferramenta profissional e para enfrentar doenças, com propósito terapêutico.

Analisando esses aspectos, não podemos simplesmente desqualificar as professoras. A auto-ajuda refere-se a um fenômeno muito mais amplo e que, alcança quase todos os segmentos sociais e a mídia de maneira geral. Problematizar as leituras desse gênero não quer dizer que as professoras são mal formadas ou leitoras incompetentes, numa relação direta de causa e efeito – o que resultaria numa simplificação de análise. Estão imersas numa sociedade que engendrou uma certa maneira de ler e que abarca concepções de mundo e de formação que necessitam ser questionadas. Acreditamos que a eleição de uma categoria profissional para declará-la culpada é insuficiente para a compreensão a respeito dos leitores dos livros de auto-ajuda.

As professoras lêem com finalidade profissional, quando o uso é realizado na escola. Fora desse espaço, as professoras lêem, conforme apontado acima, movidas por outras finalidades. Cabe aqui perguntar qual é a concepção de conhecimento nesse contexto? Que leitura é essa? Que criações são feitas a partir das leituras realizadas?

Entremeada a uma concepção de conhecimento bastante superficial, a leitura quando é (re)criadora, opera-se através da transformação de textos abertos em textos fechados. Busca-se a utilização pragmática dos livros em geral, sejam

eles de auto-ajuda, a Bíblia, ou “O Pequeno príncipe”. Conforme destacado, essa prática de simplificar textos complexos é mais ampla: como no caso da adaptação das obras de Antoine de Saint-Exupéry. Junto ao mercado editorial, encontramos a simplificação de obras, que objetiva tornar mais acessível uma leitura mais densa, transformando diferentes obras em ensinamentos diretivos, em algo que tenha uma utilidade prática e imediata.

Quando as professoras se referem ao ato de refletir sobre determinado assunto, essa atividade sempre aparece como algo não-conflitante. As leitoras necessitam de uma orientação para que se sintam seguras diante de situações que as incomodem, que causem dúvidas ou mal-estar. Trata-se da leitura tranqüilizadora.

Acreditamos que muito mais que revelar as leituras das professoras-leitoras, acabamos por constatar uma forma própria de ler de um momento histórico, que não se restringe a essa categoria profissional.

2 – Os livros de auto-ajuda para crianças como instrumento de trabalho

Chaim Soutine (1893 – 1943) : “Menininha com boneca”. c. 1919. Óleo sobre Tela. (73 x 59,7 cm).

2 – Os livros de auto-ajuda para crianças como instrumento de trabalho

No texto anterior, tentamos esboçar através do relato das professoras suas visões acerca das próprias experiências como leitoras de livros de auto-ajuda para adultos.

Neste momento, a discussão centrar-se-á nas experiências das leitoras – professoras de livros de auto-ajuda para crianças. Considerando que os livros de auto-ajuda infantis constituem presença recente no mercado editorial, buscamos compreender o movimento de penetração deles no interior do espaço escolar. Para alcançar esse objetivo, tentaremos problematizar outras questões: Quais os aspectos que sustentam suas decisões pela escolha desses livros para seus alunos? Como são pensados esses livros enquanto suporte de educação (pais e alunos) no ambiente escolar?

Antes de nos determos na discussão das questões propostas, consideramos importante reincidir nos níveis escolares onde as professoras atuam. M. trabalha na Educação Infantil (Pré-escola, crianças de 5 e 6 anos); L. trabalha no Ensino Fundamental (ciclo I – escola pública) e num projeto de educação não-formal que atende crianças em situação de risco de criminalidade e J. atua numa escola ligada à indústria (SESI) , nível fundamental (ciclo II). As professoras entrevistadas representam uma diversidade em sua atuação profissional quanto aos lugares, níveis escolares e faixa etária de seus alunos – o que pode contribuir para a melhor percepção das opções pelos livros pesquisados em espaços educativos.

2.1 – Como conheceram

Ao perguntar às professoras de como tiveram acesso aos livros de auto-ajuda para crianças, recebemos as seguintes respostas:

M: (...) em catálogos, nos próprios livros mesmo, no final tem sempre sugestões de livros com resumos, você acaba conhecendo (...) alguns profissionais também que já conheciam e trabalhavam com esses livros e acabaram apresentando e mostrando.

L: O primeiro livro de auto-ajuda é um livro que tem um coraçõzinho na capa, antes do “Se ligue” em você...”Coração que bate, sente! (...) a gente vai fuçando, eu já pego o catálogo da editora, vou procurando.(...) minha filha deu um impulso nessa parte também, no colégio onde ela estuda, colégio particular, eles trabalham essa parte também. (...) muita gente conhece outros livros também, outros professores de escolas particulares e a gente vai trocando idéias (...) minhas amigas que estudaram na UNICAMP.

J: Na biblioteca da escola que atuo possui vários livros. No entanto, quando sentimos necessidade de utilizar algum material, dentro do possível, a APM adquire.

A divulgação do gênero junto às professoras não difere das maneiras como conheceram os livros de auto-ajuda para leitura própria: através de catálogos, indicações nos próprios livros, colegas de trabalho, através do colégio particular onde a filha estuda, com amigas de faculdade, bem como em escolas. Ainda que esses livros de auto-ajuda não sejam enviados pelo MEC, indicados em programas curriculares ou por outras agências de legitimação, eles entram nas escolas através das professoras que têm contato com essa produção. Penetram através da iniciativa das próprias professoras que buscam em catálogos, livrarias, em experiências com os próprios filhos e também através de sugestões de colegas professores. Ao lado da divulgação de livrarias e editoras, há uma “rede de informações” que reconhece nesses livros de auto-ajuda uma maneira “melhor” de trabalhar em sala de aula.

2.2 – Como os livros chegam às mãos dos alunos

Considerando que esses livros não são enviados por programas de distribuição (MEC, FAE ou Secretarias de Educação), e em muitos casos não são “adotados” pelas escolas, como as professoras trazem-nos para o interior da sala de aula?

As maneiras de inserir os livros de auto-ajuda no interior do espaço escolar são diferentes para as variações de faixa etária. M, que trabalha com alunos da Educação Infantil, ainda não alfabetizados, lê e ilustra a história. Os alunos têm acesso à história oral e à ilustração baseada na interpretação da professora a respeito do texto escolhido.

Outra maneira de trazer os livros para o interior da escola é a partir do livro da própria professora. Para que seus alunos tenham acesso ao texto, ela lança mão de várias estratégias, tais como xérox, transparência, mimeógrafo e cópia realizada pelos próprios alunos:

L: eu xeroco, geralmente a sala tem 30 alunos, então dá pra fazer grupos de 4, 7 cópias dá pra fazer, ou na transparência, cheguei a tirar o livro inteirinho pra usar na transparência, aí a gente ia pra sala de leitura e todo dia tinha um horário gostoso pra estar indo na biblioteca...(...) aí a gente tinha a hora da reescrita (...) às vezes um pai ou outro compra o livro também, mas é raro isso (...) ou o mimeógrafo que eu gosto de tirar as coisas no mimeógrafo, uma matriz bonitinha e aí dá pra fazer também.

As professoras lançam mão de diferentes artifícios para conseguir trazer à escola o material que julgam importantes: contam oralmente, ilustram, pedem para a APM comprar, tiram xérox, fazem transparência e até usam do mimeógrafo. Existe grande dedicação e trabalho para que os livros cheguem às mãos das crianças, ainda que desprezando a materialidade do suporte e privilegiando o “conteúdo”, a “mensagem”, a “moral da história” que se deseja trabalhar – aspecto discutido mais adiante.

2.3 – Por que buscam esses livros?

É possível que, diante dos desafios diários, elas procurem pelos livros que considerem importantes e em alguns casos, até necessários. E o que as motivariam a optar pelo trabalho com os livros de auto-ajuda para crianças? Quais as situações diárias as incitariam a buscar por esses livros?

2.3.1– Texto apropriado e “alvo certo”

O oferecimento de um “texto apropriado” é uma das características que direciona a busca por esses livros:

L: (...) acho que o livro de auto-ajuda tem aquela direção certa, o alvo específico, e às vezes o professor quer mudar e acaba estragando, né... eu penso assim que nos livros de auto-ajuda para crianças o autor faz assim pro público alvo certo, então nós vamos trabalhar isso (...) Eu escolho pensando nas crianças, no momentinho que elas estão passando aí, o duro é que às vezes a gente não encontra.

O que caracteriza o texto apropriado neste caso? No desejo de encontrar um livro que trate de determinado assunto de forma direcionada sem “rodeios”, abordando de maneira direta certos problemas, pois nessas características reside a principal qualidade dessas obras, para as professoras que as utilizam: o autor visa o alvo certo, que explicita suas intenções, tanto no que diz respeito ao público (os adultos professores/educadores/ pais e as crianças) quanto à forma/maneira que aborda um assunto específico. E que forma é essa?

M: (...) eles tratam de temas que são complicados para criança entender mas a linguagem dele é bem mais fácil pra criança, as ilustrações, então eles tratam sobre doença, sobre morte, sobre relacionamento, são vários títulos que são tratados de uma forma bem mais simples, bem mais fácil mesmo pra criança.

As professoras vêem como virtude nesses livros a maneira de abordagem de um tema (simples para o entendimento da criança) e a construção de texto direcionado, visando um objetivo claro e específico propostos pelo autor.

A concepção de educação para o leitor é aquela que vai do mais simples ao mais complexo e de uma leitura que deixa pouco (ou nenhum) espaço para ambigüidade.

2.3.2 — Que infância é pressuposta pelas professoras?

Acreditamos que suas opções sustentam-se numa imagem de infância que se pretende educar. Ao serem questionadas quanto aos motivos que as levam a trabalhar com os livros de auto-ajuda em sala de aula, respondem:

M: Nossas crianças estão assim praticamente abandonadas. Não por negligência dos pais, mas pelas condições mesmo que a vida acaba oferecendo pros pais, então eles têm que trabalhar, não têm tempo pra dar muita atenção e de certa forma isso influencia muito e reflete na sala de aula como? Eles apresentam muita agressividade, carência, conflitos, então a gente acaba percebendo isso. (...) A única coisa assim mais próxima e mais fácil de estar ajudando eles é oferecendo esses livros, esses títulos porque ajudariam de uma certa forma e também faz parte da escola estar oferecendo leitura e tudo mais e é uma maneira de selecionar uma boa leitura pras crianças, então foi dessa forma que eu comecei a estar trabalhando com eles.

A infância concebida como abandonada, devido às condições de vida oferecidas aos pais, mostra as conseqüências dessa situação no interior do espaço escolar, manifestando-se através de agressividade, carência, conflitos. Na fala da professora transparece uma situação bastante angustiante, onde a ela

cabe o enfrentamento. Diante disso, a professora encontra no trabalho a partir dos livros de auto-ajuda uma possibilidade de auxiliá-los.

Questões do aspecto da vida privada das crianças e de suas famílias são consideradas como razões de potenciais problemas na escola, um espaço público. Dessa maneira, na fala da professora é evidente que não se pode deixar de lado a vida das crianças no plano exterior ao espaço escolar – questões privadas se fazem presentes no público e, muitas vezes, se sobrepõem.

Também para L, o que parece impulsionar sua opção são os alunos-problema, sendo os livros de auto-ajuda indicados para trabalhar com esses casos:

As crianças têm muito mais problemas do que nós e hoje em dia acho que as crianças têm pais que estão se separando, têm avós que estão morrendo, que ninguém fica pra semente, né...e assim perdem pais, a violência tá muito grande, a agressividade, essa coisa de não ter dinheiro pra comprar um pão.

Questões sócio-econômicas se entrelaçam com aquelas afetivas. Trata-se de uma infância “doente” por diversos motivos, sejam de origem social e econômica, ou traumas envolvendo episódios vividos pelas crianças (morte, separação, doença). O fato é que parece existir uma construção de “anormalidade” que perpassa diferentes níveis sócio-econômicos, diferentes idades – uma situação de sofrimento imposta por uma dada sociedade que é considerada violenta, agressiva e que pede, segundo a concepção dessas professoras, uma educação fundamentada em pressupostos terapêuticos. No entanto, situações como morte e doença sempre estiveram presentes na história da humanidade: os avós sempre morreram. Assim, a ênfase não é na situação em si, mas nas conseqüências que ela pode causar à criança. Podemos pensar na concepção de Sennett da “Sociedade Intimista”:

O mito hoje predominante é que os males da sociedade podem ser todos entendidos como males da impessoalidade, da alienação e da frieza. A soma desses três constitui uma ideologia

da intimidade: relacionamentos sociais de qualquer tipo são reais, críveis e autênticos, quanto mais próximos estiverem das preocupações interiores psicológicas de cada pessoa. Esta ideologia transmuta categorias políticas em categorias psicológicas. Essa ideologia da intimidade define o espírito humanitário de uma sociedade sem deuses: o calor humano é nosso deus. (SENNETT, 2002: 317)

Às crianças, frutos dessa sociedade intimista, a educação seria voltada às questões psicológicas que as envolvem em diferentes situações. A resolução dos problemas referentes a essa condição seria através de uma relação mais pessoal entre professor e aluno, onde o primeiro deve estar atento aos acontecimentos da vida do segundo. Nessa concepção, as professoras – profissionais de um espaço público – necessitam de envolvimento nas questões individuais dos alunos. Assim, questões de ordem social e econômica são pensadas, em muitos casos, em razão de suas conseqüências psicológicas pressupostas pela professora ou pelo professor: o que o aluno ou a aluna sofre/sente quando passa fome? O que sente quando vê um parente ser assassinado? O que de fato sente quando o pai perde o emprego?

Nessa concepção, a criança educada no interior dessa sociedade, futuro adulto desse contexto, deve ser “tratada” desde a mais tenra infância. Como? Uma das ferramentas é a utilização dos livros de auto-ajuda infantis. Nessa educação os pressupostos parecem estar voltados à preocupação das crianças consigo mesmas, numa sociedade que incentiva o desenvolvimento de aspectos psíquicos; não priorizando a aprendizagem de se conviver no espaço público, em relações impessoais que exigem auto-distanciamento – perceber as situações dissociadas de si mesmo – e habilidade para a construção de regras de convivência. Traços de uma educação para o indivíduo que se centra em suas emoções particulares – o que segundo Sennet corresponde mais a uma armadilha do que a uma libertação.

Prevalece a concepção da infância como uma fase onde se deve “moldar” o indivíduo:

M: (...) todos eles (livros de auto-ajuda para crianças) tratam de assuntos que são importantes pra crianças...amizade, felicidade, carinho, respeito...e todas essas coisas que a gente tem que trabalhar com eles quando pequenos porque não adianta a gente querer trabalhar isso depois da pessoa já formada... então tem que ser desde pequenos.

Numa concepção de infância como “cera quente a ser moldada”, fase onde os sujeitos devem ser devidamente encaminhados para os princípios e valores importantes em uma dada sociedade, as diretrizes norteadoras de tal função são aquelas valorizadas numa sociedade, como denominada por Sennett, Intimista: o desejo de autenticar-se a si mesmos, suas motivações, seus sentimentos, priorizando estados emocionais subjetivos.

2.3.2.1 – A criança-problema: questões sócio-econômicas

Nas duas citações anteriores, é explicitado o “motivo” da opção por esses livros: a criança-problema. Aquela que é afetivamente carente, indisciplinada, agressiva, com baixa auto-estima e, em muitos casos, essas situações estão ligadas a dificuldades sócio-econômicas.

L, que trabalha com crianças em situação de risco de criminalidade, relata um contexto que determina sua opção por esses livros:

L: (...) tinha umas crianças que os pais estavam na cadeia, elas não tinham um modelo pra estarem seguindo e eu escolhi esse livro (Livro das virtudes/Selma Said) pra estar trabalhando com eles...então cada dia uma virtude.

Preocupações com uma certa *infância abandonada* não é algo recente, como podemos ver na citação abaixo:

As propostas para o setor social da infância abandonada, existentes no Brasil desde a década de 1870 ao menos, apresentam-se mais consolidadas em 1922, no interior de um conjunto de novas subdivisões e classificações para a infância. Cada classe de infância, abandonada, pobre, deficiente, era objeto de propostas pedagógicas e de instituições educacionais específicas e de algum modo distintas das destinadas às demais, embora articuladas na constituição de um corpo comum de idéias pedagógicas a demarcar o espaço educacional. (KUHLMANN, 2002 : 485)

Este trecho foi extraído do texto que apresenta como objetivo analisar as maneiras que diferentes segmentos sociais concebiam as idéias sobre a educação das crianças. Para tanto, o autor analisou 37 comunicações do 3º Congresso Americano da Criança, no Rio de Janeiro, ocorrido de 27 de agosto a 5 de setembro de 1922, durante a exposição Internacional Comemorativa do Centenário da Independência.

Como se pode notar pelo trabalho de KUHLMANN, desde o final do século XIX existia no Brasil a preocupação com a “infância abandonada”. Nesse caso, a educação teria uma função “redentora”, cabendo às instituições de educação se ocuparem do “ameaçador” contingente de crianças abandonadas que poderiam se tornar futuros criminosos. E como seria essa infância abandonada? O que a caracterizaria?

No mesmo texto de KUHLMANN é citado um pesquisador, João Aureliano Correia de Araújo, que traz as seguintes informações:

A falta de educação da criança, a incúria e a indolência dos pais, geravam o abandono material e moral da infância que, como escrevera o criminalista Adolpho Prins, da Universidade de Bruxelas, se tornava “vítima da envenenada atmosfera em que respira. Arrancá-la desse meio e dar-lhe não a prisão, mas a proteção, a educação e a piedade de que ela necessita, é este o nosso inadiável dever.” (IDEM, p.485)

Nesse contexto, quais as propostas de trabalho com essas crianças? Elas deveriam ser divididas de acordo com algumas características, tais como gênero,

idade e “temperamento e predisposições de cada uma” – detectados através de exames psicológicos e físicos realizados por médicos. A impressão que temos, diante da leitura desse artigo, é que para melhor tratar/educar era necessário separar os diferentes e juntar os iguais, que apresentavam os mesmos problemas e dificuldades.

Além da separação por diferentes características, havia outra proposta: oferecer a esses “potenciais” delinquentes uma educação que associasse conhecimentos escolares ao ensino industrial ou profissional, de maneira que a prevenção fosse realizada através do ensino de um trabalho e para que pudessem, posteriormente, ganhar seus meios de subsistência.

Em meio aos teóricos desse período, existiam aqueles a favor ou contra os “castigos”. Araújo (citado acima) colocava-se contrário à idéia da punição, do castigo; já Taciano Antonio Basílio não só defendia o castigo como justificava seu uso: *“O ‘bem entendido castigo’ seria melhor do que as conseqüências dos maus hábitos que ela iria ‘corrigir’” (IDEM, 486)*

As crianças-problema, ou potenciais, eram já no início do século XX o centro da preocupação de teóricos da educação. Pensava-se em diversas maneiras de prevenir o mal que pudesse tomar conta dessas crianças através de diversas estratégias, tais como separação das crianças, educação profissional ou ainda o castigo.

Se no início do século XX, a criança era vista como aquela que poderia ser “envenenada” por uma certa situação, conforme já citado, observemos a fala da professora entrevistada, quando se refere aos seus alunos:

L: Na escola eles só dão problema, só trabalho. Um pula o muro, o outro brigou, deu um murro no professor, então eles foram acumulando um monte de coisas negativas.

Se as crianças do início do século poderiam ser “envenenadas” por uma circunstância da vida, as crianças-problema, atualmente, “acumulam coisas negativas”.

Sem a pretensão de estabelecer padrões universais e superficiais, a intenção de trazer para o debate diferentes maneiras de tratar a infância abandonada tem como objetivo mostrar como, historicamente, crianças nessas condições tiveram diferentes propostas de educação.

Prevalece na concepção das leitoras um viés transformador da leitura, inclusive de instâncias sociais:

M: (...) as situações que a gente vem vivenciando no Brasil, de uma certa forma, a melhor maneira de estar mudando alguma coisa é através do hábito da leitura (...) introduzindo isso nas crianças...acho que é o melhor caminho mesmo.

A leitura desses livros de auto-ajuda aparece como alternativa de mudança social, de tratar individualmente os casos que têm determinação em nível macro tanto no viés político quanto econômico. Pensando na postura de Sennet, podemos questionar a abordagem de problemas de natureza social e econômica numa perspectiva psicológica:

A troca entre uma maior absorção psíquica e uma menor participação social pode ser facilmente mal interpretada como um problema psicológico. Poder-se-ia dizer que as pessoas estão perdendo a “vontade” de atuarem socialmente, ou que estão perdendo o “desejo”. Estas palavras, enquanto estados puramente psicológicos, induzem ao erro porque não explicam como toda uma sociedade poderia mudar sua vontade ou mudar seus desejos, a um só tempo. Induzem ainda mais ao erro ao sugerirem uma solução terapêutica para tirar as pessoas desse auto-envolvimento – como se o ambiente que fez ruir sua vontade social e transformou seus desejos pudesse repentinamente receber de braços abertos indivíduos totalmente mudados. (SENNETT, 2002: 25-26)

Ao voltarmos-nos às falas das professoras, deparamo-nos com certa maneira de pensar a função da escola e da leitura como possibilidade de mudança social que tem determinação estrutural e em se tratando dos livros de auto-ajuda, essa mudança é proposta através de intervenção psicológica. Ao considerar que o problema esteja no interior do indivíduo e não fora dele, que a alteração de sua

maneira de conceber uma dada situação resultaria na superação de questões produzidas num contexto social, articula-se à concepção de Sennett.

2.3.2.2 – Crianças com baixa auto-estima

L: as crianças têm uma auto-estima baixa, geralmente.

Parece existir uma idealização da maneira como a criança sente, vive e (con)vive com outras pessoas. Os adultos, neste caso as professoras, vêem seus alunos como sujeitos que se caracterizam por aqueles com “baixa auto-estima”. Será que eles realmente vivem essa condição? Porém, nesta pesquisa temos acesso somente às representações das professoras sobre seus alunos.

TAVARES (2002), em sua Tese de Doutorado intitulada *AUTO-ESTIMA: o que pensam os professores?*, pesquisou o processo de apropriação do termo auto-estima por um grupo de professores do Programa *Acelera Brasil*. A pesquisadora constata que o discurso de auto-ajuda entra na educação através da palavra auto-estima:

Estes livros que vemos surgir em cada banca de jornal, em cada esquina e que fazem a fama de quem os escrevem, são na sua maioria muito sedutores, pois trazem propostas de soluções fáceis e baratas para os problemas que afligem os homens comuns. Em princípio estas soluções baseiam-se no princípio do basta querer para ter, ou seja, se a pessoa acredita que pode conseguir, ela atingirá seu desejo. Desta forma, a palavra auto-estima é muito importante, pois se o indivíduo acredita em si e se ele acredita que é capaz de atingir um desejo, este desejo se realizará. Portanto, são afirmações baseadas na vontade interna do indivíduo e sem uma análise do contexto onde este indivíduo está inserido. A crença de que basta ter força de vontade, acreditar em si, achar que é capaz de ter persistência para o indivíduo atingir o sucesso é contraditória com nossa realidade, uma vez que esta é uma realidade desigual do ponto de vista socioeconômico e cultural. (TAVARES, 2002: 142)

É importante ressaltar que Tavares, a autora, não é contra o conceito de auto-estima, nem minimiza sua importância na vida das pessoas. O que ela está discutindo e questionando são alguns problemas que estão colados a este conceito quando ele é entendido a partir dos livros de auto-ajuda.

A auto-estima, enquanto um conceito bastante utilizado nas escolas (em cursos de formação de professores, projetos pedagógicos, entre outros), é vista por uma parcela significativa de professores como maneira de transmitir ao aluno a responsabilidade pelo fracasso escolar, numa perspectiva que tende a culpabilizar o indivíduo pelo seu insucesso sem levar em conta os diferentes aspectos que envolvem o processo de educação escolar. A auto-estima entendida nesta perspectiva é insuficiente para explicar o desenvolvimento da criança e seu desempenho escolar.

As professoras pesquisadas por TAVARES classificaram as crianças que apresentavam problemas escolares de aprendizagem como aquelas que possuem baixa auto-estima. No entanto, ao contrastar as respostas das crianças com as das professoras, a pesquisadora concluiu que a maneira como as crianças se vêem é bastante diferente da maneira como as professoras as descrevem. Em suas falas, as crianças não se mostram com uma imagem negativa e nem com indicadores de baixa auto-estima.

Assim, na presente pesquisa tivemos acesso somente à perspectiva das professoras sobre seus alunos. Segundo elas, as crianças apresentam baixa auto-estima. Ao lançar mão dos livros infantis de auto-ajuda, que divulgam o conceito do mesmo criticado por TAVARES, acreditamos que os valores trabalhados identificam-se com os preceitos da literatura de auto-ajuda.

E como as professoras trabalham a auto-estima das crianças a partir dos livros infantis de auto-ajuda? Vejamos algumas experiências relatadas.

Partindo desse pressuposto, as professoras elaboram uma série de estratégias. Como pudemos evidenciar a partir das leituras das falas das professoras, o trabalho com os livros de auto-ajuda não se restringe à criança-problema –, mas é estendido a todos os seus colegas de classe, como se pode

notar pelo relato da professora que escolhe determinado livro e conta um pouco de seu trabalho:

L: Histórias para aquecer o coração (...) tem várias histórias onde você escolhe algumas que a pessoa está passando (...) aí eu escolhia o texto e trabalhava com eles, aí todo mundo lia e se ele (a criança que está passando por determinado problema) quisesse, ele participava, ou então ele ficava de lado...mas aí com o tempo ele também (..) na primeira aula se ele não queria, a aula seguinte, alguém levava pra ele e o aluno começou a ter vontade de ler.

O livro de auto-ajuda tem como função promover a sociabilidade entre os alunos: inicia-se o trabalho com a leitura de uma história, que trata de um problema específico de uma criança, para a classe toda. Mesmo que a criança que se pretende alcançar não demonstre interesse pelo texto, o mesmo é levado até ela pelos colegas de classe e, assim, a criança acaba se interessando e se envolvendo com o trabalho em sala de aula. O livro de auto-ajuda, neste contexto, longe de assumir caráter individual, alcança outras crianças que conduzem o livro/texto/história ao colega. O que significa essa sociabilidade para Sennett?

Na concepção desse autor, a experiência intimista engendrou uma nova forma de sociabilidade onde os indivíduos compartilham seus sentimentos. Podemos estabelecer uma ponte entre esta concepção e a fala da professora: ao tratar do problema de um aluno, mobilizando toda a turma para tal objetivo, o espaço escolar passa a constituir um local de debate de questões privadas. É proeminente o esforço de transformar valores psicológicos em relações sociais:

A real medida daquilo que o desequilíbrio entre vida impessoal e vida psicológica provocou nas relações comunitárias reside, portanto, mais além do fato de que a procura por uma vida comunitária se tornou compulsiva; reside também nas expectativas que as pessoas estruturam por meio do desejo que têm de relações chegadas, abertas, face a face com outras pessoas, no mesmo território. (SENNETT, 2002: 363)

A professora considera que ao ter o problema de um aluno específico como propulsor de um trabalho em sala de aula, ela estará criando condições para um trabalho em grupo, em equipe, fortalecendo os laços entre eles e também favorecendo sua atividade com a leitura. No entanto, para Sennett, essa atividade que coloca os alunos em relação entre si também pode significar um espaço de isolamento, onde a única maneira de se preservar é o silêncio. Ao mesmo tempo em que as pessoas podem ser emocionalmente abertas, sem segredos umas para as outras, também se tornam vigilantes em suas relações:

O resultado desta contradição está em que a experiência da vida comunal local, aparentemente um exercício de fraternidade num ambiente hostil, freqüentemente se torna uma experiência de fratricídio. (IDEM, p. 366)

Chama a atenção esse ponto problematizado por Sennett. No momento em que as pessoas são tão autênticas em seus sentimentos, tornando público todas as suas emoções, podem voltar-se umas contra as outras. Se tomarmos as expectativas mútuas despertadas nas demonstrações de suas interioridades, que nem sempre se identificam com as vontades e desejos de cada um, quando o indivíduo se frustra por não ser correspondido em suas expectativas, desqualifica as pessoas e o mundo à sua volta – tudo isso é parte de exposição, desapontamento e isolamento causados por essas relações de intimidade exacerbada, como conduta exemplar a ser seguida.

Uma vez que o aluno passa a ser educado, tendo como ponto de partida sua expressão emocional, o que sente e o que deseja, ele pode criar expectativa em relação ao grupo em que vive. É falsa a idéia de que se todos compartilharem dos seus problemas afetivos/emocionais criar-se-á um grupo mais coeso e fraterno. Não sendo satisfeito em relação ao que espera desse grupo, quando se frustra, o que acontece? Esse grupo não serve para ele, não o compreende, portanto não o merece. Diante disso, o resultado passa a ser o inverso do desejado pelos professores e professoras – ao invés de uma aproximação, a falta de distância e impessoalidade necessárias para a convivência cria o isolamento. De acordo com o mesmo autor:

As pessoas são tanto mais sociáveis quanto mais tiverem entre elas barreiras tangíveis, assim como necessitam de locais específicos, em público, cujo propósito único seja reuni-las. Em outros termos, diríamos: os seres humanos precisam manter uma certa distância da observação íntima por parte do outro para poderem sentir-se sociáveis. Aumentem o contato íntimo e diminuirão a sociabilidade. (IBIDEM, p.29)

Voltemos para as maneiras que as professoras trabalham com esses livros em sala de aula. Na tentativa de encontrar mais informações, trago os títulos de livros relatados por outra professora M.: *Coração que bate, sente!*; *Livro das virtudes (1 e 2)*; *Histórias para aquecer o coração*; *“Se ligue” em você*. Ao se referir a um livro em especial, *Toc Toc Plim Plim*, a professora acrescenta informações mais apuradas desse tipo de trabalho:

(...) trabalha com a criatividade, mas com os sentimentos também porque naquele livro, elas é quem vão fazer o livro (...) quem manda no livro, quem direciona é a criança. Tem frases pra elas terminarem de completar e não tem erro... tá tudo certo porque ele que fez (...) Eles canalizavam as atividades também, além de ser um auto-conhecimento (...) e se a criança está tirando algo de dentro pra estar passando pra classe inteira...eu acho que é gostoso..alguém vai estar te ouvindo.

Será que as crianças realmente desejam que não lhes sejam apontados os erros? Como se constrói a auto-estima nesta perspectiva? Através de um trabalho que a criança manda, direciona e que não comporta erros – simplesmente porque não existem na construção do trabalho com esse livro. Além disso, o trabalho proporcionaria condições para que os alunos compartilhassem aspectos de suas vidas: debate de questões de fórum privado para o público. Pautada numa concepção de que as crianças possuem baixa auto-estima, a professora vê nesse livro uma maneira de melhorá-la.

Através desse trabalho na escola, espera-se que o aluno projete na atividade desenvolvida, mediante o livro de auto-ajuda, o seu “eu”. Algo só faz

sentido nessa concepção quando responde a uma necessidade de atender à expressão dos próprios sentimentos, ao aperfeiçoamento psicológico. No entanto, a professora ressalta a importância de uma significação do livro para a criança para a expressão de suas emoções, já que ela vai dizer sobre o desenvolvimento da criatividade e do auto-conhecimento. Se a proposta consiste em que a criança só se centre em si mesma, no que sente, como ela pode ser criativa não se confrontando com a opinião do Outro?

Se articularmos essa concepção – bastante presente nas falas das professoras a respeito do desenvolvimento das potencialidades de cada um – com uma certa ideologia que transfere ao indivíduo a responsabilidade por questões tão diferenciadas quanto, por exemplo, a felicidade no casamento e a ascensão profissional, qualquer insucesso na vida do indivíduo estará ligado a uma falha no desenvolvimento de sua personalidade e/ou de suas capacidades pessoais. Neste sentido podemos pensar numa certa concepção de auto-estima:

O resultado disso perturba num nível muito profundo de auto-estima que as pessoas têm em sociedade. Elas não são evidenciadamente recusadas, nem tampouco evidenciadamente aceitas; ao contrário, elas estão continuamente testando a si mesmas por meio de tentativas de encontrarem validação numa realidade que na realidade não admite limites coerentes para o eu. (SENNETT, 2002: 404)

2.4 – Que modelo é oferecido pelos livros de auto-ajuda infantis?

A leitura de determinados livros como maneira de oferecer um “modelo” desejável de educação não é uma concepção nova na utilização de livros infantis em sala de aula. Desde o surgimento do livro infantil, este manteve fortes laços com a Pedagogia, sendo considerado suporte para o ensinamento dentro das escolas, tanto de conhecimentos escolares quanto de valores e modelos desejados por uma dada sociedade à infância. (Lajolo & Zilbermann, 1985).

Resta a pergunta: Qual é o modelo “pedagógico” oferecido por tais livros e que parecem interessar muito aos professores? Qual é o modelo de infância desejado nesses livros? Basicamente, o modelo parece girar em torno de questões ligadas à auto-estima, a uma perspectiva “psicológica” de entender e lidar com diversas situações.

O tema abordado no livro é o critério prioritário para a escolha no dia-a-dia escolar, seguindo-se apenas da ilustração. Ao decidirem por um livro que discuta um assunto específico, as professoras revelam indícios dos valores desejados por elas para serem trabalhados com seus alunos.

Neste momento, se voltarmos aos temas presentes nos livros, poderíamos elencar aquilo que é considerado essencial para que a criança leitora aprenda, apreenda, entenda. Pensando em aspectos proeminentes na fala das professoras, os livros infantis como fontes de um modelo desejável e a leitura como possibilidade de alterar para melhor uma realidade social (lembrando o projeto iluminista de emancipação), é reforçada a idéia de utilização desses livros como maneira de influenciar/moldar as crianças, futuros adultos. Que moldes são esses?

Ao ser questionada a respeito dos livros trabalhados em sala de aula, J. traz os títulos dos livros acompanhados dos respectivos temas tratados:

“Os porquês do coração”: morte, luto, separação, saudade.

“A cidade que mudou de nome”: temperamentos das pessoas, desencontros, mal-estar, mau-humor, desconforto e infelicidade. Diferentes temperamentos se completam e harmonizam, produzindo uma ação comunitária positiva.

“A colcha de retalhos”: resgatar o valor das memórias da identidade de cada um, relação afetiva na família, a criança aprende a amar e ser amada.

“Mirradinho”: Identidade, tolerância, lidar com frustrações, angústia, crescer psicologicamente.

Todos os livros da “Coleção Viagens do Coração”. Autor: Conceil Corrêa da Silva.

As opções por tais livros podem ser consideradas representativas porque trazem as expectativas das outras entrevistadas. A partir dos temas pode-se inferir os valores desejados por uma certa educação escolar.

Olhemos atentamente para os assuntos discutidos pelos livros destacados pela professora. Ao lado de inquietações presentes na história da humanidade, tais como morte, luto, separação e saudade, aliam-se outras preocupações relativas ao ensino de como amar, da relação afetiva, tolerância, “lidar com frustrações”, “angústia”, “crescer psicologicamente” – expressões próprias de discussões da psicologia. À escola caberia o papel de ensinar a criança a lidar com a angústia? Seria o lugar de ajudá-la a crescer psicologicamente? Ensinar a amar e ser amada? Ensinar sentimentos?

As escolhas, como se pode notar, estão todas relacionadas à tentativa de responder às demandas individuais, questões afetivas resultantes de algum processo pessoal de sofrimento. É como se a professora desejasse que o aluno se encontrasse nessas questões, o trabalho tivesse algo a ver com ele.

No contexto de uma sociedade que enseja que seus membros adquiram internamente os valores que farão o controle atuar de dentro para fora – ou seja, o controle sobre as vidas dos indivíduos não é externo, mas a partir do próprio indivíduo – a infância poderia ser pensada enquanto fase de desenvolver as potencialidades para tal. Juntando-se a isso uma concepção de sociedade intimista, a pessoa aprende a olhar a realidade somente a partir de si mesma. Algo exterior somente terá valor a ela se responder a sua demanda pessoal.

Levando essa situação às últimas conseqüências, pode-se educar para uma compreensão do mundo como *se a realidade pudesse ser compreendida através de imagens do eu*. (SENNETT, 2002:395). Nessa forma de narcisismo, onde a pessoa passa a ver tudo através de uma projeção do seu eu, mostra-se extremamente destrutivo. Ao se apagarem as demarcações e limites nas relações pessoais, ao se confundirem os domínios do mundo público e privado, o indivíduo que deixa de ver a necessidade de utilizar e entender as “máscaras sociais” tende

a não conseguir enxergar qualquer realidade exterior a ele. SENNETT aponta a necessidade de um auto-distanciamento, das relações impessoais, da necessidade da preservação da privacidade, tendo em vista uma sociabilidade de fato, uma comunidade cujo destino não seja a vigilância e o fratricídio. O auto-distanciamento e a aprendizagem de conviver em situações impessoais propiciam o “jogo”, onde são construídas maneiras de conviver e construir regras comuns, um exercício de civilidade.

2.5 – Como trabalham

E quanto ao trabalho em sala de aula? Esses livros são entendidos somente como orientadores/aconselhadores? Ou existe outra perspectiva de trabalho que não se restrinja apenas às características do gênero?

Peço às professoras que exemplifiquem esses casos “específicos” que as fazem optar por um livro de auto-ajuda:

L: Por exemplo, se hoje tivesse uma briga no recreio, a gente vai falar do quê, de qual virtude? Então como tinha várias assim, a gente vai falar da amizade. A gente vai entrar pra classe, esqueciam tudo, tinha até uma coisa assim de relaxamento, a gente combinava, agora vai falar de uma coisa, pode desarmar. Por que aconteceu tal coisa? Então a gente vai conversar e eu introduzia o que é amizade e tinha assim uns trechos bonitos e eu começava a trabalhar lendo com eles e eles prestavam bastante atenção e depois daquilo, no outro dia se tinha um aluno que não fazia lição de casa, vamos falar do trabalho (...)

O trabalho da professora em sala de aula se segue a uma situação que a conduziu a opção de um livro. “Esquecer” o ocorrido, relaxar, desarmar. Depois a leitura de um trecho do livro tendo como objetivo ensinar o conceito de amizade, seguida da conversa sobre o assunto.

Embora seja impossível apreender com segurança as práticas efetivas dos professores em sala de aula – o que exigiria outros instrumentos, como observação participante em sala de aula e acesso aos trabalhos desenvolvidos pelos alunos –, é possível inferir a partir dos relatos das professoras indícios de como elas percebem seu trabalho em sala de aula, bem como os objetivos que pretendem atingir ao optarem por determinados livros e atividades desenvolvidas. O quê as professoras criam e produzem a partir do trabalho com os livros de auto-ajuda infantis?

L: Então eu coloco assim: tem um problema, eu vou pensando no que eu posso fazer pra resolver esse problema, então eu encaixo normalmente na aula de português.(...) trabalha ilustração, a capa, o autor, levo a biografia, acho que aproveita em Língua Portuguesa. Aí em Matemática, também vou tentando colocar alguns fatos pra eles resolverem se não tem ali no livro, eu faço uma criação meio a parte (...) trabalho editoria, paginação, a revisão, peço pro amiguinho ler o livro do outro.

Os livros de auto-ajuda, muitas vezes, são apropriados no interior da escola como os de Literatura, cumprindo a função de “servir” de pretexto para o ensino de conteúdos disciplinares, tais como Língua Portuguesa e Matemática. Embora L. ressalte que essa maneira de empregar tais livros empobreça suas características enquanto “auto-ajuda”, pudemos constatar a utilização de outros livros, tais como Literatura, Informativos ou paradidáticos. São utilizados não somente na aula de Português, mas também de Matemática. Não só ensina conteúdo, mas também valores. Não é voltado somente à leitura, à conversa, mas trabalhado junto com o currículo. A história também pode ser adaptada para o conteúdo curricular, uma “criação à parte”.

A professora de Educação infantil M. relata como trabalha esses livros com seus alunos:

Às vezes é uma leitura curta, então só naquele dia, a gente comenta a leitura, a criança acaba ilustrando alguma coisa. Se é

um tema mais marcante que a gente percebe que tem mais interesse a eles nós conversamos bastante sobre o assunto.

Quando se trata de uma turma ainda não alfabetizada, o procedimento é outro: contar a história oralmente, pedir que ilustrem e se o interesse for muito grande, o artifício, a maneira de aprofundar, é através da conversa com o grupo.

No intuito de encontrar mais pistas referentes à especificidade do trabalho com livros de auto-ajuda, pedimos mais exemplos:

L: (...) tem o das fofoqueiras também que tem as mexeriqueiras e elas estavam assim fervendo, brigavam por causa de fuxico (...) aí nós levamos o da fofqueira e assim (...) "aí dona é verdade né, quando a gente fala mal de alguém isso aí fica difícil depois", aí a gente passa pra eles assim "e se fosse você?" aí a gente puxa assim pra uma reflexão também.

Aqui é possível perceber um exemplo de trabalho: na identificação de uma certa situação que trazia problemas para o trabalho em sala de aula, a professora opta pelo livro que trata de "fofoca". A partir da leitura traz um comentário dos alunos que confirmaria o interesse do grupo e, além disso, ao usar esses livros traz como enfoque a "reflexão" e a situação de colocar-se no lugar do outro.

Ao trazer para o debate os relatos das professoras sobre as maneiras que trabalham em sala de aula, fato já confirmado acima, a utilização não é diferente da apropriação de outros livros no interior do espaço escolar.

A escolha dos livros de auto-ajuda parece ter ainda outros aspectos importantes: tratam de assuntos que abordam questões que trazem respostas às expectativas/interesses dos alunos e, por esse motivo, "prenderiam" a atenção e suscitariam o interesse pela leitura. Outro ponto que facilitaria o envolvimento do aluno na leitura de tais livros é a maneira como são desenvolvidos os assuntos: de forma clara, objetiva, com textos simples e, acima de tudo, ancorados em situações reais do cotidiano. Também diante desse quadro, os livros de auto-ajuda infantis divulgariam e educariam a partir de um certo "modelo desejável", veiculado através das mensagens de seus textos e ilustrações, pautado em uma certa concepção de auto-estima, já discutida anteriormente.

Algumas Considerações

Ao focalizar a utilização de livros de auto-ajuda infantis pelos professores, no espaço escolar, evidenciamos maneiras de se educar o leitor, bem como os valores que norteiam tal prática.

A prática pedagógica com esses livros no interior da escola não se diferencia de outros períodos históricos. Concepção de conhecimento como aquele que vai do mais simples ao mais complexo, a criança vista como aquela que necessita de textos fáceis para aprender. Isso numa perspectiva de infância entendida como fase em que a criança se encontra como “cera quente a ser moldada”. Tal qual os livros de literatura, didáticos e paradidáticos, os de auto-ajuda são incorporados às disciplinas, tais como Português e Matemática – utilizados como “pretexto” para ensinar conteúdos escolares: (re)escrita de textos, gramática, para formulação de questões/problemas matemáticos, dentre outros.

Se por um lado, o uso desses livros não inaugura uma prática nova, por outro lado, quando se tomam os valores pretendidos pelas professoras, encontramos a ênfase em questões Intimistas, como são denominadas por Sennett.

A escola, espaço público, é tratada como local de discussão e aspectos da vida privada dos alunos. Um local onde às crianças são oferecidas explicações pra o seu eu, seu auto-conhecimento, bem como soluções terapêuticas para as mais diferentes situações de suas vidas. A ênfase não é somente no conteúdo escolar, mas no desenvolvimento das potencialidades psicológicas. Acredita-se que ao se expor questões da vida particular de um aluno, criar-se-á condições para uma relação fraterna, de comunidade, de proximidade e superação das questões-problema, tais como violência e agressividade. O conteúdo escolar, em muitos casos, passa a ser pretexto para soluções e respostas para assuntos pessoais.

Os livros de auto-ajuda para crianças apresentam-se como pretexto para o ensino de conteúdos escolares, mas por outro lado os conteúdos também devem ter uma relação direta e aplicável às demandas individuais dos alunos. A leitura pretendida e ensinada no espaço escolar, passa a ser uma leitura pragmática que,

pode ser percebida tanto na utilização desses livros específicos quanto de outros de literatura que são “transformados” em sua utilização em verdadeiros manuais.

Considerações Finais

O espaço da cultura de auto-ajuda que foi levantado aqui, através dos professores leitores, parece-nos evidenciar uma condição de ‘tirania da intimidade’ de que nos fala Sennet.

É importante ressaltar que consideramos muito importantes as questões ligadas à afetividade, à auto-estima e às relações interpessoais no interior do espaço escolar. O que problematizamos ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, é uma maneira que tem tomado corpo dentro do espaço escolar e que tem se travestido de preocupações com sentimentos, sociabilidade e auto-estima.

É como se o espaço escolar desvinculasse-se radicalmente da sua orientação inicial de veicular conhecimentos e de propiciar a convivência no espaço público, passando a se constituir num *locus* terapêutico onde as almas precisam ser formatadas junto às premissas de liberdade, espontaneidade e segurança; essas, por sua vez, contradizem o espaço social, já que esse passa a ser tomado em segundo plano nas relações interpessoais, marcadas por uma subjetividade que não fala do indivíduo, mas sim dos desejos desse mesmo indivíduo que se sobrepõem aos demais.

A intimidade é uma tirania, na vida diária (...). Não é a criação forçada, mas o aparecimento de uma crença num padrão de verdade para se medir as complexidades da realidade social. É a maneira de se enfrentar a sociedade em termos psicológicos. E na medida em que essa tirania sedutora for bem sucedida, a própria sociedade será deformada. (SENNET, 2002: 412)

Trata-se de uma forma de governo não originada da coerção brutal, mas da sedução, de maneira que as pessoas desejem ser governadas por uma autoridade única que dissemina um padrão de referência, também ele único, para o enfrentamento da vida em sociedade. Numa sociedade onde as complexidades da realidade social passam a ser enfrentadas pelo viés psicológico, as instituições e os acontecimentos somente farão sentido quando forem identificadas “personalidades” que se manifestam através delas, fornecendo-lhes vida. O

espaço de interesses comuns e impessoais não faz sentido nessa forma de compreensão da realidade social.

Ao analisarmos a auto-ajuda junto aos textos divulgados em diferentes periódicos, na mídia impressa, pudemos constatar a abrangência desse gênero. Embora em todas as reportagens haja o esforço para alcançar uma certa neutralidade, é possível evidenciar diferentes posturas diante da produção de auto-ajuda. Independentemente dos livros de auto-ajuda serem julgados apropriados ou não para a leitura, a presença do debate evidencia sua importância.

Os livros de auto-ajuda são propostos como aqueles escritos por autoridades para ensinar o bem conduzir a vida e capazes de direcionar seus leitores ao aperfeiçoamento pessoal, psicológico e muitas vezes, também material. Com textos ancorados em situações concretas, para compreensão simples, escritos de forma breve e com clareza, com poucas páginas e, em geral, trazendo um resumo que sintetize e oriente o leitor para a leitura, apresentando-se através de fórmulas para a “cura” dos males de seus leitores.

De certo modo, essa face da cultura tende a assumir um papel preponderante na modernidade tardia, pois sua superficialidade é proporcional ao seu alcance: ela é parte do tecido social, subrepticamente elegendo um novo sujeito que agencia os espaços da cultura contemporânea e se reapropria dos signos já ‘estabelecidos’. Essa atitude não é nova, pois a indústria cultural principia já no final do século XIX com esses mecanismos de apropriação, tornando acessível a disseminação de uma cultura letrada, mas sempre e marcadamente por sua diluição efetiva.

Ocorre também que as funções ‘terapêuticas da leitura’ são retomadas sob nova chave, em que os ensaios de décadas preliminares – new age, yuppies, etc. – ressurgem como espaços performativos não mais marginais, como fenômeno em separado do tecido social, mas sim vêm se inscrever nesse corpo, reatualizando sob sua ótica.

O narcisismo passa a representar a pedra de toque dessa sociedade. O ‘interior’ representa uma realidade absoluta, por isso cria a ilusão de que tudo que

se sente deve ser manifestado da maneira a mais genuína possível. Longe de propiciar as relações com o Outro, de lançar-se às experiências externas e fora de controle, há uma projeção do eu para o mundo. A leitura dos livros de auto-ajuda, mas não somente desse gênero, passa a representar um instrumento para que tanto professores quanto alunos evidenciem aos outros sua realidade interior, seus sentimentos, aspectos de suas vidas privadas. Trata-se de uma maneira de ler que transforma diferentes textos – de literatura, de auto-ajuda, os didáticos, os paradidáticos – para buscar respostas às questões da intimidade, de problemas psicológicos e/ou afetivos. No uso desses textos, o leitor encontraria as fórmulas que o ajudariam em uma questão específica.

No entanto, é preciso lembrar que os professores aqui entrevistados, ao se tornarem um veículo de uma ideologia ‘mascarada’ pela sociedade, não podem ser culpabilizados por esse processo: eles não são vítimas nem vilões, mas sim procuram nesses mecanismos – já que fazem parte de seu horizonte imediato – as alternativas efetivas para agirem em seu universo de atuação.

(...) Em suma, a crença nas relações humanas diretas em escala intimista nos seduz e nos desvia da conversão de nossa compreensão das realidades do poder em guias para o nosso próprio comportamento político. O resultado disso é que as forças de dominação ou a iniquidade permanecem inatacáveis. (IDEM, p. 414)

ANEXOS

ANEXO 1

 UNICAMP	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS FACULDADE DE EDUCAÇÃO Departamento de Metodologia de Ensino Grupo de Pesquisa Alfabetização, Leitura e Escrita Rua Bertrand Russell, 801 - Cidade Universitária "Zeferino Vaz" Caixa Postal 6120 - 13083-970 - CAMPINAS - SP TELEFONE: (019) 3788-5553 FAX: (019) 3788-5573 http://www.posgrad.fae.unicamp.br
--	--

QUESTIONÁRIO

Caro colega, professor:

Você está recebendo um questionário que é um procedimento metodológico que muito me ajudará na pesquisa *Os leitores dos livros de auto-ajuda para crianças*, que venho desenvolvendo no programa de Pós-graduação em Educação, nível Mestrado, na Faculdade de Educação da UNICAMP/FAPESP.

Este questionário foi produzido com finalidade de análise científica e tem como objetivo principal conhecer e inventariar um número de professores que atualmente vem efetivamente trabalhando com livros que tematizam momentos difíceis da criança, tais como morte de um ente querido, separação dos pais, doença, relacionamento com as pessoas, etc.

Você precisa se identificar pelo nome verdadeiro – se desejar, somente o primeiro nome – para responder às perguntas desse questionário. Essa identificação é fundamental para que eu possa entrar em contato num momento posterior, caso seja necessário, para melhor conhecimento do trabalho desenvolvido. No entanto, comprometo-me a não divulgar os nomes dos professores envolvidos na pesquisa. Peço-lhe que todas as respostas sejam sinceras e se possível, bem desenvolvidas. Quero que você se sinta a vontade para expressar suas opiniões.

Todas as informações são de uso exclusivo para essa pesquisa acadêmica.

Agradeço sua colaboração e coloco-me à inteira disposição para quaisquer esclarecimentos.

Muito obrigada.

Melissa Cristina Correa Asbahr
Mestranda da FE/UNICAMP
e-mail: masbahr@zipmail.com.br

Nome: _____

Idade: _____

Escola: _____

Série em que trabalha: _____

Formação Profissional: () Graduação Curso: _____
() Nível Médio

Tempo de formação: _____

1. Quais tipos de livros/materiais impressos você lê?

() Literatura

() Literatura Infantil

() Auto-ajuda

() Jornais/ revistas

() Livros ligados estritamente a sua profissão (pedagogia, psicologia, lingüística, sociologia etc).

2. Com que freqüência você lê?

() todos os dias

() pelo menos uma vez por semana

() somente uma vez por mês

() não tem regularidade

3. Por que você lê? Por qual razão você busca um livro, revista ou jornal?

- () Para informação
- () Por prazer
- () Para resolver ou entender um problema
- () Outros _____

4. Você é leitora de livros de auto-ajuda para adultos? Se sim, por que gosta desse gênero? Cite os últimos 5 títulos ou nomes de autores lidos nos últimos dois anos.

5. Você conhece livros para crianças que tematizam problemas emocionais que o personagem principal enfrenta (livros de auto-ajuda para crianças) ?

- () Sim
- () Não

Cite uma coleção, autor, nome do livro ou tema tratado _____

6. Você já trabalhou ou trabalha em sala de aula com esse tipo de livro? Quando? Onde? Com quem?

7. Quais os motivos que a (o) levaram a utilizar esses livros com seus alunos?

8. Como você conheceu esses livros?

ANEXO 2**ROTEIRO (Sujeito a modificações no decorrer da entrevista)**

1. Como as professoras conheceram os livros de auto-ajuda para adultos. Qual a importância desses livros em suas vidas?
2. Como costumam lê-los? Leitura diária/casual, de “cabeceira”, uso pessoal, profissional. Como é essa experiência de leitura?
3. Costuma comprar, emprestar, ganhar esses livros? Como eles chegam até você? Onde costuma comprar?
4. Destaque os livros mais marcantes para você. Conte um episódio ligado a um livro ou autor que possa ter influenciado sua vida.
5. Por que você trabalha ou trabalhou com os livros de auto-ajuda para crianças? Conte um pouco dessa experiência.
6. Como você conheceu os livros de auto-ajuda para crianças?
8. Destaque assuntos/temas/obras de auto-ajuda para crianças, justificando a relevância da escolha por eles para o trabalho em sala de aula.
9. Quando você escolhe esses livros para crianças, quais os aspectos mais importantes: tema, capa, ilustrações, autor. O que é privilegiado na opção pelo livro?
10. Como são feitas as leituras: tem um projeto onde você define objetivo, justificativa; o livro é adotado; a leitura é um pouco por dia (homeopática); é oral. Comente sua proposta de trabalho a partir desses livros.

ANEXO 3**TRANSCRIÇÕES**

P – Pesquisadora.

M, J e L – professoras entrevistadas. Fala transcrita em itálico.

TRANSCRIÇÃO – MARIA

P: Eu gostaria de saber como você conheceu os livros de auto-ajuda?

M: Bom, eu gosto assim de ler livros de vários gêneros... né... e... então a partir de várias leituras, então foram aparecendo assim vários títulos que eu me interessei e comecei a estar procurando ... né e fazendo parte também da minha coleção de livros e os livros de auto-ajuda também.

P: Mas foi em biblioteca, catálogo, indicação, livraria?

M: Procura minha mesmo assim, não teve indicação de ninguém, foi procura minha.

P: Qual a importância da leitura dos livros de auto-ajuda para você? Em relação a outros gêneros, a um determinado autor; leitura diária/ casual, de “cabeceira”, uso pessoal, profissional.

M: Eu vejo mais assim como mais uma forma de conhecimento porque você aprende várias coisas... eles abordam vários assuntos e eu gosto de estar diversificando mesmo... é pra ampliar mesmo os conhecimentos, tirar dúvidas de várias coisas e eles abordam temas importantes que às vezes coincide mesmo com o nosso dia-a-dia pessoal, profissional... então são livros que eu acho assim interessantes e ajuda mesmo, ajuda pra tudo.

P: Costuma ler todo dia, cabeceira, ou é uso eventual?

M: Tem alguns que eu leio quando dá aquela vontade... então eu vou e leio outros, são alguns títulos novos que eu acabo encontrando, então acaba sendo uma leitura diária até o término mesmo do livro, né.

P: Mas esse “dá vontade”... motivada por um contexto, acontecimento, problema enfrentado... O que “dá vontade”?

M: Às vezes é alguma coisa que acontece no dia-a-dia ou eu tô passando por alguma coisa que eu preciso de alguém pra conversar e eu não tenho ninguém pra conversar... então eu lembro que eu tenho algum livro que fala do que está me perturbando naquele momento. Então eu vou pego o livro, é assim.

P: Como você lê os livros? Selecciona pelo índice, é linear, escolhe algum capítulo que julga apropriado, que responde a algum problema/necessidade específica? Onde costuma ler, quarto, na sala, intervalo do trabalho?

M: Depende muito da ocasião... se é pra estar me ajudando a resolver algum problema, algum conflito que eu tenho então eu vou em determinado assunto, determinado índice pra pegar informação ou pra esclarecer alguma coisa ou então eu já pego ele do início ao fim e vou lendo mesmo...e geralmente depois que eu chego do trabalho no quarto, na sala... às vezes dependendo do dia da semana eu saio, vou pra um lugar mais ao ar livre pra refletir mesmo sobre a leitura.

P: É um momento mais de relaxamento...

M: Mais pra relaxar mesmo e dá um alívio na tensão do dia-a-dia...é bom, faz bem.

P: Você costuma comprar, emprestar, ganhar esses livros? Como eles chegam até você?

M: Geralmente eu compro e assim... algumas amigas mais próximas que sabem do meu gosto pela leitura às vezes acabam emprestando um ou outro, mas a grande maioria sou eu mesma que vou e compro.

P: Onde você costuma comprar?

M: Os que eu tenho assim são bem diversificados assim... foram em livrarias, o vendedor que passa na escola, em livrarias, catálogos e às vezes até em banca você passa, vê algum título interessante que chama a atenção e acaba comprando, em livraria católica, relacionada à religião, todas essas coisas.

P: Eu gostaria que você destacasse os livros mais marcantes pra você, contasse um episódio, um livro ou autor que possa ter influenciado de maneira especial na sua vida.

M: Tem um que tá com umas duas semanas que eu acabei de ler, "Vivendo, amando e aprendendo"...ele relata assim muita coisa do dia-a-dia de todo mundo, de como viver bem, de como se relacionar, de como aprender muita coisa e eu gostei muito dele porque o livro todo aborda vários assuntos... mas ele sempre relata o seguinte: que todo mundo tem que pôr na cabeça que cada um é um ser especial, então foi assim muito marcante e fala sobre amizade, sobre amor, sobre convivência, sobre os vários tipos de pessoas que a gente encontra no nosso dia-a-dia, sobre fatos que às vezes a gente leva como prejudiciais a gente, mas que na realidade não são, tão fazendo a gente crescer e aprender muita coisa...então foi um dos livros assim que eu gostei, apesar de que todos que eu li assim eu gostei muito, mas esse marcou bastante.

P: Mas esse livro marcou por necessidades profissionais, afetivas...

M: Ele na realidade não foi uma escolha minha, foi uma amiga que chegou um dia e falou: "eu tenho um livro pra você e acho que vai ser bom você ler, acho que vai ser bom pra você....você gosta muito...então acho que vai ser muito bom pra você"... então ela entregou o livro.. até a hora que eu li o títulos eu achei meio engraçado...falei: nossa, tem cara de ser um livro assim meloso...porque Vivendo, Amando... essas coisas assim... mas deu bem com o momento que eu tava passando com várias dificuldades no trabalho, na vida pessoal e eu tava me questionando de muita coisa de por quê acontecer determinadas coisas e

procurando o por quê de algumas coisas que eu julgava ser ruins, por quê estavam acontecendo comigo naquele momento e sendo que no meu ponto de vista eu nunca tinha feito nada pra estar passando por tudo aquilo e coincidiu bem com esse momento... e onde abriu mais a minha cabeça assim pra assim... não é um momento ruim, eu aprendi muita coisa e tô aprendendo ainda em relação a tudo isso.

P: Agora eu gostaria de saber a respeito do seu trabalho com as crianças. Por que você trabalha ou trabalhou com livros de auto-ajuda para crianças?

M: É... acho que no geral que quem tá preocupado, quem tá sempre assim ..lendo, tentando se atualizar, dá pra perceber que as nossas crianças estão assim praticamente abandonadas...não por negligência dos pais, mas pelas condições mesmo que a vida acaba oferecendo pros pais, então eles têm que trabalhar, não têm tempo pra dar muita atenção e de certa forma isso influencia muito e reflete na sala de aula como... eles apresentam muita agressividade, carência, conflitos, então a gente acaba percebendo isso, então qual a melhor maneira? Você não pode ocupar o lugar do pai e da mãe, você passa o mínimo de horas com eles, então a única coisa assim mais próxima e mais fácil de estar ajudando eles é oferecendo esses livros, esses títulos, porque ajudariam de uma certa forma e também faz parte da escola estar oferecendo leitura e tudo mais e é uma maneira de selecionar uma boa leitura pras crianças, então foi dessa forma que eu comecei a estar trabalhando com eles.

P: Como você conheceu esses livros de auto-ajuda pra crianças?

M: Ai.. e agora ... foi realmente por ler bastante e saber que tinha esses livros que a grande maioria das pessoas acha que são só pra adultos mas pelo fato de ler mesmo e me interessar por vários títulos, você acaba vendo em catálogos, nos próprios livros mesmo, no final tem sempre sugestões de livros com resumos, você acaba conhecendo... e foi onde eu me interessei mais e acabei adquirindo esses livros.

P: Além de catálogos, de propagandas em outros livros, existem outras formas que a levou a eles?

M: Alguns profissionais também que já conheciam e trabalhavam já com esses livros... e acabaram apresentando e mostrando..

P: Destaque assuntos/temas/obras de aa para crianças, justificando a relevância nesses livros.

M: Eu particularmente gosto muito assim do Rubem Alves, ele tem assim alguns títulos que tratam de livros de auto-ajuda pra criança, Monteiro Lobato por incrível que pareça, as pessoas acham que não tem, mas ele também... nos livros dele você acaba encontrando trechos de algumas histórias que falam muito de auto-ajuda, falam sobre as diferenças, respeito... e tem um outro, ele não é brasileiro, não me recordo o nome... são vários títulos da série Terapia... e todos eles tratam de assuntos que são importantes pra criança: amizade, felicidade, carinho, respeito...e todas essas coisas que a gente tem que trabalhar com eles quando pequenos, porque não adianta a gente querer trabalhar isso depois da pessoa já formada, então tem que ser desde pequenos e por isso que eu gosto desses em especial.. é o Monteiro Lobato, Rubem Alves e os livros da Série Terapia.

P: Quando você fala do Monteiro Lobato... você poderia explicar melhor...

M: Tem uma história que é contada sobre uma violeta que acha que é mais importante que as outras porque ela nasceu de uma cor diferente no jardim...e é muito bonito...porque hoje em dia a gente vê esse tipo de preconceito na criança não porque a criança tem, mas porque é incutido pelos adultos... e essa historinha do Monteiro Lobato fala do orgulho dessa violeta, do desprezo que ela faz com as irmãs dela só por causa da cor e na realidade... na moral da história se você fosse comparar o que é melhor e o que é pior, quem teria que se orgulhar seriam as que tinham cor e não ela que era totalmente branca... ela se orgulhava de ser branca... então eu acho interessante e pras crianças é uma maneira gostosa e até produtiva de estar trabalhando essa diferença com eles sem estar ofendendo ninguém, sem estar rotulando ninguém, então eu gosto por causa disso.

P: E a série Terapia, conta um pouco...

M: Eu gosto desses livros porque tratam de temas que são complicados pra criança entender, mas a linguagem deles é bem mais fácil pra criança, as ilustrações, então eles tratam sobre doença, sobre morte, sobre relacionamento, são vários títulos que são tratados de uma forma bem mais simples, bem mais fácil mesmo pra criança e acho que são um dos melhores que eu conheço até hoje que tratam desses assuntos complicados de maneira bem mais simples pra eles.

P: Como é a sua opção por esses livros: projeto, necessidade da turma?

M: A mudança é bem visível porque como a gente sempre fala, o professor, o educador é o espelho pra criança e a partir do momento que você começa a oferecer essas oportunidades boas a eles, eles se agarram àquilo porque a nossa palavra pra eles é lei... eu não digo lei assim como uma ditadura, mas lei que a gente deve aproveitar da melhor maneira possível e hoje como as situações que a gente vem vivenciando no Brasil, de uma certa forma, a melhor maneira de estar mudando alguma coisa é através do hábito da leitura, da informação e recorrer a isso porque eu acho que é a melhor forma de você tentar resolver as coisas, de você adquirir mais conhecimento, é através da leitura mesmo... e introduzindo isso nas crianças... acho que é o melhor caminho mesmo.

P: Essa leitura como informação, como responder a um problema, refletir, de formação, mas em especial ao gênero auto-ajuda, que contribuição você vê nisso?

M: A gente percebe várias mudanças, a gente percebe que eles acabam de certa forma levando todas essas informações e essa ajuda pra dentro da casa deles, eles acabam cobrando também dos pais, na fala deles você percebe muita coisa que é trabalhada nos livros, que eles ouvem...

P: Por exemplo...

M: A questão mesmo assim do respeito, eu sou eu, meu amigo é meu amigo, meu irmão é meu irmão, você não pode cobrar isso de mim porque eu sou eu, se meu irmão faz, se meu amigo faz, ele faz porque são diferentes de mim. E é a questão do respeito mesmo, se o pai ou a mãe vai cobrar alguma coisa eles também cobram... você tá cobrando... tipo assim, uma questão bem do dia-a-dia: “nossa pai, nossa mãe, você tá atrasado hoje!”, “eu não trouxe determinada coisa hoje pra escola, porque você não me deu, você não me ajudou”... Então eles acabam cobrando também a responsabilidade, eles acabam percebendo que eles têm direitos e que eles também podem estar cobrando certas coisas assim... à partir do momento que eles são cobrados... É interessante porque eles estão crescendo.

P: Quando você escolhe esses livros pra criança, quais os aspectos mais importantes: tema, capa, ilustrações, autor, o que é privilegiado? Conta um pouco da escolha/opção do livro.

M: Eu acredito que a princípio a grande maioria primeiro se prende ao tema... depois que a gente tem acesso ao tema pra crianças, então a gente parte pro lado da ilustração porque já chama a atenção, um outro atributo pra criança estar ali mais empolgada pra estar tratando desse assunto... a questão da quantidade de páginas, de escrita, na idade das crianças que eu trabalho eu já não me prendo muito, porque na maioria das vezes quem faz essa leitura sou eu com eles. Então é mais o tema e a ilustração... se no caso a ilustração é pobre, aí eu procuro assim... estar usando um pouquinho de criatividade pra estar melhorando isso pra chamar a atenção da criança, quando é realmente necessário trabalhar aquele tema.

P: Se a ilustração é pobre, como você faz?

M: Eu de certa forma tenho facilidade pra desenhar, pra essas coisas todas e os meus alunos sabem disso... Então eles acabam cobrando, então eu faço uma pré-leitura e procuro estar pegando dessa pré-leitura e até aproveitando a ilustração pobre e dando uma melhorada pra estar apresentando pra eles, porque chama bastante a atenção deles por eles não lerem ainda, não serem alfabetizados

convencionalmente, então eu procuro dar uma melhoria nisso pra chamar a atenção deles, assim pra prender mais...

P: Então é você que faz a ilustração?

M: É... quando é muito pobre assim e sinto a necessidade porque eles vão cobrar isso, então eu acabo fazendo.

P: O que é ilustração pobre pra você?

M: É que o desenho pra criança nessa idade, eles usam muito da fantasia... quando falo da ilustração pobre são aqueles desenhinhos que realmente não chamam a atenção, não levam a criança a imaginar o que vem atrás daquilo, daquele desenhinho que tá lá... é uma ilustração sem aquele magnetismo, da criança poder entrar ali e imaginar que atrás daquela borboleta tem um céu... mais ou menos isso...

P: Como são feitas as leituras? Tem um projeto, onde você define objetivo, justificativa, o livro é adotado, é homeopática, é oral? Comente sua proposta de trabalho a partir desses livros.

M: Faz parte mesmo do projeto de aula, de programação pro ano, o contato com a leitura. Então, todos os dias eles têm esse momento de contato e pra estar selecionando esses livros, acabei aproveitando isso daí pra estar colocando mesmo esses livros, pra não ficar aquela coisa solta, levando qualquer tipo de coisa pra sala de aula... às vezes acontece de alguma criança trazer alguma coisa que eu avalio pra ver se é adequado. Mas faz parte de um projeto mesmo, de estar trabalhando, levando a leitura, um conhecimento a mais pra eles.

P: São leituras orais, um pouquinho por dia? Conta o livro todo... conta um pouco do movimento da opção do livro e do seu trabalho em sala de aula, da leitura oral, do debate entre os alunos...

M: Depende muito... às vezes é... uma leitura curta, então é só naquele dia, a gente comenta a leitura, a criança acaba ilustrando alguma coisa... se é um tema

mais marcante que a gente percebe que tem mais interesse a eles... nós conversamos bastante sobre o assunto... eles acabam percebendo a necessidade de estar trabalhando... eles começam a perceber que existem certas dificuldades com alguns amigos e até mesmo com eles e através desse trabalho todo de conversar, ou ele vir e contar alguma coisa que aconteceu ou relembrar algum trecho do livro, ou até alguma atividade desenvolvida em relação ao livro, eles acabam transferindo isso mesmo assim para o dia-a-dia e acabam ajudando a determinada criança que está com problema e até o grupo mesmo, né... Então é um trabalho que vai fluindo assim no dia-a-dia mesmo e eles acabam usando assim de todos esses recursos, se têm alguma dúvida, eles vêm e perguntam... é um trabalho super interessante mesmo assim...

ENTREVISTA – JÚLIA

P: Como você conheceu os livros de auto-ajuda para adultos?

J: Sempre tive curiosidade e acesso em livrarias e bibliotecas com diferentes tipos de livros. Portanto, tive acesso também aos de auto-ajuda.

P: Qual a importância da leitura dos livros de auto-ajuda para você? Em relação a outros gêneros, a um determinado autor, leitura diária/casual, de “cabeceira, uso pessoal, profissional?

J: Há alguns anos tive uma perda muito grande. Com isso, vivia em depressão, um grau de ansiedade muito grande e até síndrome do pânico. Busco esse tipo de livros como reflexão, equilíbrio e em alguns momentos até para dar forças e me iluminar quando necessito tomar alguma decisão ou quando me sinto angustiada e triste. Além desse tipo de livro (auto-ajuda), diariamente defronto com livros e apostilas envolvendo a Educação (Faculdade) e profissionalmente para me atualizar.

P: Como você lê os livros? Seleciona pelo índice? É uma leitura linear, do início ao fim? Escolhe um capítulo que considere mais apropriado?

J: Costumo ler quando sinto necessidade. Geralmente escolho algum capítulo que me interesse mais no momento. Compro em livraria, Nobel, empresto, retiro de biblioteca. Leio em qualquer lugar, não há um lugar específico.

P: Destaque os livros marcantes que você leu e conte um episódio, caso tenha, com alguns livros/autores que marcaram

J: Gosto dos livros de Paulo Coelho, mas tem um que sempre retomo: "O Pequeno Príncipe"....."Somos eternamente responsáveis por aquilo que cativamos". São Francisco de Assis – "Comece fazendo o que é necessário, depois o que é possível e de repente você estará fazendo o impossível".

P: Por que você trabalha/trabalhou com livros de auto-ajuda para crianças?

J: Quando sinto necessidades da turma. Independentemente acho que a escola nos dias de hoje também acumulou a função de orientar além de alfabetizar, "Relações de ensino", acredito muito

P: Como você conheceu os livros de auto-ajuda para crianças?

J: Na biblioteca da escola que atuo possui vários livros. No entanto, quando sentimos necessidade de utilizar algum material, dentro do possível, a APM adquire.

P: Destaque assuntos/temas/autores/obras de auto-ajuda para crianças.

J: "Os porquês do coração": morte, luto, separação, saudade

"A cidade que mudou de nome": temperamentos das pessoas, desencontros, mal-estar, mal-humor, desconforto e infelicidade, diferentes temperamentos se completam e harmonizam, produzindo uma ação comunitária positiva.

"A colcha de retalhos": resgatar o valor das memórias da identidade de cada um, relação afetiva na família, a criança aprende a amar e ser amada.

"Mirradinho": Identidade, tolerância, lidar com frustrações, angústias, crescer psicologicamente.

Todos os livros são da "Coleção Viagens do coração"...autor: Conceil Corrêa da Silva e Nyl Ribeiro Silva e ilustrações de Semíramis Paterno.

P: Quando você escolhe os livros de aa para crianças, quais são os aspectos importantes na escolha: tema, capa, ilustração...

J: Na maioria dos casos para atender as expectativas e necessidades de meus alunos, moral da história. Em particular, gosto muito da maneira que o Conceil aborda estes temas, pois ele tem como objetivo atingir o universo sensível da criança, através de uma linguagem simbólica e lúdica...expandindo seus horizontes, enriquecendo-a com novas experiências e despertando nela uma curiosidade maior sobre a vida, as pessoas e o mundo que a cerca.

P: Como são feitas as leituras com seus alunos? Conte um pouco do seu trabalho. É projeto? Livro adotado? Lê oralmente, trechos do livro?

J: Geralmente através de Projeto. Fazemos a leitura na hora da leitura, em duplas pois somente temos vinte exemplares, enfoque na compreensão. Em seguida, desenvolvo uma leitura pautada, com enfoque no conteúdo, com o objetivo de que os alunos compreendam a mensagem do texto e respondam questões referentes ao conteúdo. Rapidamente, faço um enfoque estrutural do texto: organização, tipo de texto. Enfatizo em seguida o enfoque discursivo, ou seja, o aluno se interagindo com o texto, buscando os efeitos que o texto produz nos alunos e contribuições onde requer reflexão, discussão, análise e síntese, levando-se em consideração os processos cognitivos do aluno. Com isso me preocupo com o tipo de questões a serem elaboradas: antecipação, transformação, inferência, crítica, extrapolação, resolução de problemas e sentimentos. Preocupando-se com um indivíduo crítico – reflexivo e transformador.

TRANSCRIÇÃO – LEILA

P: Como você conheceu os livros de auto-ajuda para adultos?

L: Indo em livrarias, geralmente a editora sextante que eu conhecia, vendo na contracapa, em catálogos e fuçando em bibliotecas e nas livrarias em si... que sou uma rata de biblioteca. Então, eu procurava aqueles de Histórias para aquecer o coração que saiu de adultos, para aquecer o coração das mulheres, das mães, para aquecer o coração dos adolescentes... Como eu trabalho em um projeto sócio-econômico-educativo e aí fui procurando. Aí descobri que tinha uma linha pra crianças mesmo, livros de auto-ajuda e fui atrás procurando.

P: Qual a importância da leitura dos livros de auto-ajuda em relação a outros gêneros? É uma leitura diária, casual, de cabeceira, pra consulta, de uso pessoal pra ajudar a resolver problema pessoal/profissional? Qual a importância desse gênero nas suas opções de leitura?

L: Bom... eu leio assim como professora pra passar uma dinâmica, um texto gostoso pros pais eu uso também e procurando na Internet a gente vê que tem vários títulos, que tem coisa boa né... e também pra mim assim... na verdade não tenho muito tempo, eu gosto mesmo é de um bom romance, mas os livros de auto-ajuda mais pra ajudar as crianças que têm dificuldade e pra estar passando uma mensagem boa e positiva em reuniões, coisas do tipo... né.. livros de cabeceira... como a faculdade toma muito tempo depois da aula também não digo que é um livro de cabeceira, mas sempre que eu preciso eu sei um livro onde tem um texto bom, uma coisa gostosa pra estar lendo e as minhas amigas da faculdade e na escola também me procuram muito perguntando como você lê, ou o que tem tal livro... e eu vou falando.

P: Mas quando as pessoas procuram você, por que elas te procuram, qual o motivo?

L: Elas falam assim: "você que lê bastante, conhece tal livro que fala de tal coisa"... aí eu já vou falando... que conheço um livro, às vezes eu nem li o livro, mas sei que tem aquela gostosa para ela estar lendo... e eu já indico pra ela.

P: Eu gostaria que você destacasse os livros mais marcantes de auto-ajuda ...e que contasse um episódio alguns livros/autores que possam ter ajudado em determinado momento.

L: Eu conheço mais aquela série... da Selma Said... que fala sobre os livros das virtudes, né... pra trabalhar com as crianças, e uma segunda série que foi reorganizada, e algumas crianças estavam na cadeia, elas não tinham um modelo pra estarem seguindo e eu escolhi esse livro pra estar trabalhando com eles... então cada dia uma virtude e tem uma história no começo, eles queriam fazer teatrinho... no caso tinha criança que o pai estava preso, que a mãe é usuária de droga, várias coisas assim, então é um livro gostoso pra estar trabalhando com eles... e foi a partir desse livro... surgiu o 2 também... e tem o grande livro das virtudes também que é um livro grosso e as crianças cada dia liam mais, faziam mais coisas, nós fizemos joguinhos... eles foram se interessando e eu vi que é um tipo de leitura que agrada mesmo.

P: Embora você já tenha tocado nesse assunto, eu gostaria que você falasse um pouco mais do por quê trabalha com livros de auto-ajuda para crianças?

L: Porque são livros mais fáceis de trabalhar... o tema tá ali pra você assim, temas que você pode crescer com eles e a criança vê um significado no que você tá falando. Então eu sinto que melhorava o comportamento deles, a auto-estima principalmente e as aulas foram ficando mais gostosas, que no começo eles tinham problema de comportamento, indisciplina, não queriam ir na escola e depois eles começaram a sentir um gostinho também pela leitura um prazer, uma coisa assim... alguns assim não sabiam ler, mas eles começaram a ter vontade de estar participando com todos os outros alunos.

P: Mas, esse interesse, essa opção partia de que necessidades da turma? Conta um pouco mais... fala um pouco mais dessa necessidade que surge.

L: *É que no projeto que eu trabalho à tarde é bem variado... porque esse último ano aqui eu tive um aluno que o pai foi assassinado, um outro, o tio foi assassinado, foi tudo assim bem rápido e as crianças... de repente elas paravam, não tinham vontade de nada, aí eu pegava os livros assim: Histórias para aquecer o coração... tem várias histórias onde você escolhe algumas que a pessoa está passando por aquela situação e aí eu escolhia aquele texto e trabalhava com eles aí todo mundo lia e se ele quisesse, ele participava, ou então ele ficava de lado...mas aí com o tempo ele também... na primeira aula se ele não queria, a aula seguinte, alguém levava pra ele ler e o aluno começou a ter vontade em ler porque aquela dor dele ele viu que não era só dele. Aí ele sentiu que as coisas não acontecem só com a gente, que em outros lugares mais pessoas passam por aquilo e eles aprendem a ver assim de uma outra forma também, então eu achei que nessa parte assim os livros têm aquela mensagem e atingem melhor a eles.*

Tem os dos adolescentes que têm vários títulos, tem um que é "Por que os meninos gostam de meninas?"E tem uma série de itens, eles falam por que, até eu levei pra votação, as meninas acharam legal... e nós fizemos um outro "Por que as meninas gostam de meninos?"... ou eu to trocando viu, porque eu sou meio confusa.. rsrs... aí depois assim eles foram "tia, tem mais texto?"Até tem criança que quer levar o livro pra casa..então nós começamos a digitar ele tem a pastinha ou copiam, querem levar na escola... que eles ficam de manhã na escola (de quinta a oitava) e à tarde eles ficam comigo, com outras pessoas e com os monitores e nesse horário eles têm pra ler, pra fazer o que eles querem, mas eles brigam, a gente sabe os problemas deles e com esse tipo de leitura eles foram gostando de ler. Na escola eles só dão problema, só trabalho. Um pula o muro, o outro brigou, deu um murro no professor, então eles foram acumulando um monte de coisas negativas. E aí a gente costumou puxar os textos para nossa sala de aula, porque queria ou não, é uma sala de aula e eles não queriam estudar, fazer lição, não dá... então tinha que correr atrás deles: "vem pra sala, vamos fazer! Não, dona! A gente estuda na escola, não quero saber!". Então é uma leitura que

pra eles vai assim, agradando mais, e os de adolescente tem umas coisas muito bonitas. Como são vários, alguns eu já falei os que a gente trabalhou, tem o das fofoqueiras também que tem as mexeriqueiras e elas estavam assim fervendo, brigavam por causa de fuxico... aí nós levamos o da fofoqueira e assim.. "ai dona é verdade, né que quando a gente fala mal de alguém isso aí é difícil depois". Aí a gente passa pra eles assim "e se fosse você?". Aí a gente puxa assim pra uma reflexão também, e eu acho isso positivo, alguns queriam desenhar, outros perguntavam "não tem um filme que fale sobre isso?". Aí a gente procura conversando com outros professores se eles conhecem algum filme que pudesse ser levado... aí a gente vai tentando tornar... aí vira projeto e eles vão gostando.

P: Como você conheceu os livros de auto-ajuda para crianças?

L: O primeiro livro de auto-ajuda é um livro que tem um coraçãozinho na capa... antes do "Se ligue em você"... "Coração que bate, sente!"... esse livro é lindo.. como chama a autora?... não lembro... tinha outros também. É que os professores não tinham na época coordenadores que gostavam de estar lendo, estar procurando essas coisas... Também leitura é uma coisa bem particular do professor... ou ele gosta ou ele não gosta... E geralmente tem aquela desculpa do salário que é pouco, ele não vê que tem aquela biblioteca imensa... então a gente já vai fuçando, eu já pego catálogo de editora, vou procurando. Depois que a minha filha nasceu também às vezes ela falava o que ela podia ler, mas depois que ela aprendeu a ler, parece que domina o mundo... e aí comecei a procurar... e minha filha deu impulso nessa parte também e ela gostava de ler... e aí eu pensei "Vai dar certo com outras crianças". No colégio onde ela estuda, colégio particular, eles trabalhavam essa parte também. Com as aulas da rede pública é bem mais fácil estar entrando em contato e por ser mãe de aluno e conhecer os coordenadores e professores, minhas amigas e que inclusive estudaram na UNICAMP também... então acho que tive possibilidade também e quando entrou o letramento não se usava mais cartilha, é o que elas me falavam, então a gente procurava nos livros uns trechinhos, aquelas mensagens bonitas e a maioria vem desses livros também.. então essa foi uma ponte que se abriu, uma janela, uma

porta por onde fui passando e melhorando também.. só que aqui na minha turma, muita gente conhece outros livros também, outros professores de escolas particulares e a gente vai trocando idéias.

P: Destaque os assuntos, temas, autores e obras pra crianças. O que você sente da turma, a ponto de influenciar sua opção? Gostaria que você falasse um pouco mais...

L: Tem o livro das virtudes da Selma Said que já começa com o joguinho das virtudes, que ele começa fazendo uma adivinha pra criança descobrir de que virtude ela está falando e o livro dela tem uns desenhos maravilhosos... então acho que ela faz ilustração pro jornal de Sorocaba... acho que o Diarinho... as crianças adoram os desenhos... então eu trazia os desenhos também e fazia uns cartazes, escrevia também. Por exemplo, se hoje tivesse uma briga no recreio, a gente vai falar do que, de qual virtude? Então como tinha várias assim, a gente vai falar da amizade... a gente vai entrar pra classe, esqueciam tudo, tinha até uma coisa assim de relaxamento, a gente combinava, “agora vai falar de uma coisa, pode se desarmar... por que aconteceu tal coisa? Então a gente vai conversar”... e eu introduzia o que é amizade e tinha, assim, uns trechos bonitos e eu começava a trabalhar lendo com eles e eles prestavam bastante atenção e depois daquilo... no outro dia se tinha um aluno que não fazia a lição de casa... “vamos falar do trabalho, tem o trabalho ali... e o seu trabalho, qual é? Crianças, acho que é estudar, né?” O trabalho deles... fora isso, cada dia a gente ia puxando uma coisa, tem compaixão, tem títulos que é difícil você responder... “Tia, o que é amor? Tia, o que é compaixão? solidariedade?” Às vezes, fica difícil pra explicar direitinho, né? Até agora tem aquele comercial que fala sobre generosidade, do pão, que a mãe tinha uma padaria, eu acho aquele comercial lindo, explica bem o que é generosidade, ele é bem forçado pra aquela direção que a gente sabe qual é, mas pras crianças vendo aquele tipo de coisa, eles percebem o que é... que não é só estar dando as coisas, então esses livros respondem direitinho o que é.

Ela (Selma Said), lançou também o 2, seria pra uma turminha de terceira e quarta série. Ela lançou outro; “Querido guardião”, e ela vai trabalhando assim, de

uma forma assim começou de um jeito bem simples, ela vai complicando o assunto, e no último acho que tem até um diário direitinho, e as crianças gostam. Se você pega uma classe em seqüência dá pra continuar um trabalho. Eu sei que a minha turma gostou daquele trabalho, mas não continuou mais, porque eu gostava, a outra professora teve outras dificuldades, e não conseguiu... então junta aquele assim...

Tem aquele livro também "Toc...Toc...Plim...Plim..." , que é da Editora Ática, e ele trabalha os sentimentos, né... é um livro lindo. Ele tem dinâmicas, faz questionamentos...o livro tem várias atividades, trabalha com a criatividade, mas com os sentimentos também porque as crianças têm uma auto-estima baixa, geralmente. E naquele livro, elas é quem vão fazer o livro, então têm as perguntas tudo.. .mas quem manda no livro, quem direciona é a criança. Tem frases pra elas terminarem de completar e não tem erro... tá tudo certo porque ele que fez... e nós trabalhamos no projeto acho que o ano passado... xerocava as atividades, montávamos as apostilas e eles respondiam... no começo era chato porque era em sala de aula, mas no fim eles queriam. Falava assim coisas de amizade, desenhe seu amigo, se você fosse dar um presente pro seu amigo, o que você daria? Eles canalizavam as atividades também de ser um auto-conhecimento deles, eles usavam criatividade e se a criança está tirando algo de dentro pra estar passando pra classe inteira... e eu acho que é gostoso... alguém vai estar te ouvindo, então essa experiência pra eles foi ficando gostosa. Tem uns que não querem fazer de jeito nenhum, mas aí depois de rasgarem algumas folhinhas, estragarem outras, eles vêem que a turma toda está gostando... acho que são umas cem crianças, dessas 100, umas 15 no comecinho não gostavam, mas depois eles vêem que a apostila tá lá pra todo mundo, aí eles começam a se interessar.

P: Quando você escolhe os livros de aa para crianças, quais são os aspectos importantes? Se você fosse colocar em grau de importância, como você classificaria esses aspectos: capa, ilustração... Moral da história, etc...?

L: Eu vejo assim pela minha turma, pela minha sala de aula, quais são os problemas assim que mais estão pegando na hora... e em cima disso, um livro que tenha uma ilustração bonita, como esse da Selma Said, que além de ser bonito, parece que foi escrito com o coração dela parece... é um livro gostoso, e a criança olha. Eu deixo o livro pra eles e falo assim, esse livro é meu mas a gente vai estar olhando eles querem ler.. eu sinto pelo prazer que eles têm, tanto eles de folhear o livro e estar lendo, porque criança quando não gosta do livro joga no canto e não quer nem saber. Mas tem uma turminha que não consegue de ficar sem olhar o livro.

“Coração que bate, sente” é um livro que tem coisa muito bonita, um livro fininho, esse aí... fala sobre um menino que mudou de uma cidade, fala da rua, e só que muitos professores usam pra acoplar coisas de História e Geografia... acho que perde um pouco, acho que o livro de auto-ajuda tem aquela direção certa, o alvo específico, e às vezes o professor querer mudar e acaba estragando, né... eu penso mais assim nos problemas específicos da sala... eu penso assim que os livros de auto-ajuda pra criança o autor faz assim pro público alvo certo, então nós vamos trabalhar isso... às vezes tem gente que fala do preço do livro, infelizmente esses livros são caros... às vezes o autor escreve pouco, escreve bem e o livro é caro. Eu escolho pensando nas crianças, no momentinho que elas estão passando aí... o duro é que às vezes a gente não encontra.

A ilustração também pesa bastante, a forma que o autor coloca o assunto pra criança. Ou às vezes, quando o livro é muito complicado eu leio, faço uma releitura com eles, então na verdade é uma coisa da gente estar gostando e estar preparando pra eles. Se eu chegar e ler a primeira vez pra eles, eles vão perceber que eu acabei de pegar o livro e tô lendo pra eles, que eu nem sei o que tem que eles encham a gente de pergunta e depois eles sabem... e eu vou com as coisas bem preparadas, então eu gostei eles vão perceber isso... então é mais fácil passar pra eles.

P: Pra você é possível perceber que os livros escolhidos por você são necessários pra eles?

L: Em reuniões de pais eu chego a tocar nos livros, eu falo “olha, vou trabalhar com tal livro, já trabalhei, o que vocês sentiram?” Eles falam: “meu filho falou mesmo, minha filha leu o livro e gostou, contou pro irmãozinho, e me contou a história”... E teve até teve uma mãe que contou uma vez: “Você não imagina, ela queria que eu contasse uma história parecida e eu não sabia..ela falou mãe, você não sabe contar uma história assim? Não essas de Era uma vez... então mãe, tem livro diferente.” Então, as crianças assim, pelas conversas dos pais nas reuniões. Eles no recreio, outra turminha queria saber do livro que está sendo lido pra eles. Então tem uma coisa legal, as crianças levam pra outras crianças conhecerem... só que é um livro assim que ou você empresta o livrinho que eles fizeram ou você mostra a capa, o título e eles vão procurar.

P: Como são feitas as leituras com os alunos? É um projeto, livro adotado, costuma ler trechos oralmente? Comente sua proposta de trabalho com livros de auto-ajuda para crianças...

L: O livro não pode ser adotado pela escola, por ser um preço elevado e a escola geralmente já tem um livro de Língua Portuguesa adotado e eles dizem que fica muito caro. Então seria um livro assim, como a gente usa o paradidático, mas o paradidático assim que seja mais que o professor leva porque ele conhece o livro e porque eles querem que as crianças também usufruam da leitura, porque a secretaria da educação não se interessa tanto, querem um projeto sobre cidadania, água, coisas desse tipo e a criança mesmo pra eles... o professor mesmo que tem que se virar, né? Então eu coloco assim: tem um problema, eu vou pensando no que eu posso fazer pra resolver esse problema, então eu encaixo normalmente nas aulas de Português... aí Artes tem uma professora que dá, a gente não consegue pedir pra ela ler o livrinho e colocar porque ela..porque ela tem o plano dela, e a gente pouco se fala. Então eu acabo pegando uma parte da minha aula e eu faço tudo, tipo já trabalha a ilustração, a capa, o autor, levo a biografia, acho que aproveita em Língua Portuguesa. Aí em Matemática, também vou tentando colocar alguns fatos pra eles resolverem, se não tem ali no livro eu faço uma criação meio a parte, né? Vamos fazer de conta que fulano de tal, do

livrinho, foi na livraria, comprou isso, isso e isso, e vai fazendo as contas... e vai surgindo, como se fosse um projeto, mas é bem interdisciplinar... tento colocar o livro em todas as disciplinas das minhas matérias e assim acho que dá resultado, mas é cansativo e o resultado é uma coisa assim surpreendente também.

P: Mas aí você leva um livro seu, você faz xerox, se eles não podem comprar, como você leva o livro até eles?

L: Eu xeroco, geralmente a sala tem 30 alunos, então dá pra fazer grupos de 4. São 7 cópias que dá pra fazer, ou na transparência. Cheguei a tirar o livro inteirinho pra usa na transparência, aí a gente ia na sala de leitura e todo dia tinha um horário gostoso pra estar indo ou na biblioteca, ou na sala pro nosso encontro e aí a gente tinha a hora da reescrita, ou já tem o livro prontinho pra estar lendo, tirando dúvida só que depois daquilo... eles teriam que fazer a reescrita, o momento, o que eles acharam do livro, qual foi o pedaço do livro, se você gostasse de uma passagem do livro, o que você iria ilustrar? Que cor você ia usar? E vai surgindo um monte de outras coisas que dá pra trabalhar com aquele livro, então ele vira um livrão no final. E também pais que na escola é pública é difícil, as vezes um pai ou outro compra o livro também, mas é raro isso... mas geralmente a gente que leva o livro, a gente mesmo xeroca e aí o livro já fica... algumas crianças não querem devolver o livro e levam embora e no outro ano a gente faz outros... ou o mimeógrafo, que eu gosto de tirar as coisas no mimeógrafo, uma matriz bonitinha e aí dá pra fazer também...

P: E você tira o texto, a ilustração? Você faz o livro pra eles...?

L: A ilustração, eu faço que eles só olhem um momento e depois eles criam outras coisas, senão eles começam a só copiar, copiar, começa a não ter incentivo e nem criatividade e mas assim a parte escrita, eu trabalho o autor, o livro sai mais ou menos assim, de cabo a rabo, aquela coisa de não podia comprar e quero ter o livro, então você vai ter, mas até o autor eles assim quem foi o autor? Não fomos nós... esse daqui, esse foi o autor do livro e o ilustrador... o ilustrador pode ter sido você, tá diferente? Não tá igual? Então eles colocam até o nome deles, então tem

até algumas situações gostosas. Trabalho editora, a paginação, a revisão, eu peço pro amiguinho ler o livro do outro, aí eles falam: “Tia, precisa melhorar aqui”. Eles vão vendo, a gente descobre crianças que desenham muito bem, que tem um dom assim, então a gente faz exposição dos livros, aí os pais chegam a comentar e dessa forma dá pra trabalhar o livro de um jeito gostosinho... se eu der pra eles e falar” “leia de tal página a tal página”. Só a leitura não adianta, então o livro tem que ser bem conversado, uma coisa que você pega hoje, amanhã, se o momento não tá muito bom, você deixa ele um pouquinho de lado, mas se surgir outra motivação você volta com o livro, então não é um livro que fica esquecido, ele vai e volta, então às vezes eles falam que querem pegar outra coisa, a gente pode parar com ele, começar outra coisa, é uma coisa gostosa esse vai e vem que não se perde. Então às vezes tem uma outra situação que lá na frente do livro uma coisa que encaixa ali... é gostoso. Os de crianças, tô conhecendo uma variedade melhor, tem uns livros de auto-ajuda assim bem pequenininhos pra primeira série, outros pra segunda que a criança tem que saber ler às vezes... e tem uma fase que ela não sabe ler mesmo. Então agora eu sei que têm outros livros, assim como tem outras editora que escrevem livros lindos, só os preços mesmo que são muito salgados... até tem como chama... um livro bonitinho: “Um dia daqueles”, é de auto-ajuda, né?, dos animais, são livros lindos... quando eu trabalho animais eu sempre levo aquele livro e falo das figuras, das fotos, mas tem criança que lê o livro inteirinho na segunda série... não consegue parar... até acho que a gente é assim... eu deixo que a criança leve pra casa o livro. Eu tenho um a biblioteca particular em casa, eu levo meu acervo também na escola, porque os da biblioteca não pode rasgar, não pode escrever, a criança gosta de fazer isso... o da biblioteca não dá pra fazer isso... às vezes pega uma diretora que não deixa nem tirar o livro da estante... então eu falo: “é meu livro pode levar”... Eu tenho duas cópias desse “Um dia daqueles”, eles levam pra ler com a mãe.

Agora saiu “A incrível verdade sobre as mães”. É lindo! Eu descobri uma outra editora agora que tem um livro lindo então são livros bonitos, são caros, mas valem a pena... então se eu vou em shopping ou em papelarias e tem livros, eu tô lá... pego o livro, aí eu viro na contra-capta tem mais livro ainda, aí eu pergunto

“tem mais livro”, aí ela responde “vai chegar tal dia” e no tal dia eu tô lá pra comprar, aí eu olho de novo na contracapa e se tem eu vou, acho que é mania, tem gente que tem mania por roupa, as meninas falam que eu tenho mania por livro. Então acho que é daí também... mas é gostoso, até a minha filha fala: “mãe esse livro aqui é pra mim, eu vou arrancar todos os seus livros, eu vou queimar” ela dizia quando não sabia ler. Hoje ela fala: “você deixa esse livro pra mim, posso levar na escola pra minha tia ler?”. Agora tem que dividir com ela e com as crianças da escola. Ela fica brava comigo... mas acho que os livros que estão aumentando são esses mais direcionados, acho que o professor pode falar disso, às vezes tem aula de Ciências, História, Geografia, mas se ele tiver um jeitinho, ele começa inserir essas coisas no dia-a-dia das crianças, e mais assim falar de virtude, mesmo as fábulas, falam que uma boa fábula é tudo, mas eu acho que esse livro de virtudes aí eles estão bem melhor elaborados, com uma situação do dia-a-dia, uma solução prática também, acho que é até melhor pra trabalhar.

P: E o “Se ligue” em você...?

L: Conheço, esse “Se ligue” em você foi uma professora que tinha o xerox e eu pedi pra estar lendo e fala que existe uma luzinha, mas esse livro é um pecado, porque ele colorido é mais bonito que o xerox, se bem que todos são melhores no originais. Mas esse livro é bonitinho. E até tem uma terceira série que trabalhou esse livro e colocou em prova, aproveitou o texto, foi um livro muito bonito. E a professora que fez isso é minha amiga e ela também gosta desse tipo de leitura e a gente troca coisas, né?

P: A gente vê na sua fala... nas necessidades dos professores de trabalhar a auto-estima, a criança como indivíduo, com dificuldades próprias, que perde pessoas queridas, então talvez esses livros vão de encontro com essa necessidade....

L: Até tem um outro livrinho... “para que sua vida se transforme”, é um livro que tem 2 volumes, são lindos... e começando tem um texto lindo. Começou assim, no dia que tem uma reunião de pais, vamos levar um texto bacana, a gente vai procurando... só que aí a gente também passa por problemas que os livros

ajudam mesmo e as crianças têm muito mais problemas do que nós, e hoje em dia acho que as crianças têm pais que estão se separando, têm avós que estão morrendo, que ninguém fica pra semente, né?... E assim perdem pais, a violência tá muito grande, a agressividade, essa coisa pra não ter dinheiro pra comprar um pão. Tem crianças que passam por umas coisas que a gente nem imagina e quando a gente fica sabendo, a gente fica desarmado também... Como você vai trabalhar? Não justifica umas atitudes que eles têm, mas tem criança que não é culpada de nada... vê tio levando tiro, viu o tio levando tiro na frente dele, essa criança chegou na escola revoltada, o primeiro que ela viu na frente, ela descontou, não teve como falar nada... E tem crianças assim que o pai é assassinado... é diferente o pai que estava doente e você vê um pai que num assalto levou um tiro. Eu, na minha situação, trabalho com crianças de risco, então se eles não ficarem na casa do parque (projeto que ela trabalha), eles ficam na rua cheirando cola ou às vezes eles podem ser aliciados pra vender drogas, ou até pra roubar, eles têm uma realidade muito dura... isso não é nada perto do que eu passei... então eles vêm que naquela história a pessoa passou, porque aquilo acho que você consegue ver os dois lados, então nesse ponto aí acho que é muito positivo trabalhar com esses livros.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Márcia (org.) *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; FAPESP, 1999.
- ASBAHR, Melissa C. C. *Produção Cultural para crianças: Livros de auto-ajuda*. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Educação, UNICAMP, 2001.
- _____.; FERREIRA, Norma S. Livros de auto-ajuda para crianças: uma coleção. *In: Revista Pro-posições*. Universidade Estadual de Campinas, vol.13, n. 37, jan./abr. 2002, p. 186 – 199.
- BATISTA, Antonio A. G. & GALVÃO, Ana M. De O. *Leitura: Práticas, impressos, letramentos*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 1999. (Linguagem e educação)
- BATISTA, A.A.G. Os professores são “não-leitores”? *In: Leituras do professor*. Marildes Marinho, Ceris Salete R. da Silva (orgs). Campinas: SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB, 1998.
- BARZOTTO, Valdir H. (org.) *Estado de Leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999.
- BAUDRILLARD, Jean. *A Troca Impossível*. Tradução de Cristina Lacerda e Teresa Dias Carneiro da Cunha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- _____. *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução Mauro Gama, Cláudia Martinelli. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- BORDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução Fernando Tomaz (português de Portugal). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- _____. *A economia das trocas simbólicas*. Tradução Sérgio Miceli, Silvia de Almeida Prado, Sonia Miceli e Wilson Campos Vieira. São Paulo: Editora Perspectiva.
- _____. *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. São Paulo: Zouk, 2002.
- BRAGA, Elizabeth S. *Memória e narrativa da dramática constituição do sujeito social*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP: 2002.

- BRIGGS, Asa & BURKE, Peter. *Uma História Social da Mídia: de Gutemberg à Internet*. Tradução Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- CERTEAU, Michel. *A escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- _____, Michel. *A invenção do cotidiano: Artes de Fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1994.
- CHAGAS, Arnaldo T. S. *A ilusão no discurso da auto-ajuda e o sintoma social*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1999.
- CHARTIER, Roger. *Cultura Escrita, Literatura e História*. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.
- _____. *A ordem dos livros: Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução de Mary Del Priori. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.
- _____. (org.) *Práticas de Leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- _____. *Leituras e leitores na França do Antigo regime*. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário*. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Globas, 2003.
- DARNTON, Robert. História da Leitura. In: *A escrita da história: novas perspectivas*. Peter Burke (org.). tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- _____. *O grande massacre de gatos e outros episódios da História Cultural Francesa*. Tradução de Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DEMO, Pedro. *Dialética da Felicidade: Olhar sociológico pós-moderno*. (volume I). Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2001.
- _____. *Dialética da Felicidade: Insolúvel busca de solução*. (volume II). Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2001.
- ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos indivíduos*. Tradução Vera Ribeiro; revisão técnica e notas, Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

- _____. *O processo civilizador: Formação do Estado e Civilização*. Tradução da versão inglesa, Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993, volume 2.
- FERREIRA, Norma S. A. . *A pesquisa sobre leitura no Brasil: 1980 – 1995*. Campinas, SP: Komedi; Arte Escrita, 2001.
- FREITAS, Cezar & Kuhlmann Jr., M. (Orgs.) *Os intelectuais na História da Infância*. SÃO Paulo: Cortez, 2002.
- GALVÃO, A. M. de O. *Cordel: leitores e ouvintes*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2001.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GOMES, Purificacion B. *O método terapêutico de Scheerazade: Mil e uma histórias de loucura, de desejo e cura*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2000.
- GOULEMOT, Jean-Marie. *Esses livros que se lêem com uma só mão: Leitura e leitores de livros pornográficos do século XVIII*. Tradução de Maria Aparecida Corrêa. SÃO Paulo: Discurso Editorial, 2000.
- HEELAS, Paul. *The New Age Movement*. Cambridge, Massachusetts, USA: Blackwell Publishers Ltd, 1996.
- HILLMAN, James. *Tipos de poder: um guia para o uso inteligente do poder nos negócios*. Tradução Sônia Régis. São Paulo: Cultura Editores Associados: Axis Mundi, 2001.
- HUNT, L. *A Nova História Cultural*. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LACERDA, Lílian M. de. *Álbum de leitura: memórias de vida, histórias de leitoras*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Belo Horizonte: MG, 1999.
- LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *A formação da Leitura no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- LASCH, Christopher. *A mulher e a vida cotidiana*. Tradução de Heloísa Martins Costa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- LEVI, Giovanni. *Sobre a micro-história*. In: *A escrita da História: Novas perspectivas*. Peter Burke (org.) São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

- LICHTENSTEIN, Jacqueline. *A pintura: Textos essenciais*. Vol. 1: O mito da pintura/ Organização de Jacqueline Lichtenstein; coordenação da tradução de Magnólia Costa. São Paulo: E. 34, 2004.
- LIMA, Luiz C. *A Literatura e o Leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- LIMA, Luiz C. *Teoria da cultura de massa*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- MARINHO, Marildes (org.) *Ler e navegar: Espaços e percursos da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2001.
- MORAES, Ana A . Histórias de leitura em narrativas de professoras: uma alternativa de formação. In: *Entre Leitores: Alunos, Professores*. Campinas, SP: Komedi: Arte Escrita, 2001.
- MORIN, Edgard. *Para sair do século XX*. Tradução de Vera Azambuja Harvey. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- OLIVEIRA, Paulo de S(org.) *Metodologia nas Ciências Humanas*. São Paulo: Hucitec/unesp, 1998.
- ORTIZ, Renato(org.) *A sociologia de Pierre Bordieu*. São Paulo: olho d'Água, 2003.
- PALLARES-BURKE, Maria L. *As muitas faces da História: Nove entrevistas*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.
- PESAVENTO, Sandra J. (org.). *História Cultural: Experiências de Pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. Tradução Carlos Vogt. Campinas – SP: Pontes, 3^A edição, 2001.
- RENNER, Rolf G. *Edward Hopper 1827-1967: Transformaciones e lo real*. Tradución: Enrique Knörr. Benedikt Taschen Verlag GMBH, 1991.
- ROMANCINI, Richard. À procura dos leitores: descrição do início de uma pesquisa de campo. In: *Administração On Line: Prática – Pesquisa – Ensino. (FECAP)*. São Paulo: volume 1, número 3 (julho/agosto/setembro 2000).
- RÜDIGER, Francisco. *Literatura de auto-ajuda e individualismo*. Porto Alegre: Editora Universidade. UFRGS, 1996.

SENNET, Richard. *A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Recor, 2001.

_____. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. Tradução de Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SERRA, Elizabeth D. (org.) *30 anos de Literatura para crianças e jovens: algumas leituras*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil (ALB), 1998.

_____. (org.) *Ler é preciso: seminário realizado no I salão do livro para crianças e jovens da Fundação Nacional do livro infantil e juvenil*. São Paulo: Global Editora, 2002.

SEVERIANO, Maria de F. V. *Narcisismo e publicidade: uma análise psicossocial dos ideais do consumo na contemporaneidade*. São Paulo: Annablume, 2001.

STAROBINSKI, Jean. *Ação e Reação: Vida e aventuras de um casal*. Tradução de Simone Perelson. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. *As máscaras da civilização*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

TARDELLI, Gláucia M. P. *História de leitura de professores: a convivência entre diferentes cânones de leitura*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: 2003.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna*. Tradução do Grupo de estudos sobre ideologia, comunicação e representações sociais da pós-graduação do Instituto de Psicologia da PUC-RS. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

TUCHMAN, Maurice; DUNOW, Esti; PERLS, Klaus. *Soutine: Catalogue Raisonné-Werkverzeichnis*. Köln, GmbH: Taschen, 2001.

